

Tese de Doutorado

**“O discurso de jornalistas na
atividade de trabalho em
jornais locais e independentes
no Brasil e na França: uma
análise ergológica e
semiolinguística”**

“Julia Caroline Goulart Blank”

Julia Caroline Goulart Blank

**O DISCURSO DE JORNALISTAS NA ATIVIDADE DE TRABALHO EM
JORNAIS LOCAIS E INDEPENDENTES NO BRASIL E NA FRANÇA: UMA
ANÁLISE ERGOLÓGICA E SEMIOLINGUÍSTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de doutora em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas e coorientação do Dr. Jean-Luc Denny.

Passo Fundo

2023

CIP – Catalogação na Publicação

B642d Blank, Julia Caroline Goulart
O discurso de jornalistas na atividade de trabalho em jornais locais e independentes no Brasil e na França [recurso eletrônico] : uma análise ergológica e semiolinguística / Julia Caroline Goulart Blank. – 2023. 4 MB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas.
Coorientador: Dr. Jean-Luc Denny.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Redação de textos jornalísticos. I. Freitas, Ernani Cesar de, orientador. II. Denny, Jean-Luc, coorientador. III. Título.

CDU: 800.85

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

:



PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese

“O discurso de jornalistas na atividade de trabalho em jornais locais e independentes no Brasil e na França: uma análise ergológica e semiolinguística

Elaborada por

Julia Caroline Goulart Blank

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração: Letras, Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso”

Aprovada em: 12 de dezembro de 2023
Pela Comissão Examinadora

Prof. Dr. Emami Cesar de Feitas
Orientador – Presidente

Prof.ª Dr.ª Maria Eduarda Giering
UNISINOS



Documento assinado digitalmente
GISELENE FEITEN HAUBRICH
Data: 14/12/2023 14:06:23-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

PROF. DR.ª GISELENE FEITEN HAUBRICH
VRIJE UNIVERSITEIT AMSTERDAM

Prof. Dr. Luis Henrique Boaventura da Silva
Pesquisador e Egresso

Prof.ª Dr.ª Marlete Sandra Diedrich
UPF

Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Agradecimentos

Muitas vezes os caminhos não são fáceis, as estradas são longas e as curvas, perigosas. Perder-se nesse tortuoso trajeto é algo mais rápido que um estalar de dedos. Por isso é tão importante viajar acompanhada, ter alguém que te guie pelo grande mapa dessa aventura chamada pesquisa. Alguém que te mostre por onde andar ao longo dessa jornada que parece estar no fim, mas está apenas começando. Um orientador, ou melhor, dois! Professores Ernani Cesar de Freitas e Jean-Luc Denny, os principais responsáveis por garantir a qualidade deste trabalho. Dois profissionais incríveis que eu tive a sorte de conviver durante essas andanças que chamamos de doutorado. Fica minha eterna gratidão por disponibilizarem seu tempo e seus saberes para me auxiliar a concluir esse projeto tão importante para mim.

Bem guiada, encontrei mais viajantes, pessoas que embarcaram na mesma aventura e que, como eu, começaram apenas com um sonho e com muita determinação. Agradeço a colaboração das pessoas de todo o grupo de pesquisa coordenado pelo professor Ernani que, além de compartilharem o mesmo objetivo, nunca deixaram de lutar para que todos vencessem em conjunto. Um agradecimento especial para a Elaine Ribeiro, minha parceira de trabalhos, apresentações e artigos, aprendemos muito e fomos abrigo uma da outra até as tempestades passarem. Esse reconhecimento se estende ao Eduardo Antunes e a Fernanda Royer, meus amigos e colegas de trabalho, aqueles que eu sabia que sempre podia contar, seja para resolver alguma coisa no IFRS ou simplesmente para falar sobre a vida acadêmica em geral.

Uma viagem bem-sucedida exige meios adequados para que possamos concluí-la. E aqui ficam os meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, que me permitiu evoluir interagindo com profissionais de alto nível de qualidade acadêmica e, principalmente, seres humanos maravilhosos, sempre dispostos a auxiliar seus estudantes. Também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado sanduíche; à Universidade de Strasbourg, pelo acolhimento durante o tempo que permaneci na França para a conclusão desta pesquisa; e ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Ibirubá, pela compreensão e incentivo para o meu desenvolvimento acadêmico.

Quando nos desafiamos a cruzar fronteiras (físicas e acadêmicas) queremos conhecer novas culturas, experimentar novos horizontes. Os jornalistas que participaram da pesquisa tornaram isso possível ao permitir que eu adentrasse, ao menos um pouco, em suas profissões

e suas vidas. A contribuição desses profissionais reavivou em mim o orgulho de ser jornalista e eles têm meu apreço e reconhecimento por isso.

E todos nós sabemos que ao finalizar uma grande viagem a melhor coisa é ter para onde voltar. Ter alguém te esperando para comemorar junto e escutar as tuas histórias. Por isso, agradeço à minha família: meu pai Jair, minha mãe Jureci, minha sogra Iria, meu sogro Renir e minha cunhada Camila. Aos meus amigos: Elvis, Daiara, Cyndi, Alexsander, Betina, Jerônimo, Alessandra e Alexandre. E, especialmente, ao Fernando, que foi meu namorado por 10 anos e agora, há um ano, foi promovido à categoria de marido. Mor, obrigada por segurar minha mão quando eu achei que não ia conseguir e por me lembrar que, juntos, a gente pode tudo.

Por fim, não existe viagem sem um viajante, então gostaria de finalizar esses agradecimentos parafraseando Snoop Dog:

E por último, mas não menos importante. Eu quero me agradecer.

Eu quero me agradecer por acreditar em mim.

Eu quero me agradecer por fazer todo esse trabalho duro.

Eu quero me agradecer por não ter dias de folga.

Eu quero me agradecer por nunca desistir.

Eu quero me agradecer por sempre ser uma doadora.

E tentar dar mais do que receber.

Eu quero me agradecer por tentar fazer mais o certo do que o errado.

Eu quero me agradecer apenas por ter sido eu o tempo todo.

Julia Blank, você é uma baita doutora!

Uma pessoa é uma coisa muito complicada. Mais complicada que uma pessoa, só duas. Três, então, é um caos, quando não é um drama passionai. Mas as pessoas só se definem no seu relacionamento com outras. Ninguém é o que pensa que é, muito menos o que diz que é (...) ou seja, ninguém é nada sozinho, somos o nosso comportamento com o outro.

Luís Fernando Veríssimo

Vá então, há outros mundos além deste.

Stephen King – A Torre Negra

RESUMO

Este estudo aborda a interface entre linguagem e trabalho, mais especificamente a atividade de trabalho de jornalistas que atuam em jornais impressos locais e independentes do Brasil e da França. Traçamos como objetivo geral: analisar os discursos dos jornalistas brasileiros e franceses que atuam na mídia local e independente com foco no contrato de comunicação e seus reflexos e significados na atividade de trabalho, nos saberes e nas estratégias discursivas desses profissionais durante a realização do ato de linguagem como encenação. A visão da ergologia (Schwartz, 1998, 2009, 2011, 2014) é capaz de fornecer um panorama abrangente para que possamos identificar como o jornalista age em situações de trabalho e como sua função se (de)forma ao longo do tempo. A Análise Semiolinguística do Discurso, proposta por Charaudeau (2004, 2005, 2016; 2017; 2018; 2020), vem ao encontro dessa reflexão para dar sustentação no que tange à linguagem em ação no trabalho. Esta é uma pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa. Os trabalhadores que fizeram parte da pesquisa, como sujeitos de pesquisa, são jornalistas que atuam em veículos de comunicação locais e independentes no Brasil e na França. O corpus de pesquisa é constituído pela coleta de dados, feita por meio de entrevistas em profundidade, semiestruturadas, realizadas após a observação sistemática do trabalho nas redações jornalísticas. As análises desenvolvidas permitem sustentar a tese de que os discursos, manifestados nos diferentes contratos de comunicação, nos quais os jornalistas se engajam, moldam a atividade de trabalho, influenciam na construção dos saberes laborais constituídos e investidos na atividade e atuam na maneira como os profissionais renormalizam sua atividade, estabelecendo estratégias discursivas na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*. As modalidades elocutivas nos permitiram acessar o implícito carregado no discurso dos profissionais, revelando estratégias discursivas que indicam que os jornalistas levam seus valores pessoais para o ambiente profissional e a infidelidade do meio os confronta com dramáticas dos usos de si por si e pelos outros, que muitas vezes vão de encontro a esses valores: são os discursos anteriores, provenientes de normas antecedentes, que implicam no desgaste e desvalorização da profissão perante a sociedade.

Palavras-Chave: Trabalho. Atividade. Ato de Linguagem. Comunicação. Jornalismo.

ABSTRACT

This study addresses the interface between language and work, specifically addressing the work activity of journalists who work in local and independent printed newspapers in Brazil and France. We set the general objective of the study: to analyze the discourse of Brazilian and French journalists who work in local/independent media with a focus on the communication contract and its reflections and meanings in the work activity, knowledge, and discursive strategies of these professionals during the performance of the language act as *mise-en-scène*. Therefore, the view of ergology (Schwartz, 1998, 2009, 2011, 2014) can provide a comprehensive overview so that we can identify how journalists act in work situations and how their role is (de)formed over time. Semiolinguistic Discourse Analysis, proposed by Charaudeau (2004, 2005, 2016; 2017; 2018; 2020), meets this reflection to provide support regarding language in action at work. This is an exploratory, bibliographic, and field research, with a qualitative approach. The workers who took part in the research as research subjects are journalists who work in local and independent media newspaper in Brazil and France. The study corpus consists of data collection, carried out through in-depth, semi-structured interviews, applied after systematic observation of work in newsrooms. The analyzes developed allow us to support the thesis that the discourses, manifested in the different communication contracts, in which journalists engage, shape the work activity, influence the construction of labor knowledge constituted and invested in the activity and act in the way professionals renormalize their activity by establishing discursive strategies in carrying out the language act as a *mise-en-scène*. The elocutive modalities allowed us to access the implicit carried in the professionals' discourse, revealing discursive strategies that indicate that journalists take their personal values to the professional environment and the infidelity of the environment confronts them with dramatic uses of themselves by themselves and by others, which often go against these values: it is the previous discourses, coming from previous norms, that imply the erosion and devaluation of the profession in society.

Keywords: Work. Activity. Language Act. Communication. Journalism.

RÉSUMÉ

Cette étude aborde l'interface entre le langage et le travail, en abordant spécifiquement l'activité de travail des journalistes qui travaillent dans la presse écrite locale et indépendante au Brésil et en France. Nous fixons l'objectif général de l'étude : analyser les discours des journalistes brésiliens et français qui travaillent dans les médias locaux/indépendants en mettant l'accent sur le contrat de communication et ses réflexions et significations dans l'activité de travail, les connaissances et les stratégies discursives de ces professionnels pendant la performance du langage comme mise-en-scène. L'ergologie (Schwartz, 1998, 2009, 2011, 2014) est donc capable de fournir une vision globale permettant d'identifier comment les journalistes agissent en situation de travail et comment leur rôle se (dé)forme au fil du temps. L'Analyse du discours sémiolinguistique, proposée par Charaudeau (2004, 2005, 2016 ; 2017 ; 2018 ; 2020), rejoint cette réflexion pour apporter un accompagnement autour du langage en action au travail. Il s'agit d'une recherche exploratoire, bibliographique et de terrain, avec une approche qualitative. Les travailleurs qui ont participé à la recherche, les sujets de recherche, sont des journalistes travaillant dans des médias locaux et indépendants au Brésil et en France. Le corpus d'étude est constitué d'une collecte de données, réalisée à travers des entretiens approfondis et semi-structurés, appliqués après observation systématique du travail dans les rédactions. Les analyses développées permettent d'étayer la thèse selon laquelle les discours, manifestés dans les différents contrats de communication, dans lesquels les journalistes s'engagent, façonnent l'activité de travail, influencent la construction des savoirs constitués et investies dans l'activité et agissent dans la manière dont les professionnels renormalisent leur activité en établissant des stratégies discursives dans la réalisation de l'acte de langage comme mise-en-scène. Les modalités élocutives nous ont permis d'accéder aux implicites portés dans le discours des professionnels, révélant des stratégies discursives qui indiquent que les journalistes portent leurs valeurs personnelles dans l'environnement professionnel et que l'infidélité de l'environnement les confronte à des dramatiques d'usage de soi par soi-même par les autres, qui vont souvent à l'encontre de ces valeurs : ce sont les discours antérieurs, issus des normes antérieures, qui impliquent l'érosion et la dévalorisation de la profession dans la société.

Mots-clés : Travail. Activité. Acte de Langage. Communication. Journalisme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução da Circulação de Jornais Impressos no Brasil	36
Figura 2 – Detalhamento da circulação média de jornais diários ou PDFs distribuídos em média por dia em milhares de exemplares no território francês.....	37
Figura 3 – Registros profissionais de jornalistas concedidos pelo Ministério do Trabalho (2000/2019)	39
Figura 4 - Esquema de Durrive para um DD3P	52
Figura 5 – Dispositivo Dinâmico de Três Polos.....	54
Figura 6 - Duplo processo de semiotização do mundo.....	61
Figura 7 - Ato de linguagem interenunciativo.....	62
Figura 8 – Esquema de representação do ato de linguagem.....	64
Figura 9 – Resumo metodológico da tese.....	73
Figura 10 – Mapa de origem e presença de jornais impressos no Brasil.....	78
Figura 11 – La carte de la presse pas pareille.....	79
Figura 12 - Dispositivo de Análise teórico-metodológico	84
Figura 13 – Sala da redação do jornal do Rio Grande do Sul	88
Figura 14 – Sala de redação do jornal do Paraná	88
Figura 15 – Sala de redação do jornal de Minas Gerais	89
Figura 16 – Sala de redação do jornal de Paris.....	102
Figura 17 – Sala de redação do jornal 1 do sul da França	103
Figura 18 – Organização de uma soirée realizada pelo Jornal 2	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Pesquisa no Google Scholar	19
Quadro 2 – Pesquisa no Banco de Dissertações e Teses da CAPES	20
Quadro 3– Mapeamento de pesquisas sobre comunicação, linguagem e trabalho.....	21
Quadro 4 – Procedimentos da construção enunciativa.....	70
Quadro 5 - Guia da entrevista semiestruturada	80
Quadro 6 – Método de transcrição NURC/SP	81
Quadro 7 – Equivalência conceitual triângulo da atividade x contrato de comunicação....	85
Quadro 8 – Triangulação dos dados ergológicos e linguísticos	85
Quadro 9 - Relação triângulo da atividade, modalidades e excertos das entrevistas	121

LISTA DE SIGLAS

AD –	Análise do Discurso
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP –	Conselho de Ética em Pesquisa
CLT –	Consolidação das Leis do Trabalho
CPI –	Comissão Parlamentar de Inquérito
DD3P –	Dispositivo Dinâmico de Três Polos
EUc –	Eu Comunicador
EUe –	Eu Enunciador
FENAJ –	Federação Nacional dos Jornalistas
IFRS –	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
IUT –	<i>Institut Universitaire de Technologie</i>
IVC –	Instituto Verificador de Comunicação
MBA –	<i>Master in Business Administration</i>
MG –	Minas Gerais
PJ –	Pessoa Jurídica
PQN –	<i>Presse Quotidienne Nationale</i>
PQR –	<i>Presse Quotidienne Régionale</i>
PQG –	<i>Presse Quotidienne Gratuite</i>
PR –	Paraná
RS –	Rio Grande do Sul
SCOP –	<i>Société coopérative ouvrière de production</i>
TF1 –	<i>Télévision Française 1</i>
TUd –	Tu Destinatário
TUi –	Tu Interpretante
TV –	Televisão
UFSC –	Universidade Federal de Santa Catarina
UNISTRA –	Universidade de Strasbourg
UPF –	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE UMA PAUTA INCONSTANTE.....	15
2 EXTRAORDINÁRIAS AVENTURAS DO JORNALISMO NO BRASIL E NA FRANÇA	26
2.1 JORNALISMO NO BRASIL E NA FRANÇA: PANORAMA CONTEXTUAL	27
2.1.1 No Brasil	27
2.1.2 Na França	30
2.2 IMPRENSA LOCAL E A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DAS REDAÇÕES	33
2.3 COMUNICAÇÃO E TRABALHO.....	38
3 ORIGEM E DESTINO DO TRABALHO: ERGOLOGIA COMO BASE PARA DESVENDAR A ATIVIDADE JORNALÍSTICA	42
3.1 ERGONOMIA DA ATIVIDADE	42
3.2 ERGOLOGIA: PRECEITOS E PROPOSIÇÕES	45
3.3 LINGUAGEM E TRABALHO.....	56
4 SEMIOLINGUÍSTICA: ANÁLISE DO DISCURSO APONTA O CAMINHO PARA CONHECER O JORNALISTA EM ATIVIDADE DE TRABALHO	58
4.1 SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E CIRCUNSTÂNCIAS DO DISCURSO.....	58
4.2 O ATO DE LINGUAGEM COMO ENCENAÇÃO E O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO	64
4.3 MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO	68
5 FRONTEIRAS METODOLOGICAMENTE TRAÇADAS: LABORANDO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
5.1 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	74
5.2 <i>CORPUS</i> E COLETA DE DADOS	75
5.3 DISPOSITIVO DE ANÁLISE	82
6 JORNADAS E JORNALISTAS: UMA ANÁLISE ERGODISCURSIVA DA ATIVIDADE DE TRABALHO JORNALÍSTICA NO BRASIL E NA FRANÇA	86
6.1 LOCALIZANDO E APRESENTANDO O CONTEXTO LABORAL DOS JORNAIS E JORNALISTAS BRASILEIROS	86
6.2 JORNALISTAS BRASILEIROS: uma atividade de trabalho instável.....	90
6.2.1 Contratos de comunicação que (des)equilibram a atividade.....	90
6.2.2 Mobilização de saberes na construção da profissão	95
6.2.3 Transformações e o desejo de um futuro melhor	99
6.3 LOCALIZANDO E APRESENTANDO O CONTEXTO LABORAL DOS JORNAIS E JORNALISTAS FRANCESES.....	101
6.4 JORNALISTAS FRANCESES: CONCILIANDO VALORES E OBRIGAÇÕES....	104
6.4.1 Tensões entre o prescrito e o real: os valores acima das dificuldades	105

6.4.2 Formas de construir saberes que vão além das palavras.....	110
6.4.3 Dicotomias sobre um futuro digital e incerto.....	113
7 VOLTA AO MUNDO DOS JORNALISTAS: A PONTE QUE LIGA A ERGOLOGIA E A SEMIOLINGUÍSTICA	120
8 ATÉ MAIS E OBRIGADA PELOS DISCURSOS: CONSIDERAÇÕES – NÃO EXATAMENTE – FINAIS	129
REFERÊNCIAS	135
ANEXOS	141
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	141
APÊNDICES	146
APÊNDICE A – RESUMO DA OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA.....	146
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DOS TRECHOS ANALISADOS DAS ENTREVISTAS	149

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE UMA PAUTA INCONSTANTE

É estranho, mas as coisas boas e os dias agradáveis são narrados depressa, e não há muito que ouvir sobre eles, enquanto as coisas desconfortáveis, palpitantes e até mesmo horríveis podem dar uma boa história e levar um bom tempo para contar.

J. R. R. Tolkien, em O Hobbit

Se você entrar em um avião em Porto Alegre, descer em Ushuaia na Argentina e explorar a cidade durante algumas semanas você pode dizer que conhece a Patagônia? Eu creio que não. Afinal, você não viu as estradas de retas intermináveis com centenas de quilômetros rodeadas por nada mais que terra e alguns pequenos arbustos. Você não viu os rios dos mais variados tamanhos, de águas azuis como o céu ou verdes como esmeraldas, recostados ao pé de uma montanha coberta de neve ou no meio de um vale que mais parece um oásis. Você não viu as cidadezinhas e seu povo acolhedor, com um sorriso no rosto e sempre disposto a ajudar os viajantes desgarrados. Você não viu quase nada, mas acredita saber de tudo.

Acreditar que já sabe o suficiente ou explorar tudo que lhe for possível? Nós, jornalistas, certamente ficamos com a segunda opção. Descobrir o mundo é o que nos move, o que nos torna especiais na atividade que realizamos, a vontade de ver e ouvir com os sentidos de nossos entrevistados. O desejo absoluto de imergir na história da comunidade em que vivemos, de ver um pouco de nós mesmos retratado em cada relato que contamos. E como gostamos de contar histórias, sejam escritas, faladas, em forma de audiovisual, de infográfico, no jornal, no rádio ou na televisão. Queremos que o público também possa ver com nossos olhos e ouvir com nossos ouvidos, a linguagem torna isso possível. Essa gana pelo conhecimento, pela profundidade e pelo compartilhamento de informações é que transformou a linguagem dos jornalistas em atividade de trabalho no tema desta pesquisa.

É relativamente fácil ver o que está na superfície: os jornalistas bem-vestidos que aparecem diariamente no jornal da noite nos grandes canais de televisão ou a reportagem de três páginas da repórter famosa que foi publicada no jornal de domingo. Mas e quanto ao trabalho invisível dos profissionais que atuam em veículos pequenos? Os quais (por ironia) são os que estão mais próximos das vivências da maioria das pessoas. São eles que retratam a realidade social, política e cultural em suas notícias, e é preciso que a comunidade tenha um mínimo entendimento sobre quem são essas pessoas e o importante papel que desempenham. Afinal, como serão as condições de trabalho desses jornalistas? Será que a realidade que esses profissionais enfrentam no seu dia a dia pode ser ou não semelhante em

dois países diferentes? Esses questionamentos nos levaram ao nosso tema de pesquisa delimitando-o para englobar o discurso dos jornalistas em uma abordagem ergológica e semiolinguística da atividade de trabalho nos veículos de comunicação locais e independentes¹ no Brasil e na França.

Estudar sobre jornalismo, com foco no jornalista, permite visualizar a dimensão mais humana da comunicação e ponderar que por trás de cada reportagem no jornal existe alguém que possui suas próprias dramáticas e se vê obrigado a trabalhar e retrabalhar seus conceitos diariamente. Portanto, a visão da ergologia é capaz de fornecer um panorama abrangente para que possamos identificar como o jornalista age em situações de trabalho e como sua função se (de)forma e se transforma ao longo do tempo de serviço. É por meio do olhar ergológico, proposto por Schwartz e Durrive (2010), que se torna necessário sair a campo e presenciar a realidade da profissão jornalista, afinal, precisamos conhecer a atividade, ver de perto e interagir com quem está naquele ofício diariamente, se tivermos - nem que seja a mínima - intenção de transformá-la, torná-la melhor e mais saudável para quem a executa.

A utilização dos princípios da Análise do Discurso proposta por Charaudeau (2016) vem ao encontro dessa reflexão para dar sustentação no que tange à linguagem em ação no trabalho. É por meio da AD que verificaremos como o jornalista constrói efeitos de sentido em seu discurso entrelaçando o que é de caráter individual com aquilo que é social. Enquanto a ergologia propõe que, no trabalho, o essencial não se vê, a AD procura dar conta de revelar e interpretar não apenas o que está explícito na linguagem, mas também seus implícitos, relacionados às circunstâncias/ao contexto no qual o discurso é produzido, formando, assim, um conjunto teórico interdisciplinar que se completa e promove uma visão multifacetada da realidade do fazer jornalístico.

A escolha que fizemos em termos de local de realização da pesquisa se dá pelo fato de que na França a mídia é regulamentada desde o final do século XIX pela *loi du 29 juillet 1881 sur la liberté de la presse* (França, 1881), a lei mais antiga em vigor já influenciou países como Itália, Espanha e Portugal, e serve como exemplo para o Brasil que, em anos anteriores, buscou especialistas franceses para falar sobre o modelo atual e auxiliar na construção do modelo brasileiro (Dichtchekian e Calixto, 2015). Embora haja controvérsias a respeito da regulamentação da mídia, esse pode ser um passo importante na garantia de espaços equivalentes para partidos políticos, proteção e promoção da

¹ O conceito de mídia independente nesse estudo está atrelado aos jornais que se identificam como tal no sentido de não fazerem parte de grandes grupos e buscarem fazer jornalismo de acordo com os princípios estabelecidos entre os trabalhadores. Não entraremos no mérito da discussão de quanto esses periódicos são ou não, de fato, independentes e desvinculados da mídia dita tradicional.

programação cultural e dos movimentos sociais. Em alguns aspectos, a regulamentação francesa se assemelha ao que já ocorre no Brasil, por exemplo, nas concessões públicas de canais de rádio e televisão e na obrigatoriedade da função educativa da mídia, que determina um espaço para programas educativos.

Brasil e França ainda têm um cenário midiático semelhante, onde grandes grupos de comunicação dominam o mercado e o espaço para os veículos locais e independentes é restrito. Sendo assim, existem várias pesquisas falando sobre a Rede Globo, maior canal de comunicação brasileiro, que engloba rádios, redes de televisão e diversos impressos. Também sobre a *Télévision Française 1* - TF1, uma das maiores redes de comunicação da França, parte do grupo *Bouygues*, um conglomerado de empresas que lhes permite possuir diferentes veículos, tais como canais de rádio e televisão, independente da lei francesa que evita a propriedade cruzada de meios de comunicação.

Com base nessa visão, entendemos que a realidade profissional dos jornalistas dentro desses grupos é diferente daquela vivida por aqueles que trabalham em pequenas redações, com assuntos voltados apenas para a localidade e com um número reduzido de público e de publicidade. Essas limitações podem tornar a profissão mais difícil em veículos locais e independentes, especialmente quando também são localizados em cidades menores, logo, a importância de conhecer como realmente é o trabalho do jornalista nesses meios de comunicação no Brasil e na França e não se limitar ao que é exposto sobre a profissão pelos grandes veículos.

Eu conheço a aventura em que estou mergulhando. Eu percorri os tortuosos caminhos do jornalismo em uma rádio do interior do Estado Rio Grande do Sul (RS) no início de minha carreira como jornalista: jornadas que em dias mais turbulentos se estendiam por mais de 15 horas, sem final de semana, sem feriado, sem poder reclamar. O trabalho é essencial; o trabalhador, nem tanto. E hoje, já afastada das redações e atuando como assessora de imprensa no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, consigo ter uma visão mais distanciada de todas as dramáticas que os jornalistas enfrentam em atividade de trabalho. É preciso falar sobre isso.

O gosto pela pesquisa acadêmica sobre linguagem vem desde a graduação em jornalismo, na Universidade de Cruz Alta, quando conheci a Análise Crítica do Discurso, que serviu como base teórica para fundamentar meu trabalho de conclusão de curso sobre as canções de protesto compostas por Raul Seixas. No mestrado, na mesma universidade, segui com a mesma teoria a fim de estudar as relações de ideologia e hegemonia expressas no programa “Como Será?” veiculado aos sábados pela Rede Globo.

Agora, no doutorado, expando meus horizontes para conhecer a realidade de outros jornalistas (tais como eu fui um dia) por meio de seus discursos, tendo como aporte teórico a interface entre pressupostos da ergologia e da análise do discurso semiolinguística. O conhecimento adquirido ao longo dos dois primeiros anos de doutorado na Universidade de Passo Fundo – UPF e o incansável apoio de meu orientador, Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas, me permitiram conquistar uma bolsa de doutorado sanduíche concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para realizar parte de meus estudos na Universidade de Strasbourg (UNISTRA), na França. Lá pude dar andamento à coleta de dados para a pesquisa desta tese e desenvolver muitas habilidades na área da ergologia por meio do suporte e dedicação de meu coorientador, Prof. Dr. Jean-Luc Denny. A experiência *in loco* nos jornais franceses e brasileiros fortaleceram meu conhecimento empírico sobre a profissão e permitiram integrar os preceitos teóricos com mais robustez.

Essa pesquisa torna-se relevante no sentido de apurar como se dá a atividade de trabalho dos profissionais do jornalismo em cidades pequenas. Será possível conhecer o perfil desses profissionais, tanto no Brasil quanto na França. Por meio deste estudo poderemos identificar as principais questões a serem abordadas nas relações de trabalho dos jornalistas em cada país, detectando possíveis problemas que sejam detectados ao longo do trabalho. A intenção principal é colaborar para o desenvolvimento de um ambiente de trabalho mais adequado, que possa transformá-lo, contribuindo assim para aprimorar a qualidade da informação que chega até os cidadãos por meio dos veículos de comunicação locais. Ainda, em termos pessoais e profissionais, esse trabalho será fundamental para o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora, contribuindo para apurar minhas habilidades de pesquisa e conhecer melhor o mercado e a atividade de trabalho na qual estou pessoalmente envolvida.

Escrever uma tese implica preencher uma lacuna na pesquisa daquela área. O que nos leva a verificar o que já foi abordado em trabalhos anteriores, assim consultamos dois dos maiores bancos de dados sobre estudos científicos: o banco de dissertações e teses da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior, que abriga praticamente toda a produção científica monográfica do país nos últimos anos, e o *Google Scholar*, plataforma do *Google* que compreende artigos e teses de diferentes países. Utilizamos termos de referência de nossa tese em uma sequência de combinações, pesquisadas entre aspas a fim de aprimorar o filtro. Depuramos os resultados obtidos em um período de 10 anos completos, ou seja, de 2010 a 2020. As pesquisas que consideram apenas

dois termos de referência mostraram-se mais precisas que aquelas nas quais utilizamos três ou mais termos, o que fez o buscador apresentar resultados muito divergentes em relação à área que priorizamos neste estudo.

No *Google Scholar*, os resultados englobam artigos, dissertações, teses e outros trabalhos acadêmico-científicos relacionados aos termos de busca. Assim, a formulação do Quadro 1 é mais ampla e compila dados de diferentes tipos de trabalhos, mostrando a abrangência geral da temática em questão:

Quadro 1– Pesquisa no Google Scholar

Google Scholar		Período de 10 anos (2010-2020)	
Comunicação, Linguagem e trabalho			
Termo de pesquisa	Nº de resultados	Principais áreas	Principais abordagens
Jornalismo no interior	72	Comunicação; História; Sociologia; Letras.	Estudo de caso de veículos de comunicação; economia jornalística; ensino de jornalismo; jornalismo digital.
Trabalho do jornalista	1.730	Comunicação; História; Sociologia; Letras.	Condições de trabalho; precarização; perfil dos jornalistas; economia jornalística; Ser jornalista; autonomia.
Semiolinguística; Jornalismo	463	Comunicação; Letras.	Contratos de comunicação no jornalismo; estratégias discursivas do jornalismo; títulos de reportagens; discursos de atores sociais em veículos de comunicação.
Ergologia; Jornalismo	98	Comunicação; Letras.	Arranjos econômicos; reconfiguração do trabalho; discurso de jornalistas freelancers; comunicação alternativa; implicações teórico-metodológicas.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021)

Nessa primeira análise quali-quantitativa, percebemos que existem diversos trabalhos que abordam algumas das principais temáticas de nossa tese. O maior número de trabalhos encontrados no *Google Scholar* está relacionado ao trabalho do jornalista, somando 1.730 contribuições, mostrando a relevância da temática na pesquisa acadêmica atual. Verificamos que não existe no *Google Scholar* nenhuma pesquisa que seja extremamente próxima do que pretendemos desenvolver nesta tese. A maioria dos trabalhos encontrados versa sobre estudos de caso específicos, especialmente em meios de comunicação digital e novas formas de fazer jornalismo. Os escritos que tratam sobre o trabalho dos jornalistas estão ancorados em teorias próprias da comunicação, área na qual centra-se a maior parte dos trabalhos.

Como este trabalho trata-se de uma tese de doutorado, entendemos que, além dos trabalhos diversos apontados pelo *Google Scholar*, precisamos analisar o estado da arte das

teses brasileiras. Sendo assim, fizemos uma consulta ao Banco de dissertações e Teses da CAPES utilizando a mesma metodologia de pesquisa aplicada ao *Google Scholar*, e ainda usando o filtro “teses” disponível na plataforma, conforme apresentamos no Quadro 2:

Quadro 2 – Pesquisa no Banco de Dissertações e Teses da CAPES

Banco de Dissertações e teses da CAPES		Período de 10 anos (2010-2020)	
Comunicação, Linguagem e trabalho			
Termo de pesquisa	Nº de resultados	Principais áreas	Principais abordagens
Jornalismo no interior	6	Comunicação; Letras; História.	Discurso jornalístico; economia da comunicação; jornalismo digital.
Trabalho do jornalista	6	Comunicação; Letras; Educação.	Práticas discursivas e atividade de trabalho do jornalista; estratégias de poder no jornalismo; telejornalismo no Brasil e na Espanha; novos arranjos econômicos; sofrimento e prazer no trabalho; ensino de jornalismo.
Semiolinguística; Jornalismo	738	Comunicação; Letras; História; Sociologia; Educação.	Contrato de comunicação e estratégias discursivas; representação da opinião pública; gêneros discursivos jornalísticos.
Ergologia; Jornalismo	727	Comunicação; Letras; História; Sociologia; Educação.	Digitalização das redações; fala e escrita na produção jornalística; história do jornalismo; coberturas jornalísticas.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021)

Observamos no Banco de Dissertações e Teses da CAPES que existem poucas teses que enfocam o trabalho dos jornalistas, a maior parte está voltada para a análise do mercado de trabalho em si, apontam suas dificuldades e problemáticas, mas não estão centradas na atividade laboral do jornalista. Não encontramos nenhuma tese nas pesquisas que aborde o trabalho do jornalista local e independente sob o ângulo da ergologia e da semiolinguística, entretanto, encontramos quatro teses que têm proposições importantes para nosso trabalho, conforme apresentamos no Quadro 3:

Quadro 3– Mapeamento de pesquisas sobre comunicação, linguagem e trabalho

Mapeamento de Pesquisas			
Teses relacionadas à temática de comunicação, linguagem e trabalho			
Autor / Orientador	Instituição / Programa	Título	Principais resultados
Wander Emediato de Souza / Patrick Charaudeau	Université Paris 13	Analyse des configurations linguistiques et discursives des titres de journaux français et brésiliens	Avaliar as várias práticas jornalísticas de construção de peritexto e informação. Apresentar um panorama Brasil versus França no Jornalismo
Thales Vilela Lelo / José Roberto Montes Heloani	Universidade Estadual de Campinas / Doutorado em Ciências Sociais	Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional	A recorrência sistemática de situações de assédio moral, injustiças e de infração à ética profissional nas redações, que, atreladas a uma ausência de experiências de reconhecimento no trabalho, contribuem para o surgimento de patologias, ao desestímulo com a carreira e aos esforços recorrentes de jornalistas por tematizarem o sofrimento experimentado em suas rotinas produtivas.
Marília Giselda Rodrigues / Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem	O repórter Shiva"? práticas discursivas e atividade de trabalho do jornalista em tempo de mudanças	A velocidade de produção obriga o repórter a divulgar informações parciais, limitando a variação de ângulos sobre um determinado assunto e provocando questionamentos do leitor. Polo econômico como preferencial. Textos condicionados pelas normas e confirmação das mudanças no jornalismo impresso.
Janaina Visibeli Barros / Roseli Aparecida Figaro Paulino	Universidade de São Paulo / Doutorado em Ciências da Comunicação	Conglomerados midiáticos regionais: os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital	Os meios de comunicação são meios de produção que cumprem papel de agentes discursivos e econômicos. Vários preceitos constitucionais e regulamentações da comunicação são desrespeitados pelos conglomerados. Os trabalhadores ressignificam os valores neoliberais da cultura organizacional dos grupos de mídia. Predominância da lógica comercial.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021)

Um ponto que nos chama atenção nos Quadros 1, 2 e 3 é o caráter interdisciplinar das pesquisas. Podemos encontrar trabalhos que versam sobre comunicação, linguagem e trabalho em ao menos duas áreas: Comunicação e Letras. Outras áreas do conhecimento, como história, sociologia e ciências sociais também se dedicam ao debate devido à natureza social do jornalismo e sua função na sociedade. Nosso estudo está alinhado com a proposta da linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, o qual se caracteriza pela prevalência do ponto de vista interdisciplinar no estudo de textos e discursos, com variedade

de enfoques teóricos, nos quais se encaixam as perspectivas da Análise do Discurso Semiolinguística e da Ergologia.

Os estudos apresentados nesse Quadro 3 lançam luz sobre alguns pontos fundamentais da temática que trataremos, especialmente quanto aos jornalistas em atividade de trabalho que enfrentam dificuldades na execução de sua profissão e veem seu trabalho cada vez mais voltado para o aspecto financeiro dos veículos de comunicação e mais distante da realidade social. No entanto, os estudos apresentados dão foco aos grandes veículos ou grupos de mídia; nosso principal interesse está voltado para os veículos de cidades pequenas, pois queremos entender a realidade desses profissionais atuantes longe das grandes cidades.

Ao tomar por base os estudos já realizados na área de comunicação, linguagem e trabalho, formulamos o **problema de pesquisa** da seguinte maneira: De que maneira os discursos, representados nos diferentes contratos de comunicação nos quais se engajam os jornalistas atuantes na mídia local e independente no Brasil e na França, se refletem e (re)significam na atividade de trabalho, nos saberes e nas estratégias discursivas desses profissionais na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*?

A **hipótese** inferida é que os discursos representados nos contratos de comunicação dos jornalistas se refletem diretamente na atividade de trabalho e nos saberes desses profissionais, (re)significando a maneira como eles renormalizam sua atividade e estabelecem estratégias discursivas na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*.

Diante dessa problematização, temos como **objetivo geral** analisar os discursos dos jornalistas brasileiros e franceses que atuam na mídia local/independente com foco no contrato de comunicação e seus reflexos e significados na atividade de trabalho, nos saberes e nas estratégias discursivas desses profissionais durante a realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*. Como **objetivos específicos** destacamos:

- a) compreender como as normas e renormalizações do trabalho prescrito e trabalho real agem na da atividade de trabalho do jornalista e se refletem em seu discurso;
- b) especificar a relação entre os saberes adquiridos pelo jornalista e as circunstâncias de discurso vivenciadas por esses profissionais;
- c) explicar como as dramáticas dos usos de si estão presentes na situação de comunicação que envolve os jornalistas e seu dia a dia de trabalho;
- d) evidenciar as estratégias discursivas para a realização do ato de linguagem como encenação utilizadas pelos jornalistas na atividade de trabalho;
- e) identificar os aspectos convergentes e divergentes nos discursos e na atividade de trabalho de jornalistas brasileiros e franceses.

Nesse sentido, defendemos a **tese**: Os discursos, manifestados nos diferentes contratos de comunicação nos quais os jornalistas se engajam, moldam a atividade de trabalho, influenciam nos saberes e atuam na maneira como os profissionais renormalizam sua atividade e estabelecem estratégias discursivas na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*.

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, bibliográfica, de campo, com abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa são jornalistas que atuam em veículos de comunicação prioritariamente em cidades do interior do Brasil e da França. O corpus é composto pela coleta de dados feita por meio de observação sistemática (Apêndice A) do trabalho nas redações, pelos dados de entrevistas semiestruturadas (Apêndice B) realizadas com os jornalistas. A análise dos dados será feita por meio da análise do discurso Semiolinguística (Charaudeau, 2016, 2017, 2018, 2020), considerando conceitos como situação de comunicação, circunstâncias do discurso, sujeitos do ato de linguagem, contrato de comunicação, dados internos e externos do contrato, modo de organização enunciativo e modalidades elocutivas, e da Ergologia (Schwartz; Durrive, 2010; 2015; Schwartz, 2011; Trinquet, 2010), atentando para os conceitos de triângulo da atividade, corpo-si, normas e renormalização, saberes constituídos e investidos, dramáticas dos usos de si e ingredientes da competência.

O projeto deste trabalho foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Passo Fundo, o qual foi aprovado pelo parecer nº 4.737.070 de maio de 2021, conforme anexo A.

Traçamos o caminho desta pesquisa por meio de oito capítulos, os quais explicaremos brevemente: no capítulo 1, “Considerações iniciais sobre uma pauta inconstante”, apresentamos a contextualização do estudo e como formulamos o problema, os objetivos e a que estruturam a pesquisa.

– No capítulo 2, “Extraordinárias aventuras do jornalismo no Brasil e na França”, traçamos um panorama do Jornalismo no Brasil e na França, tendo como base Hatin (1846), Sodré (1999), Collet (2016), Dornelles (2010), Figaro (2018) e outros autores. Explicamos desde o início do jornalismo impresso nos dois países e seguimos para uma contextualização que envolve as variantes de local e dimensão, destacando como elas influenciam na forma de fazer jornalismo e diferenciando o trabalho jornalístico em pequenos e grandes veículos de comunicação. Também consideramos as mudanças que os jornais impressos estão imersos com a digitalização das redações e como isso afeta o trabalho dos jornalistas;

– No capítulo 3, “Origem e destino do trabalho: ergologia como base para desvendar a atividade jornalística”, damos início às considerações teóricas que darão suporte ao nosso estudo. Iniciamos explanando sobre a ergonomia da atividade, conforme Guérin *et al.* (2001), Canguilhem (2009), Lacombez, Teiger e Vasconcelos (2014), entre outros, trazendo o pressuposto de adequar o trabalho ao homem e não o contrário, bem como as primeiras aspirações para a elaboração dos pressupostos da Ergologia. Em sequência, trazemos os preceitos fundamentais da Ergologia, como trabalho prescrito e trabalho real, dramáticas do uso de si por si e pelos outros, renormalizações etc., com o suporte teórico de Schwartz e Durrive (2010, 2015), Schwartz (1998, 2009, 2011, 2014), Durrive (2011; 2019), Trinquet (2010), Souza-e-Silva (2014), entre outros. Por fim, apresentamos os conceitos de linguagem *no, como e sobre* trabalho de acordo com Nouroudine (2002);

– No capítulo 4, “Semiolinguística: análise do discurso aponta o caminho para conhecer o jornalista em atividade de trabalho”, versaremos sobre conceitos como situação de comunicação, contrato de comunicação, sujeitos do ato de linguagem e linguagem como encenação. Esse capítulo é baseado principalmente em Charaudeau (2016, 2017, 2018, 2020) e em alguns de seus estudiosos;

– No capítulo 5, “Fronteiras metodologicamente traçadas”, delineamos a metodologia aplicada na tese, explicando detalhadamente o tipo de pesquisa e os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados, apresentando o dispositivo teórico-metodológico que construímos com base nos conceitos da ergologia e da semiolinguística;

– No capítulo 6, “Jornadas e jornalistas: uma análise ergodiscursiva da atividade de trabalho jornalística no Brasil e na França”, evidenciamos a análise dos dados coletados por meio das entrevistas feitas após a observação sistemática, a qual serviu como base para elaborarmos os questionamentos postos aos jornalistas. Colocamos em movimento o dispositivo de análise proposto na metodologia e discutimos os principais resultados alcançados.

– No capítulo 7, “Volta ao mundo dos jornalistas: A ponte que liga a Ergologia e a Semiolinguística”, compilamos os resultados obtidos na análise dos dados brasileiros e franceses a fim de propor uma reflexão sobre o trabalho jornalístico e a atividade de trabalho dos jornalistas de acordo com seu mundo de valores;

– No capítulo 8, “Até mais e obrigada pelos discursos: considerações – não exatamente – finais”, nossa aventura chega ao fim e apresentamos as conclusões que

deprendemos das análises e discussões promovidas nos capítulos anteriores, bem como aceitamos ou refutamos a hipótese e a tese propostas.

2 EXTRAORDINÁRIAS AVENTURAS DO JORNALISMO NO BRASIL E NA FRANÇA

“O mundo não está em seus livros e mapas. Ele está lá fora!”
J. R.R. Tolkien, em O Senhor dos Anéis

Acorda cedo em uma manhã chuvosa, o sol nem nasceu e ela já está atrasada, não há tempo para um café. Verifica o gravador e a câmera, onde está a câmera? Na redação? No carro? Na casa do colega? Pouco importa, vai usar seu celular para fazer os registros como de costume. Entra no carro e vai para a primeira pauta do dia, é quinta-feira, dia de fechamento, mas as notícias seguem acontecendo.

Consegue chegar no horário, o entrevistado está atrasado. Espera. Aqueles minutos poderiam ser tão úteis na redação. Espera mais. Chegou, finalmente. Vamos falar sobre o reajuste do funcionalismo público. Conversa, conversa, pensa “não, eu não quero saber da saúde da sua arara azul”, “resgatada do tráfico de animais, sei...”, sempre as mesmas histórias. Sorri. Duas horas para uma entrevista que poderia ter sido finalizada em quinze minutos. Mas é assim, no interior as pessoas querem conversar, querem contar seus feitos, suas trajetórias... A pauta pouco importa.

Volta para a redação, inicia o fechamento, organiza as matérias, tem notícia nova para entrar. A assessoria da prefeitura e da empresa grande da cidade ainda não mandaram seus textos com as correções sugeridas no começo da semana. A coluna social anuncia mais meia dúzia de festas infantis. “Olha, o filho da dona Geralda vai se formar em agronomia, nem sabia...”, melhor deixar essa foto mais destacada. Corrige a diagramação. É meio-dia, não vai dar tempo para almoçar, mais café e barra de cereais.

Chegam as últimas notícias. A gráfica já está cobrando o arquivo final. Finaliza. Finaliza a edição da semana, o dia ainda não acabou, à noite tem festa do Lions, atração na cidade, tem que sair notícia disso. Duas matérias pelo menos, a edição da semana que vem aguarda.

E assim é mais um dia normal na vida de um jornalista local e independente. Essa poderia ser a minha história ou a história de qualquer um dos colegas que fizeram parte dessa pesquisa, o fato é que o trabalho é árduo e a recompensa é ver seu jornal – seu, sim, porque ele sente-se parte desse meio de comunicação – feito com tanto carinho, sendo distribuído para o público no dia seguinte, assim como muitos fizeram antes dele. É difícil, mas é real, é uma parte da vida do jornalista colocada em prol da comunidade. É assim que mais uma edição do jornal fica pronta e atinge seu objetivo. O lugar e a forma podem variar, mas o pertencimento e a importância do jornalismo seguem intactos.

Essa é a atividade de trabalho que nos interessa investigar e iniciamos esse estudo apontando o panorama histórico da mídia no Brasil e na França. Em sequência, traremos uma pequena abordagem sobre o jornalismo local e as transformações que a era digital causou na profissão de jornalista.

2.1 JORNALISMO NO BRASIL E NA FRANÇA: PANORAMA CONTEXTUAL

Conhecer o mundo de trabalho dos jornalistas implica adentrar o máximo possível na história e construções sociais que abrangem essa profissão. O início do jornalismo no Brasil e na França foi marcado pela luta contra a censura (Sodré, 1999; Hatin, 1846). Mesmo que a imprensa tenha iniciado muito mais tardiamente no Brasil, algumas questões permaneceram as mesmas independente do tempo.

A evolução da humanidade como um todo permitiu o crescimento da atividade jornalística e o desdobramento do jornal impresso em meios digitais (Kucinski, 2012), proporcionando novas possibilidades de crescimento, mas trazendo desafios de manutenção do público. As novas tecnologias exigiram adaptação rápida e os jornais responderam à altura e colocaram sua credibilidade em cena para construir o público digital.

A mídia impressa vive uma época de declínio (ou seria migração?) que impõe desafios constantes para manter-se em atividade. Isso se reflete na profissão do jornalista, que vê a precarização da atividade como um obstáculo que exige uma nova postura e novos direcionamentos.

A história da mídia francesa e brasileira tem suas semelhanças e diferenças. Podemos considerar que a mídia francesa iniciou com a criação do primeiro grande periódico, a Gazette, editada por Théophraste Renaudot (Hatin, 1846). No Brasil, a imprensa começou oficialmente em 1808 com a chegada da família real portuguesa ao país. O primeiro jornal brasileiro foi a Gazeta do Rio de Janeiro, sob direção do Frei Tiburcio da Rocha (Sodré, 1999). Brasil e França compartilham o histórico de censura e divulgação dos interesses dos reis em suas primeiras publicações, priorizando informações oficiais e dando pouco interesse às reais necessidades da população.

2.1.1 No Brasil

Durante o regime colonial, a imprensa no Brasil era controlada pela corte portuguesa. No país de origem da corte, havia grande restrição para o que poderia ser impresso, todas as

obras passavam pela análise episcopal, pela inquisição e pela corte, método que posteriormente foi substituído pela Real Mesa Censória, que vigorou até 1787. Tal legado fez com que no Brasil colonial até mesmo os livros – antes da chegada da imprensa – fossem vistos com grande desconfiança (Sodré, 1999).

A imprensa brasileira tentou dar seus primeiros passos em 1706, quando se instalou uma pequena tipografia em Recife; em seguida, a Carta Régia de 8 de junho do mesmo ano ordenou seu fechamento e os materiais impressos fossem recolhidos. Uma nova tentativa foi feita no Rio de Janeiro em 1746, Antônio Isidoro da Fonseca, que era impressor em Lisboa, mudou-se para a colônia e chegou a imprimir um pequeno livro de dezessete páginas. A corte então ordenou que a tipografia fosse queimada, para evitar que fossem disseminadas ideias contrárias ao Estado (Sodré, 1999).

Em 1808, a família real portuguesa chegou ao Brasil transformando a então colônia na sede do poder do império, tornando fundamental que houvesse uma tipografia capaz de imprimir e distribuir os documentos oficiais e comunicados da corte, assim, a imprensa iniciou oficialmente com a instalação da Tipografia Real no Brasil. A partir de então, começou a circular o primeiro jornal brasileiro: a Gazeta do Rio De Janeiro. Sob direção do Frei Tibúrcio da Rocha, a Gazeta era voltada para a aristocracia e defendia os interesses do rei (Sodré, 1999). Em termos atuais, o periódico pode ser descrito como uma página social do reinado europeu, sem informações relevantes para a população.

Na mesma época, em Londres, o patrono do jornalismo brasileiro Hipólito José da Costa fugia da Inquisição e da justiça portuguesa. Inicialmente, ocupou o cargo de diretor literário na Imprensa Régia, mas suas relações com a maçonaria o fizeram ser visto como herege por Portugal e o obrigaram a exilar-se na Inglaterra. De lá, editava o Correio Braziliense, primeiro periódico brasileiro e português posto em circulação livre de censura; um jornal clandestino de edição mensal destinado a fortalecer o pensamento crítico dos leitores e divulgar as evoluções que o editor vivenciava na Europa, em termos de ciência, literatura e política (Rizzini, 1957).

A inserção desse jornal como parte da imprensa brasileira gera dúvidas pelo fato de ter sua produção no exterior. Na obra de Sodré (1999, p. 20), Hipólito explica o porquê da decisão de produzir fora do Brasil: “Resolvi lançar esta publicação na capital inglesa dada a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelos perigos que os redatores se exporiam, falando livremente das ações dos homens poderosos”. Nota-se nesse manifesto citado o amplo controle estatal da mídia por meio da censura e a inclinação da imprensa a não se posicionar contra o governo por medo de represálias.

Aos poucos, outros periódicos foram surgindo e a imprensa foi crescendo no território brasileiro. Após a independência do país, de acordo com Sodré (1999), os jornais que prosperaram ainda eram aqueles que não noticiavam nada sobre política, restritos a histórias da população, assassinatos, preços de produtos e outros anúncios. Por volta de 1830, os pasquins ganharam força, pequenos jornais que lembravam represálias do governo contra a população e incitavam o patriotismo e o tumulto, procurando meios para garantir a própria sobrevivência. Geralmente, eram editados por apenas um indivíduo e defendiam suas demandas sob a cortina do anonimato, apenas desvendado por pistas deixadas na escrita e nos dados divulgados (Sodré, 1999).

Partindo para a primeira metade do século XX, vimos no Brasil um jornalismo guiado pelo ideal iluminista, situação em que os próprios jornalistas se consideravam seres superiores, capazes de apontar os caminhos ideais para a sociedade, guiados por um poder impessoal cercado de virtude e sabedoria. Esse caráter de superioridade fez com que os periódicos negassem qualquer posicionamento político, se diziam “apartidários”, asseguravam estar em posição mais elevada (Capelato, 1992). O assujeitamento do poder no jornalismo deu origem ao conceito da impessoalidade jornalística, ainda defendida por muitos veículos na atualidade que, como na referida época, alegam que o jornalismo manifesta exclusivamente a verdade.

Atualmente, a mídia brasileira deixou de ser monopolizada pelo governo e passou a ser comandada por poucas famílias que detêm grandes conglomerados midiáticos que circulam por diversos canais, tais como televisão, jornais, revistas e rádios. A partir dessa observação, constata-se que as principais empresas jornalísticas brasileiras são de caráter privado. Com isso, cada propaganda tem um custo a ser pago pelo anunciante, por exemplo, para um comercial de trinta segundos veiculado no intervalo do Jornal Nacional da Rede Globo, de segunda a sexta-feira, o valor a ser despendido chega a quase um milhão de reais por mês (Globo, 2023).

Tais valores também se aplicam a propagandas feitas pelo governo, por conseguinte, o Estado transforma-se em cliente da mídia que, por sua vez, não pretende desagradar àqueles que a mantêm, logo, as notícias buscam o viés que seja mais interessante para o governo. O jornalismo se transforma em peças acríticas, que pouco assume o propósito principal de informar e esclarecer a população e muito corrobora com os interesses elitistas e empresariais, conforme ressalta Kucinski (1998, p. 17): “No Brasil a mídia desempenha papel mais ideológico do que informativo, mais voltado à disseminação de um consenso

previamente acordado entre as elites em espaços reservados, e, em menor escala, à difusão de proposições de grupos de pressão empresariais”.

Percebe-se a importância da mídia em termos de negociação e manutenção do poder através do uso de sua influência na opinião pública. Quem está ao lado da imprensa tem as opiniões a seu favor e maior facilidade para divulgar o que é de seu interesse, em detrimento de outras informações que seriam tão ou mais importantes para o público. De acordo com Capelato (1992, p. 55), “o saber, aparentemente acessível a todos, encobre uma arma de poder ao alcance de uma minoria apenas”. Às vistas do espectador comum, a mídia parece oferecer boas ideias de forma desinteressada, ocultando o caráter pessoal que se dá a cada informação. O cidadão espera que o jornalista tome um posicionamento e manifeste sua opinião, respaldando o caráter de formação de consciências por ele desempenhado (Capelato, 1992). No entanto, a maioria da população desconhece a parcialidade nas informações e ainda aceita a ideia de impessoalidade e isenção, vendo as notícias como retrato do que é a realidade.

2.1.2 Na França

A imprensa francesa tem início no século XVII, conforme explica Hatin (1846, p. 4, tradução nossa):

O famoso genealogista d'Hozier era obrigado, pela própria natureza das suas funções, a manter uma correspondência muito ativa, tanto com o interior do reino como com os países estrangeiros. Comunicou as notícias que assim lhe chegaram ao amigo Théophraste Renaudot, médico do rei e mestre-geral dos *bureaux d'adresse* (espécie de gabinetes de negócios), e este último as transcreveu para divertir os seus pacientes. Esses contos eram tão populares que Renaudot, não conseguindo atender às demandas que lhe eram feitas, pensou em imprimi-los e vendê-los a quem tivesse interesse².

A *Gazette*, primeiro jornal francês, teve seu número inaugural lançado em primeiro de abril de 1651 – mais de 150 anos antes do início oficial da imprensa no Brasil – e circulava semanalmente, dividida entre notícias nacionais e internacionais. Uma vez por mês ainda havia uma edição suplementar, que resumia as notícias do mês. Renaudot destacava já nessa

² « Le célèbre généalogiste d'Hozier était obligé, par la nature même de ses fonctions, d'entretenir une correspondance fort active, tant avec l'intérieur du royaume qu'avec les pays étrangers. Il communiquait les nouvelles qui lui parvenaient ainsi à son ami Théophraste Renaudot, médecin du roi et maître général des bureaux d'adresse (sorte de cabinets d'affaires), et celui-ci les transcrivait pour en amuser ses malades. Ces nouvelles à la main eurent tant en vogue, que Renaudot, ne pouvant suffire aux demandes qui lui en étaient faites, songea à les faire imprimer, et à les vendre à ceux qui se portaient bien. »

época o espírito curioso dos franceses e a necessidade de fazer registros que não fossem baseados apenas na memória dos homens, confiando que estava fazendo um jornalismo isento, relatando os fatos tal e qual se apresentavam para ele (Hatin, 1846).

O jornal oferecia assinaturas e anúncios já na primeira página, mas a principal fonte de renda era o poder político, nessa época ainda exercido pelo rei Luis XV. Esse formato aponta que, mesmo com séculos de evolução, a maneira de financiar os meios de comunicação não mudou significativamente. O rei já considerava a importância da mídia não apenas como fonte de entretenimento, mas como registro histórico para a posteridade (Hatin, 1846). Essa relação com o poder influenciava diretamente a *Gazette* que, mesmo orgulhando-se de ser independente, tinha um olhar suave para as ações do rei.

A partir de 1762, a *Gazette* passa a circular duas vezes por semana e dá espaço para notícias menores: um anúncio de casamento, um novo livro que foi lançado, um mapa atualizado etc. No final do século XVIII, ainda notamos a inserção “anúncios ditos ingleses³” (Hatin, 1846, p. 12, tradução nossa), notícias que eram importadas da Inglaterra em formato ligeiramente diferente do francês, o que foi considerado como uma evolução para a época e auxiliou o periódico, que agora já circulava diariamente, a adaptar-se aos concorrentes que começavam a surgir após a Revolução Francesa em 1789, até então o domínio absoluto da mídia era da *Gazette*.

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, aprovada durante a Revolução Francesa, estabelece em seu artigo 11: “A livre comunicação das ideias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos dessa liberdade nos termos previstos na lei” (Embaixada da França no Brasil, 2017). Com isso, novos folhetins observaram um espaço valoroso para difundir suas ideias.

Novas publicações surgidas nessa época, como *L'Ami du peuple* de Jean-Paul Marat e *Le Père Duchesne* de Jacques Hébert, desempenharam um papel crucial na mobilização da opinião pública e na divulgação dos ideais revolucionários. Marat era considerado uma figura polêmica da revolução e declarou que na política era necessário combater os vícios antes dos erros, o que pretendia fazer por meio de seu jornal *L'Ami du peuple* no qual, segundo Marat (1916, p. 684, tradução nossa), “faríamos ouvir a linguagem da verdade austera, onde chamaríamos o legislador de volta aos princípios, onde desmascararíamos os

³ “Annonces dites *anglaises*”

malandros, os prevaricadores, os traidores, onde desvendáramos todas as tramas, onde abriríamos todas as armadilhas, onde o tocsin seria soado na aproximação do perigo”⁴.

Com a morte de Marat em 1793, seu sucessor foi o *Le Père Duchesne* de Jacques Hébert, que na época contava com mais de 12 mil assinaturas e, como seu antecessor, também queria desmascarar traidores e denunciar complôs de maneira permanente (Guilhaumou, 1996). Era um jornal apreciado em Paris e se destacava pelo seu estilo de escrita, que lembrava o célebre escritor francês Jean de La Fontaine, sendo considerado como termômetro dos eventos e opiniões da capital francesa.

No século XIX, começa o debate entre os limites da liberdade de imprensa e a vida privada dos cidadãos, pensando sobre o que seria de fato informação relevante e o que apenas saciaria a curiosidade social de explorar a vida de pessoas socialmente expostas (Soula, 2023). Nessa época, muitos periódicos se autocensuravam em nome da preservação da vida particular e as leis de Serre⁵ impuseram o controle governamental sobre a mídia. Vários periódicos fecharam ou foram politicamente perseguidos.

Já no século XX, o período abrangido pelas duas guerras mundiais foi utilizado como forma de cercear a liberdade de imprensa, como no período do regime Vichy⁶, na segunda guerra mundial, onde a imprensa tinha grande responsabilidade na difusão de propaganda e influência na opinião pública. Sob a liderança de Philippe Pétain, a França estava alinhada com o regime nazista de Hitler e a mídia passou a ter controle estrito do estado e publicações livres e independentes foram fortemente perseguidas e amplamente restringidas. Os jornais eram obrigados a manter uma postura favorável ao regime, o governo de Pétain inclusive criou a *Agence Inter-France*, uma agência de notícias governamental destinada a divulgar propaganda para manipular a opinião pública e atender aos interesses do governo (Bonet, 2021).

A liberdade de imprensa voltou a ser consagrada na Constituição Francesa de 1958 e isso permitiu a expansão e crescimento dos veículos, comprometendo-se com a qualidade da informação, a qual é beneficiada pelo amplo número de fontes. A transição para as

⁴ “où on le feroit entendre le langage de l'austère vérité, où l'on rappelleroit aux principes le législateur, où l'on démasqueroit les frippons, les prévaricateurs, les traîtres, où l'on dévoileroit tous les complots, où l'on éventeroit tous les pièges, où l'on sonneroit le tocsin a l'approche du danger”.

⁵ Textos legislativos franceses publicados em 1819, durante a Segunda Restauração, um período político mais liberal na França. As leis receberam esse nome em homenagem a Hércules de Serre, Ministro da Justiça de Luís XVIII.

⁶ Regime de governo na França entre 1940 e 1944, sob comando do marechal Pétain, no qual a sede do governo foi transferida para a cidade de Vichy, dando origem ao nome. Mais informações em: https://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/gouvernement_de_Vichy/148768

plataformas digitais permitiu aos jornais ampliar suas bases de assinantes e atingir um novo público.

Atualmente, grandes jornais que iniciaram a partir da metade do século XX, como "Le Monde", "Le Figaro" e "Libération", continuam sendo vozes influentes, enquanto publicações nativas digitais e plataformas online ganharam destaque. Com o crescimento das plataformas digitais também cresceu a disseminação de notícias falsas, e a imprensa francesa se engaja no debate e no combate a esse fenômeno, inclusive criando seções de *fact-checking* em seus periódicos – como fez o *Le Monde* – entretanto ainda veem o crescimento das *fake News* e testam novas ferramentas para manter a qualidade das informações (Koukoutsaki-Monnier, 2018). Veremos na próxima seção os percursos e percalços enfrentados pelos jornais locais e independentes no processo de transformação digital.

2.2 IMPRENSA LOCAL E A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DAS REDAÇÕES

A imprensa escrita que comentamos neste estudo possui características específicas que a tornam singular frente a seus pares. Falamos de veículos de comunicação abrigados prioritariamente em cidades distantes dos grandes centros, os quais não fazem parte de grandes grupos de comunicação, famosos nos seus países. Esse conjunto de detalhes dá-lhes a particularidade de jornais locais e independentes, frequentemente considerados como jornais de segunda categoria pelos profissionais da imprensa (Dornelles, 2010), devido a preconceitos com as comunidades específicas e/ou afastadas das metrópoles.

Neste estudo, tratamos sobre jornais locais, então cabe aqui a diferenciação entre meios de comunicação locais e meios de comunicação comunitários: “O primeiro tipo de mídia visa mais a transmissão da informação e o segundo a mobilização social e a educação informal”. (Peruzzo, 2003, p. 2). Entretanto, em alguns momentos vemos que os polos se entrecruzam e os jornais locais também assumem características de jornal comunitário. Peruzzo (2003) explica que a mídia local trata de assuntos gerais relacionados à comunidade onde está inserida: política local, serviços públicos, acidentes, violência, enfim, temas relevantes para o contexto daquela comunidade em diferentes editorias, desde complexas transações político-econômicas até o menu do restaurante do bairro. Já os meios comunitários são voltados para temáticas específicas de determinados grupos, em geral, segmentos sociais excluídos (Peruzzo, 2003).

Peruzzo (2003, p. 11) descreve a mídia local da seguinte forma:

- a) Tem o objetivo de dar a conhecer assuntos de foco local ou regional que em geral não tem espaço na grande mídia.
- b) É encarada como uma unidade de negócio comercial, portanto tem interesses mercadológicos, vende espaço anúncios comerciais e pretende ser rentável, cujos excedentes pertencem a seus proprietários individuais/organizacionais.
- c) É suscetível a corresponder a interesses políticos e econômicos de empresas, lideranças, grupos políticos partidários da região etc.
- d) Explora o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégia para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência, e conseqüentemente obter retorno financeiro.
- e) Tem interesse em contribuir para a ampliação da cidadania desde que as estratégias adotadas para tanto ajudem na consecução dos interesses empresariais.
- f) Os espaços abertos à participação dos cidadãos estão sujeitos ao controle dos dirigentes e técnicos.
- g) A produção do “que fazer” comunicacional está sob a responsabilidade direta de especialistas contratados.
- h) O sistema de gestão é do tipo burocrático tradicional.
- i) Os conteúdos tendem a ser, majoritariamente, parte daqueles tratados pela grande mídia, mas com enfoque local ou regional, como por exemplo: CPI numa Câmara Municipal, informes sobre clima-tempo, programas de cunho social bem sucedidos na região, prisão de pessoas por delitos cometidos, catástrofes, entrevistas com prefeitos e outros membros do poder executivo municipal, entrevista com vereadores, cobertura de fatos relacionados a hospitais e escolas da região, notas ou campanhas de interesse público, questões de meio ambiente, problemas sociais, esporte local etc.
- j) A mídia local tanto pode ser local em seu sentido estrito, de pertencente e atuante num dado território, como pode ser exterior a ele e apenas lhe oferecer espaços (programas de rádio ou de televisão) e cadernos especiais (jornal impresso) para o tratamento de questões locais.
- l) Há casos em que algumas emissoras comerciais de TV e de rádio produzem programas de cunho bastante comunitário, tanto no formato (participação popular) como nos conteúdos (problemáticas sociais, noticiários locais etc.), que à primeira vista podem ser vistos como sendo tipicamente de uma emissora comunitária.

Como vimos nas definições de Peruzzo (2003), os jornais locais são também espaços comerciais que visam o lucro. Eles inspiram seu modelo de negócios nas grandes mídias e criam projetos gráficos muito semelhantes (Dornelles, 2012). Assim como nos grandes meios, os proprietários dos veículos locais esperam receber o retorno de seus investimentos, entretanto atuam em uma área com baixo índice de comércio de bens e serviços, o que gera pouco rendimento em publicidade.

No Brasil, a saída para incrementar o orçamento desses veículos é participar de licitações do poder executivo e legislativo dos municípios onde atuam, servindo como uma espécie de diário oficial para os governantes. Segundo Dornelles (2012, p. 33), “Em nosso estudo sobre a imprensa interiorana encontramos, ainda hoje, poucas matérias contendo críticas, denúncias ou cobrança do poder executivo local, comportamento que revela a falta de independência e autonomia desses jornais em nome da sobrevivência”. Ou seja, em muitos casos, esses jornais são subjugados pelo poder executivo local e perdem parte significativa de seu poder de estruturar mudanças na sociedade e denunciar práticas que não

são proveitosas para os cidadãos. Segundo Gandour (2019), independência editorial está intimamente ligada à independência financeira.

Na França, a questão financeira dos jornais é ainda mais restrita, pois não há espaço para anúncios publicitários nos periódicos investigados nesse estudo, eles dependem apenas dos seus assinantes e dos volumes que vendem avulso em feiras e no comércio local (Solari, 2019). Os jornais independentes que se dizem fora da imprensa tradicional funcionam em formato de cooperativa e se assemelham às definições de Peruzzo (2003) em relação ao jornalismo local, pois possuem um formato voltado para os interesses de uma comunidade definida, mesmo quando abordam assuntos de interesse nacional.

Mesmo enfrentando o problema do orçamento escasso, os jornais locais ainda são capazes de engajar seus leitores e formar uma comunidade mais dinâmica. A proximidade com o público reforça o interesse por esses veículos, visto que o jornalismo local é determinado por pessoas, nomes e espaços específicos que abrangem uma construção social muito mais complexa do que as notícias genéricas elaboradas por grandes meios de comunicação que atingem milhões de pessoas. A informação desses jornais representa mais assertivamente a população para a qual é direcionada (Dornelles, 2010). As notícias despertam o interesse dos leitores por sua sociedade, promovendo a democracia e a troca de ideias entre os pares.

Essa relação, em grande parte, torna-se possível porque o jornalista que trabalha em um jornal local também vive nessa comunidade, a defesa pelo interesse geral é legítima e a forma como conduz seu trabalho afeta seu cotidiano. Conforme Dornelles (2010, p. 241),

O jornalista da imprensa local tem, pois, a particularidade de viver entre os seus leitores. Contar a vida é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem. Os profissionais da imprensa interiorana devem ser jornalistas-assistentes do cidadão e ter como uma das suas características o gosto demasiado pelas pessoas.

Os indivíduos que formam esses jornais estão delimitados por um local geográfico específico e fundamental para dar as características específicas de cada veículo, pois eles se moldam consoante a sociedade que os rodeia e com o que essa considera importante. Entretanto, em tempos de mídias digitais, de acordo com Peruzzo (2003, p. 4), “os elos de proximidade e familiaridade ocorrem muito mais pelos laços de identidades de interesses e simbólicas, do que por razões territoriais”. Os valores e práticas sociais são construídos na localidade física, mas podem espalhar-se indefinidamente no ambiente digital para indivíduos que se identificam com o perfil apresentado pelo jornal.

A chegada dos meios digitais não excluiu totalmente os jornais impressos da vida dos brasileiros, entretanto, conforme a pesquisa Mídia Dados (2021), esse momento parece mais próximo a cada ano, como é possível observar no gráfico apresentado na Figura 1:

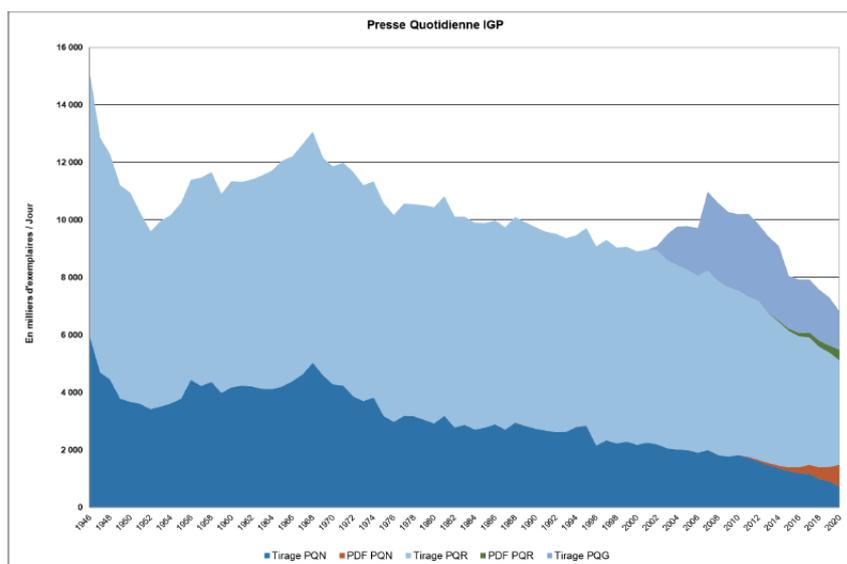
Figura 1 - Evolução da Circulação de Jornais Impressos no Brasil



Fonte: Mídia Dados Brasil (2021)

A França segue um caminho semelhante, o qual pode ser constatado no gráfico da Figura 2, divulgado pelo Ministério da Cultura da França na Pesquisa anual sobre a imprensa escrita no ano de 2020, que detalha a circulação de jornais impressos e digitais no território francês. As siglas indicam os jornais de circulação nacional (PQN), jornais de circulação regional (PQR) e jornais de circulação gratuita (PQG). Se nos atermos aos parâmetros identificados no gráfico, que mostram os jornais impressos regionais, mais relevantes neste trabalho, entendemos que a circulação em papel já diminuía desde os anos 1970 e essa diminuição ganhou ritmo mais acelerado a partir dos anos 2000:

Figura 2 – Detalhamento da circulação média de jornais diários ou PDFs distribuídos em média por dia em milhares de exemplares no território francês



Fonte: Pesquisa anual sobre a imprensa escrita no ano de 2020

Os gráficos de circulação de jornais impressos nos dois países demonstram que com a chegada dos meios de comunicação digitais, especialmente a internet, os jornais impressos precisaram de adaptação para não serem extintos. “A era virtual, além de reconfigurar de forma radical cada um dos meios e o conjunto da comunicação, revolucionou as formas de socialização do ser humano, as práticas políticas e o modo pelo qual as novas gerações se relacionam com o saber” (Kucinski, 2012, p. 6). O modo de consumir jornal já não é mais o mesmo, mas a necessidade por informações e o espaço do jornalismo na sociedade ainda estão em evidência, o que levou grande parte dos jornais impressos a criarem os seus portais digitais e adaptar as suas redações para trabalhar também na web.

A migração desses veículos para o suporte on-line é relativamente facilitada pela confiança que adquiriram do público ao longo do tempo, o que leva 61% dos brasileiros e 58% dos franceses a confiarem nos jornais locais como fonte segura de informação, de acordo com os dados da Reuters Institute Digital News Report (Newman, 2022). Na França, esses são os meios que mais detêm a confiança do público, estando à frente de grandes marcas da mídia e de outros dispositivos, como a televisão.

A internet permitiu aos jornais locais independentes incrementarem o seu público, utilizando-se da sua credibilidade para movimentar mais conteúdo e anunciantes. Segundo Lima (2015, p. 226), “o baixo custo e a facilidade de acesso deram condições para que os jornalistas levassem para a blogosfera a experiência e o mesmo valor notícia que adotavam nos jornais e revistas impressos”. Todavia, os veículos independentes ainda sofrem com a

pressão das grandes redes de comunicação e as políticas das novas plataformas, que beneficiam os grandes grupos, oferecem tratamento especial e melhores condições de acesso (Bell; Owen, 2017). Os veículos independentes podem ingressar nessas plataformas, mas a concorrência torna-se desleal e exige que redobrem as estratégias para ganhar tráfego e seguidores.

Holubowicz (2012) menciona o jornal francês *Dauphiné Libéré* como exemplo de diversificação de estratégias, especialmente voltadas para captar o público jovem que teve naturalmente menos contato com os meios impressos. Isso faz com que esse jornal e tantos outros em situação semelhante necessitem circular em diferentes esferas do jornalismo para atender às demandas do impresso e do digital. A fim de executar esse trabalho, os profissionais jornalistas precisam gerenciar uma relação extensa de habilidades, conforme veremos na próxima seção.

2.3 COMUNICAÇÃO E TRABALHO

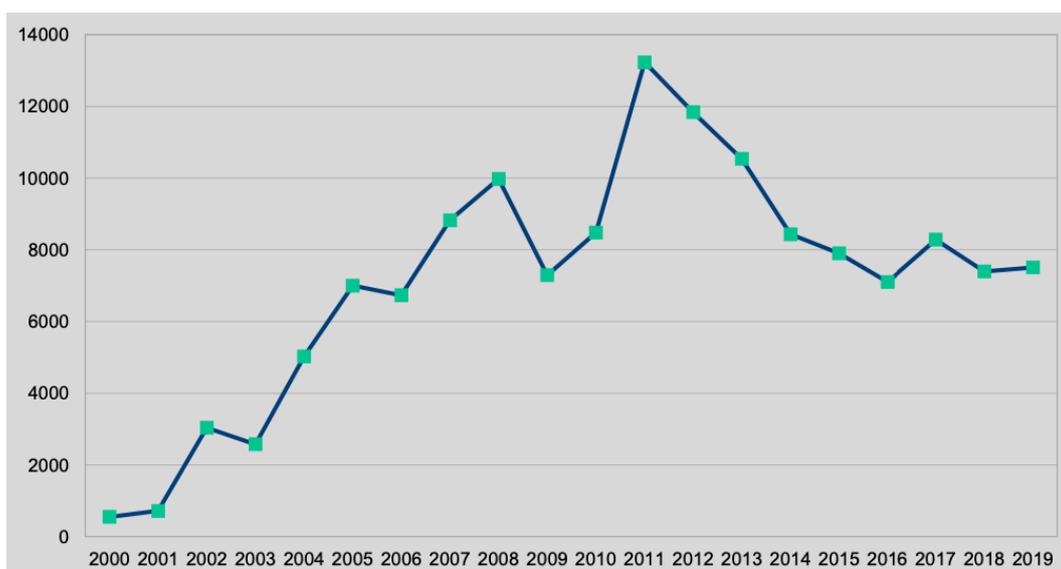
Vimos que o formato do trabalho jornalístico evoluiu, dando espaço para as redações digitalizadas. Mesmo nos periódicos em que a circulação impressa ainda é predominante, os meios para a produção agora são digitais. Isso implica na modificação de como o trabalho é realizado pelos jornalistas: se por um lado a tecnologia facilitou o trabalho oferecendo ferramentas mais eficazes, como os computadores, por outro lado, a diminuição das redações levou à precarização do trabalho, com menos tempo para averiguar informações, fazer treinamentos e elaborar reportagens (Gandour, 2019). Gollac e Volkoff (2006) lembram que a precarização leva ao distanciamento do trabalhador do seu trabalho, levando-o a aceitar condições adversas que, mesmo sabendo serem prejudiciais, são preferíveis ao desemprego.

De acordo com Williams (2011), a construção da atividade de trabalho jornalística passa pelo entendimento dos meios de comunicação como meios de produção. Sendo assim, segundo Gollac e Volkoff (2006), os processos comunicacionais são parte intrínseca do funcionamento do sistema econômico que, no que lhe concerne, coloca a intensificação do trabalho como imprescindível para o desenvolvimento da economia. Diante disso, quando analisamos o cenário brasileiro nesse contexto, conforme sintetizado por Gandour (2019), podemos verificar que a queda do investimento em publicidade nos jornais acontece desde os anos 90, o que impacta no faturamento das empresas e, conseqüentemente, na renda dos jornalistas e nas suas condições de trabalho. Fator esse que foi mais agravado a partir de 2009, quando o Supremo Tribunal Federal Brasileiro extinguiu a necessidade de diploma de

curso superior para o exercício da profissão de jornalista, tornando o meio mais concorrido e menos capacitado.

A pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro – Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2021” (Lima, 2021), realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), aponta a precarização do trabalho jornalístico em diversos fatores, como a alta carga horária de trabalho, pois quase 67% dos profissionais entrevistados informaram trabalhar entre 7 e 10 horas por dia, com baixa remuneração, pois a renda média de 60% dos jornalistas é inferior a 5,5 mil reais mensais. Fatores como esses culminam no desinteresse pela profissão, confirmado pela queda, desde 2012, nos registros profissionais de jornalistas concedidos pelo Ministério do Trabalho, conforme representa o gráfico da Figura 3:

Figura 3 – Registros profissionais de jornalistas concedidos pelo Ministério do Trabalho do Brasil (2000/2019)



Fonte: Lima (2021)

A reconfiguração do mercado de trabalho apresenta lógicas e disputas diferentes (Figaro, 2018). O reflexo dessa transformação é constatado na pesquisa coordenada por Lima (2021) ao apontar a diminuição dos vínculos CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e aumento dos freelancers. Os jornalistas passaram a trabalhar como PJs (Pessoas Jurídicas), em um sistema que reduz custos para as empresas, tendo em vista que os trabalhadores arcam com os seus encargos trabalhistas e atuam por demanda, executando um projeto específico e sem necessidade de vínculo formal (CLT). A transformação do jornalismo acontece simultaneamente em todo o mundo, os dados observados por Lima (2021), no Brasil,

coincidem com aqueles observados por Frisque (2014) na França. Frisque (2014) relata que jornalistas freelancers, com contratos de curta duração ou estagiários, são cada vez mais numerosos e as condições de trabalho retrocedem rapidamente.

No cenário francês, a garantia de direitos trabalhistas também não atende aos profissionais freelancers. A lei de modernização da economia, posta em prática em 2008, permite reduzir custos com profissionais liberais; mesmo que o jornalismo não esteja entre as profissões citadas na lei é comum que empresas contratem jovens profissionais nesse sistema, que aceitam a condição oferecida dado a falta de opções (Frisque, 2014). Esse modelo, além de oferecer um salário muito abaixo do mercado, elimina grande parte de coberturas sociais, como saúde e acidentes de trabalho.

Não é raro que esses profissionais precisem recorrer a outras profissões para compensar os ganhos mensais, são os chamados *jobs alimentaires*, ou trabalhos para alimentação em uma tradução literal, em resumo, atividades exercidas unicamente com fins econômicos. No caso dos jornalistas, esses trabalhos frequentemente situam-se na área de comunicação, como atividades de edição e publicidade (Frisque, 2014), obrigando o jornalista a conciliar diversas tarefas em empresas e ramos diferentes.

No meio digital, a precarização é potencializada conforme destacam Figaro e Marques (2020, p. 111):

Ainda no que tange à redação virtual, podemos compreender que ela representa o espaço de transformações na produção do jornalismo, contudo, dialeticamente, é o espaço em que se dão as contradições do trabalho e as relações mais precárias, em alguns casos, similares com as do século passado, sem jornada fixa, divisão de tempo de trabalho e não trabalho e intensidade do trabalho com engajamento total e polivalência. Quanto menos formas de sustentação, maior a dependência da tecnologia para fazer jornalismo.

A tendência é que o mercado digital continue em expansão, visto que recursos que antes eram investidos nas mídias tradicionais migraram para plataformas digitais, como Google e Facebook (Gandour, 2019). Com isso, fortaleceu-se a criação de conteúdo digital em detrimento da produção jornalística, com impacto negativo no trabalho dos jornalistas.

A cobrança por mais agilidade e desempenho passou a ser constante (Bell; Owen, 2017), conforme destaca Lima (2015, p. 123): “trabalha-se mais tempo e, ao mesmo tempo, se tem menos tempo para fazer o trabalho”. A necessidade de pensar na experiência do usuário/público-alvo deixou de ser responsabilidade do veículo e passou a ser mais uma das tarefas a serem executadas pelo jornalista, que precisa fazer isso enquanto presta atenção às demandas de velocidade na publicação de conteúdos: ele precisa apurar e divulgar a

informação sempre em tempo recorde e sem contar com a estrutura de uma redação, visto que esses profissionais trabalham essencialmente sozinhos. Como define Kucinski (2012, p. 8): “[...] além do encolhimento dramático das equipes, nos veículos mais ativos, o processo coletivo de criação do conhecimento jornalístico cedeu lugar à terceirização da produção e à compartimentação dos saberes”. A qualidade da informação passa a ser medida pela quantidade de interações que ela desperta nas redes (Kucinski, 2012).

As crescentes demandas centradas no jornalista tornam necessária uma análise aprofundada dessa atividade, a fim de entender como essas novas práticas afetam o bem-estar do profissional em sua atividade. Para tanto, recorreremos à ergologia, proposta por Schwartz e Durrive (2010, 2015), Trinquet (2010), Nouroudine (2002, 2016) e outros autores, conforme veremos no próximo capítulo.

3 ORIGEM E DESTINO DO TRABALHO: ERGOLOGIA COMO BASE PARA DESVENDAR A ATIVIDADE JORNALÍSTICA

São nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que nossas habilidades.

J. K. Rowling, em Harry Potter e a Câmara Secreta

O jornalista desempenha uma atividade fundamental no processo de produção da notícia até que ela chegue ao seu destinatário. Entender melhor esse processo passa, inevitavelmente, por compreender a atividade de trabalho na mídia. Tal atividade é complexa demais para ser tratada apenas por uma área, portanto, buscamos uma perspectiva pluridisciplinar para versar sobre o tema. Segundo Schwartz e Durrive (2010, p. 25), “a Ergologia conforma o projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las”. O próprio trabalho se transforma constantemente, tornando impossível apreender tudo que dele emana, logo é dever do pesquisador em ergologia manter uma postura de desconforto frente às situações que a ele se apresentam.

Aprofundar-se na atividade de trabalho jornalística por meio da ergologia requer entender essa abordagem desde seu início. Neste capítulo versaremos, inicialmente, sobre a ergonomia da atividade, que deu início à ergologia para então seguirmos com os conceitos ergológicos propriamente ditos.

3.1 ERGONOMIA DA ATIVIDADE

As raízes da ergologia estão centradas principalmente na ergonomia da atividade, a qual iniciou devido à preocupação social dos pesquisadores com o bem-estar dos trabalhadores no final da segunda guerra mundial, conforme relatado por Teiger (1993). Durante o taylorismo e o fordismo, o trabalho era percebido como a porção do nosso tempo trocada por uma remuneração. O trabalho prescrito era predominante e os trabalhadores não deviam se desviar daquilo que estava programado para que eles fizessem. Boutet e Gardin (1998) relembram que nessa época a linguagem e trabalho eram colocados como antagonistas: falar durante o trabalho só era necessário em caso ter-se que transmitir alguma norma.

A percepção dos efeitos nocivos causados pelo modelo de trabalho adotado pelo taylorismo e posteriormente pelo fordismo levou a ergonomia da atividade a propor a

adequação do trabalho ao homem e não o contrário (Guérin *et al.*, 2001). Surgiram recomendações e manuais de ergonomia visando à melhoria do bem-estar no trabalho.

A ergonomia utilizou-se de alguns termos filosóficos e os aplicou em situações relacionadas ao trabalho. Podemos, inicialmente, falar sobre o meio que, em uma concepção mecânica, trata-se do ambiente que sustenta todas as condições necessárias para a vida de um organismo, no caso, dos seres humanos (Canguilhem, 2012). Se considerarmos o corpo e o meio isoladamente, “o meio tende a perder sua significação relativa e a tomar a de um absoluto e a de uma realidade em si” (Canguilhem, 2012, p. 141), no caso, a presença e as ações do sujeito sobre o meio são insignificantes. Essa definição mecânica seria muito superficial para falar do sujeito em atividade de trabalho, mas serve como ponto de partida para compreender o meio como algo presente e que condiciona a vida dos trabalhadores.

Esse condicionamento dado pelo meio está longe de uma concepção determinista, que dá ao meio todos os poderes sobre o indivíduo. Os homens são diferentes das máquinas, eles possuem seus próprios pensamentos e a capacidade de agir sobre o meio em uma construção dialógica, conforme Canguilhem (2012, p. 154): “o homem, mesmo subordinado à máquina, não consegue se apreender como máquina. Sua eficácia no rendimento é tanto maior quanto mais sua situação central para com os mecanismos destinados a servi-lo lhe for sensível”. Ao mesmo tempo em que o vivente leva suas normas para o meio e o domina, ele também se subjugava ao meio.

As implicações da relação vivente-meio são levadas para o campo do político e do social, pois se o homem faz parte do meio e pode agir sobre ele, conseqüentemente pode agir sobre si mesmo (Canguilhem, 2012). Assim sendo, “O meio incita o organismo a orientar por si mesmo seu futuro” (Canguilhem, 2012, p. 162) e “o comportamento de um ser vivo é a parte de sua atividade que se manifesta a um observador” (Daniellou; Simard; Boissières, 2013, p. 23). Logo, a maneira como o homem vai se comportar nessas situações ou como observará outro indivíduo em tais ambientes está correlacionada com o meio geográfico e físico no qual habita, pois os meios conectam-se entre si unindo as perspectivas de local físico e de arranjo sociopolítico.

Se a relação do homem com o meio é dialética, “o meio do qual o organismo depende é estruturado, organizado pelo próprio organismo” (Canguilhem, 2012, p. 165). Ou seja, a construção do meio depende das experiências pragmáticas do indivíduo, que vão situá-lo em relação a si e aos outros. Todo o ambiente no qual se situa um indivíduo está centrado na sua própria percepção de realidade, é como se cada ser humano vivesse em um universo próprio, determinado pelo seu conhecimento empírico.

Apreender cada um desses pequenos universos seria impossível, entretanto, segmentando o meio em partes específicas relacionadas à atividade dos seres humanos no mundo, podemos entender um pouco do que se passa no meio que cerca esses indivíduos. A ergonomia direciona seu olhar para o meio do trabalho, procurando conciliar a saúde dos trabalhadores com os objetivos econômicos das empresas (Guérin *et al.*, 2001). A disciplina não procura revolucionar o trabalho, mas ver sua evolução (Teiger, 1993).

Quando se fala de adaptar o trabalho ao homem, trata-se de entender que, conforme Canguilhem (2012), os homens não são máquinas e lhes fornecer uma escolha além de se adaptar ao que já foi construído e considerado como imutável (Teiger, 1993). A ideia é que é possível transformar as técnicas e as ferramentas para adequem-se às necessidades dos homens. Teiger (1993) ressalta a importância de debater sobre a técnica não como algo já dado, mas como uma construção social.

Pesquisar na área de ergonomia requer, então, compreender o homem no jogo de forças estabelecido com a sociedade que o cerca e o engloba: “qualquer intervenção de pesquisa ergonômica em uma situação de trabalho é, portanto, assumida nas relações sociais” (Teiger, 1993, p. 78, tradução nossa)⁷, o que transforma o trabalho no objetivo e no objeto da pesquisa. Teiger (1993, p. 78-79, tradução nossa)⁸ traz a seguinte definição de trabalho:

O trabalho é uma atividade finalizada, realizada individual ou coletivamente por um determinado homem ou mulher, em um determinado período de tempo, localizado em um contexto particular que define as restrições imediatas da situação. Essa atividade não é neutra, ela envolve e transforma por sua vez a pessoa que a realiza.

Com essa definição, podemos verificar que o trabalho não é algo abstrato e impassível, ele é fluido e se transforma de acordo com as condições do meio no qual se desenvolve. O trabalho depende desse meio, do espaço, tempo e indivíduos que o cercam para fazer sentido (Teiger, 1993). “Trata-se de um conhecimento incorporado, um conhecimento que está inscrito no corpo e que não é fácil explicar com palavras”. (Daniellou; Simard; Boissières, 2013, p. 26). Assim, cada situação de trabalho é única, como seu operador.

⁷ “Toute intervention de recherche ergonomique en situation de travail est, de ce fait, prise dans les rapports sociaux”.

⁸ “Le travail est une activité finalisée, réalisée de façon individuelle ou collective par un homme ou une femme donnés, dans une temporalité donnée, située dans un contexte particulier qui fixe les contraintes immédiates de la situation. Cette activité n'est pas neutre, elle engage et transforme en retour celui (celle) qui l'accomplit”.

O pesquisador encontra-se, assim, com uma construção e não com um objeto pronto e definido. A estruturação da atividade de trabalho na pesquisa se dá por meio de observações e entrevistas individuais, confrontando dados e promovendo discussões sobre o tema. Teiger (1993) fala de uma coprodução de conhecimento, passando pelas fases de avaliação, descrição e interpretação.

A atividade de trabalho, segundo Teiger (1993), possui esse caráter enigmático na ergonomia, que atribui ao operador um compromisso de gerenciar sua atividade de acordo o conhecimento técnico disponível, o tipo de tarefa e metaconhecimentos diversos, os quais lhe obrigam a desenvolver uma inteligência estratégica. Logo, torna-se difícil para o trabalhador falar sobre seu trabalho quando questionado sobre sua atividade, pois dificilmente ele falará sobre a atividade de trabalho; antes falará sobre a atividade de produção de bens e / ou serviços que sua empresa desempenha: “a rigor, trata-se então do resultado da atividade coletiva de trabalho” (Guérin *et al.*, 2001, p. 13). Teiger (1993) destaca que alguns ergônomos nem consideram como atividade de trabalho aquilo que pode ser verbalizado, mas destaca que colocar o trabalho em palavras exige abstrair e formalizar suas experiências.

Alguns conhecimentos incorporados são, de fato, inacessíveis se não forem verbalizados (Teiger, 1993). Também, outros precisam ser identificados: observar o dito no não dito e para isso o embasamento da análise do discurso propõe ferramentas muito propícias. Guérin *et al.* (2001) destacam que os trabalhadores, em geral, não falam de seu trabalho, mas de sua tarefa, a qual é, ao mesmo tempo, uma prescrição imposta pela empresa e indispensável para determinar sua atividade. “A atividade de trabalho é uma estratégia de adaptação à situação real de trabalho, objeto da prescrição” (Guérin *et al.*, 2001, p. 13). A ergonomia se propõe a analisar as estratégias que o trabalhador usa para administrar a distância entre o que foi prescrito pela empresa e o real que precisa ser feito.

O trabalhador é o centro de sua atividade, sem ele não seria possível a conclusão das tarefas e o crescimento da empresa. Portanto, uma perspectiva teórica derivada da ergonomia centra-se no trabalhador, a ergologia, que veremos na próxima seção.

3.2 ERGOLOGIA: PRECEITOS E PROPOSIÇÕES

A ergologia adotou e potencializou conceitos da ergonomia como a atividade de trabalho, considerando que ele é uma atividade humana em constante transformação, a qual não sabemos exatamente como definir (Schwartz; Durrive, 2010). Segundo Freitas *et al.*

(2019, p. 177), “a ergologia pode se posicionar como uma abordagem fundamental para o reconhecimento de discursos internos, capazes de reverberar na construção da cultura empresarial”. Os estudos ergológicos promovem uma interpretação mais ampla do que é trabalho, que pode ser descrita como "o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com o seu meio e com os outros”. (Trinquet, 2010, p. 96). Por isso, é importante para a ergologia manter uma postura de desconforto intelectual frente à atividade de trabalho, buscando aprender constantemente a respeito dos debates de normas e de valores, os quais modificam a atividade continuamente.

Schwartz e Durrive (2010) definem que a atividade de trabalho está sempre em negociação de normas: “a atividade negocia essas normas em função daquilo que são as suas próprias”. (Schwartz; Durrive, 2010, p. 31). O trabalhador sempre tenta reorganizar o ambiente de trabalho em função de si mesmo. Isso se reflete na sociedade, cada um escolhe a sua posição sobre os grandes temas sociais que os cercam e tenta modelá-los à sua escala. Sendo assim, o que é pequeno no trabalho encontra sua contrapartida nos maiores problemas da sociedade; conforme Schwartz e Durrive (2010, p. 33), “às vezes o valor social e político dessas micro-escolhas que se operam no trabalho aparece muito próximo do debate de valores no nível macro”. Pode ser que o trabalhador não perceba essa correlação em um primeiro momento, mas ela está presente nas mudanças sociolaborais que ocorrem de forma contínua no âmbito da sociedade.

Qualquer atividade de trabalho promove mudanças, elas têm em si a capacidade de transformação, afinal, sempre é possível trabalhar de outra forma. Conforme destaca Schwartz (2011, p. 33):

Uma atividade de trabalho é sempre o lugar, mais ou menos infinitesimalmente, de reapreciação, de julgamentos sobre os procedimentos, os quadros, os objetos do trabalho, e por aí não cessa de ligar um vaivém entre o micro do trabalho e o macro da vida social cristalizada, incorporada nessas normas.

No que concerne às normas, a perspectiva ergológica não nega sua existência no trabalho, afinal "como espécie viva, para sobreviver e viver, o ser humano deve se conformar a normas de todos os tipos criadas na e pela história” (Souza-E-Silva, 2014, p. 286). As normas atuam como uma inscrição histórica do trabalho, apontando o que funcionou e o que precisou de melhorias em tempos passados. No trabalho mercantil, essas normas estão mais próximas de prescrições que tentam antecipar a atividade antes mesmo que a pessoa inicie sua ação, levando ao tecnicismo extremo.

Sempre há a tentativa das empresas de predeterminar o trabalho, antecipar-se a determinadas situações tendo em vista o histórico daquela atividade, é o que Schwartz e Durrive (2010) chamam de trabalho prescrito. É uma maneira científica de pensar o trabalho, estudar detalhadamente cada etapa, quanto tempo é necessário, como ser mais eficaz. Schwartz (2011) lembra que a atividade não se limita à interligação de normas, pois isso seria impossível de ser aplicado sem considerar o ser humano que desempenhará a atividade.

No momento em que é colocado em prática, o trabalho prescrito encontra-se com o trabalhador e é ressignificado, torna-se o trabalho real, o que o trabalhador realmente fez naquele momento. Essas duas distinções existem em uma relação de interdependência: o trabalho prescrito tenta antecipar o trabalho real, o qual sempre vai além (Durrive, 2019). Acontece uma dupla antecipação: “O que foi pensado de antemão no trabalho vai ser continuamente ultrapassado pelo que os trabalhadores pensaram durante a própria ação. A recíproca não tarda, pois o prescrito vai tomar conta, novamente buscando antecipar o trabalho que está por vir” (Durrive, 2019, p. 225). Sendo assim, as restrições impostas pelo trabalho prescrito sempre deixam margem para a iniciativa do trabalhador.

Há sempre uma distância entre o trabalho pensado – seja ele pensado pelo próprio trabalhador antes de agir ou por um terceiro – e o trabalho que vai de fato ser realizado (Schwartz; Durrive, 2010). Não há como saber de antemão qual será essa distância, mas ela será parcialmente singular, pois depende da pessoa que trabalha. Torna-se necessário diminuir a distância entre o que é prescrito e o que realmente acontece no dia a dia. Para tornar o trabalho executável, existem as renormalizações, que são a dimensão de transformação característica do trabalho humano (Durrive, 2011). Isso se dá pelo fato de que as pessoas são seres únicos, com suas particularidades e idiosincrasias: cada uma vai agir de acordo com suas próprias prerrogativas ao se ver frente a um vazio de normas ou um caso particular que não foi anteriormente relatado, ou seja, vai ressingularizar, à sua maneira, a distância entre o prescrito e o real. Desse modo, é por meio da renormalização que o trabalho evolui. Trinquet (2010, p. 97) destaca que, caso contrário, seríamos como outros animais, “nós faríamos algumas coisas, certamente admiráveis, mas sempre idênticas”. O trabalho humano pode variar de um lugar para outro, no entanto, ele se aperfeiçoa com o tempo, seguindo a cultura da civilização onde está inserido.

Mesmo que possamos considerar racional o esquema elaborado para o trabalho prescrito, não podemos dizer que o esquema do trabalho real não é racional. Sempre existe mais de uma racionalidade em ação na atividade de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010). Para que algo seja racional, é preciso que haja algo/alguém para racionalizar, fazer escolhas. Em

alguns momentos, essas escolhas são explicitáveis e conscientes, feitas a partir de uma racionalização lógica, contudo, existe um nível mais profundo, quase subconsciente, que também entra em ação quando se trata de escolhas no trabalho, algo que remete à economia do corpo, a preservação do tempo e da saúde do trabalhador.

Segundo Schwartz e Durrive (2010, p. 44), “esta entidade que racionaliza, é o corpo-si, ou seja, alguma coisa que atravessa tanto o intelectual, o cultural, quanto o fisiológico, o muscular, o sistema nervoso”. É essa entidade que faz a gestão das decisões, algo entre o consciente e o subconsciente, ou o agir dos dois ao mesmo tempo, o que leva a complexidade da análise do sujeito dentro da atividade, visto que nem ele próprio tem uma consciência exata do porquê de seus atos. Nesse sentido, o corpo-si está relacionado com o ser físico e com o ser social em atividade de trabalho agindo ao mesmo tempo, o que lhe transforma em uma entidade um tanto enigmática (Schwartz, 2014).

A partir do momento de ação do corpo-si, que permite ao trabalhador fazer escolhas, ele não toma decisões inadvertidamente, pois, conforme Schwartz (2014, p. 261), “a pessoa em questão faz uma escolha de ato de trabalho de que não se podem excluir as modalidades da incidência sobre ela de um universo de valores que integram de maneiras variáveis a outra num hipotético mundo comum”. É preciso estabelecer critérios para tais escolhas, para poder entender de onde elas surgem e a que se vinculam. Uma norma, ou as escolhas feitas para suprir um vazio de normas, estão ligadas a uma maneira própria de fazer do indivíduo, um saber (Durrive, 2011). Existem muitas formas de fazer uma coisa, então essa escolha também está ligada aos valores do trabalhador (Durrive, 2011), os recursos pessoais de cada indivíduo definirão como ele irá abordar esses vazios de normas (Souza-E-Silva, 2014).

Nesse debate de valores, uma parte está relacionada ao debate consigo mesmo, que gira em torno da economia de si, da possibilidade de manter o ritmo e não se desgastar além do estritamente necessário. Outra parte engloba a dimensão social, saber conviver bem em comunidade, equilibrando o que é pessoal e o que é relativo à equipe. É a capacidade de lutar para que o colega de trabalho também tenha uma atividade vivível. Nesse ponto pode ocorrer outro debate quando colocamos em jogo as questões de crise, talvez o trabalhador simplesmente não queira pensar no outro porque já se encontra em uma situação desgastada ou, ainda, porque está em conflito e esse aspecto precisa ser igualmente observado em se tratando de debate de valores (Schwartz; Durrive, 2010).

Trabalhar implica fazer uso de si, de seu corpo, de sua inteligência etc. Schwartz e Durrive (2015) caracterizam esse uso tanto como um gasto, quanto como uma experiência de si como recurso. As escolhas que o trabalhador precisa fazer, de acordo com Schwartz

(2014), impõem dramáticas do uso de si por si e do uso de si pelos outros. No contexto ergológico, conforme destacam Schwartz e Durrive (2015, p. 38), a palavra dramática não está relacionada a uma catástrofe: “dramática quer dizer que nunca vai deixar de acontecer alguma coisa, porque ocorrerão sempre esses debates, e ninguém vai poder escapar deles”. O corpo-si está sempre em confronto com problemas que determinam o uso de si, visto que aquilo posto na prescrição nunca é suficiente, é sempre preciso renormalizar, porque, independente de quem esteja na atividade de trabalho, as dramáticas acontecerão.

O trabalhador faz uso de si por si por escolher-se ao incorporar os seus valores na atividade (Schwartz; Durrive, 2015). É o indivíduo que define como vai suprir os vazios de normas que se apresentam diariamente a ele. O trabalhador é o próprio balanço entre o prescrito e o real: fazer isso e não aquilo. Ele está sempre às voltas com o que foi prescrito e com o que seu mundo de valores lhe indica fazer, é uma dramática (Schwartz; Durrive, 2015). O debate precisa acontecer, e é nesse momento que o corpo-si entra em ação para escolher a si mesmo, de forma a viver com saúde.

A atividade de trabalho dificilmente é realizada por um único indivíduo; mesmo que ele seja o único responsável por uma tarefa, terá que se relacionar com outros trabalhadores. Conforme assevera Schwartz (2014), esse encontro de dramáticas sempre estará presente, talvez de forma verbal, talvez por gestos, olhares, posturas. A pluralidade de normas estabelecidas na e pela história compelem o trabalhador ao uso de si pelos outros a fim de bem viver em conjunto. Os novatos precisam conhecer as normas antecedentes já estabelecidas pelo grupo e se adequar a elas (Schwartz; Durrive, 2015). Não são normas escritas e amplamente divulgadas, são pequenas concessões estabelecidas no convívio diário e dessa maneira transmitidas entre o conjunto de trabalhadores.

O trabalhador precisa gerir suas escolhas, o uso de si por si e pelos outros em atividade de trabalho, em um movimento constante do corpo-si. Schwartz e Durrive (2010) investigam uma definição de agir em competência na atividade de trabalho para auxiliar na busca e no entendimento do perfil de uma pessoa em situação de trabalho. Para isso, esses teóricos recorrem a seis ingredientes que definem o agir em competência.

O primeiro ingrediente está relacionado a dominar os protocolos em uma situação de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010). Toda a atividade exige um grau de controle sobre diversos saberes e isso faz com que o trabalhador possa prever uma série de acontecimentos, consequências e causalidades antes mesmo que algo aconteça. Nouroudine (2016) vê isso como um teste das normas antecedentes. Incumbe ao indivíduo distanciar-se da tarefa e do próprio ponto de vista e refletir sobre o que foi predeterminado (Schwartz, 1998). À

ergologia, nesse ponto, cabe não fazer conjecturas sobre uma situação de trabalho, dadas as particularidades de cada uma delas.

O segundo ingrediente diz respeito à relativa incorporação do histórico de uma situação de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010). Esse ingrediente está associado ao saber da experiência conforme explica Nouroudine (2016, p. 29): “Essa experiência abrange os saberes criados na realização do trabalho e é colocada em patrimônio em culturas coletivas no centro dos ofícios ou das profissões”. É a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões, orientado pelo histórico da atividade, dialogando com um meio específico de vida e de trabalho (Schwartz, 1998).

O terceiro ingrediente alia a capacidade de articular a face protocolar com a face singular de cada situação de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010). É a prática de articular os ingredientes um e dois: em que aspecto uma situação de trabalho é típica e em que ela precisa de um tratamento diferenciado. Nesse caso, segundo Schwartz (1998), o trabalhador pode criar um protocolo genérico para as situações e analisá-las mais de perto para ver se necessita realçar alguma especificidade. Nouroudine (2016) ressalta que os saberes inclusos nesse ingrediente são voláteis e necessitam de um esforço de formalização verbal e da estabilidade dos coletivos de trabalho.

O quarto ingrediente está ligado à motivação, à relação entre a pessoa e o meio, compreendendo o debate de valores e normas instituídas e impostas na atividade (Schwartz; Durrive, 2010). Trata-se de negociar com as normas da sua vida e da vida dos outros, pois, conforme Schwartz e Durrive (2010), toda a atividade de trabalho é uma dramática do uso de si por si e pelos outros. Uma avaliação positiva dessa competência recai sobre transformar o trabalho em patrimônio (Schwartz, 2004), tomar o trabalho para si. “A correlação dos valores que organizam o meio de trabalho (e vice-versa) e a qualidade do uso de si na atividade atenua consideravelmente a pretensão de objetividade e de neutralidade na avaliação das competências”. (Schwartz, 1998, p. 1). Avaliar a competência de alguém torna-se avaliar a si mesmo, as competências estão relacionadas às pessoas e ao meio em que elas agem.

O quinto ingrediente é a ativação do potencial da pessoa, com suas incidências sobre cada ingrediente (Schwartz; Durrive, 2010), questionar o que nos faz agir. Conforme ressaltam Schwartz e Durrive (2010, p. 218), “a partir do momento em que um meio tem valor para você, todos os ingredientes da competência podem ser potencializados e desenvolvidos”. Quando há um engajamento por parte do trabalhador não é necessário fazer-

lhe grandes demandas para que ele mobilize as competências do ingrediente 1, tudo acontece mais fácil quando a situação é considerada como sua.

O sexto ingrediente implica o trabalho em equipe, usufruir da união das competências em situação de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010). Esse ingrediente está centrado na capacidade de avaliação do próprio perfil de ingredientes e do perfil dos outros. Requer entender que cada indivíduo em atividade de trabalho terá um perfil diferente conforme seu ambiente, sua vida, suas experiências. “Cada um é necessário para realizar o trabalho, mas, ao mesmo tempo, é difícil para uma pessoa tê-los e os controlar todos”. (Nouroudine, 2016, p. 35). Essa competência requer assumir as responsabilidades inerentes ao seu perfil quando deve assumi-las e ser modesto quando verificar que existem perfis mais adequados para determinada atividade (Schwartz; Durrive, 2010). Uma boa gestão sabe organizar esses ingredientes, colocar em sinergia os diferentes perfis a fim de obter um bom resultado comum.

Em um cenário de visualização real do conceito de competência, Freitas *et al.* (2019, p. 179) ressaltam que “operacionalizar a competência, relacionando-a com situações de trabalho abrangentes, sem considerar a infidelidade do meio, ou seja, as variáveis possíveis que estão em jogo, é padronizar o agir, neutralizando as singularidades existentes em cada situação”. Dessa forma, vemos a transformação, ou até mesmo distorção, desses ingredientes. Conforme aponta o trabalho de Borim (2011, p. 149), o indivíduo deve possuir os seguintes atributos para ser considerado competente na visão empresarial:

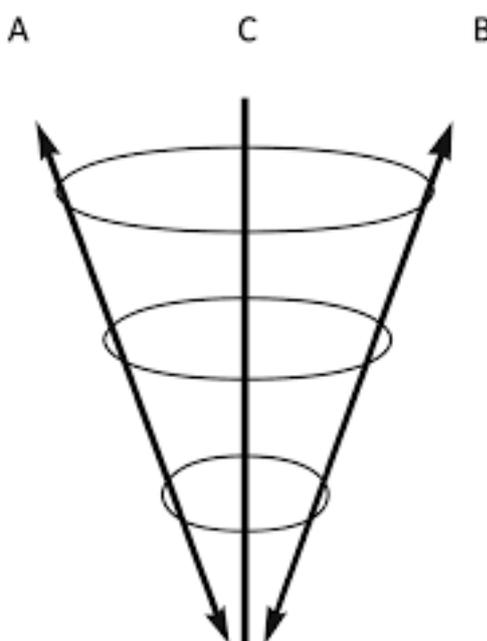
- i. **Ser** brilhante, flexível, confiante, corajoso, versátil, talentoso, comunicativo, além de “bom jogador”;
- ii. **Agir** de forma responsável, comprometida e cooperativa;
- iii. **Possuir** capacidade de influir e promover mudanças; enfrentar desafios, liderar equipes; dominar processos e saber jogar;
- iv. **Ter** atitude empreendedora, visão estratégica, capacidade de aprender, visão de mercado, agir com prudência e foco no cliente – **negritos nossos.**

Borim (2011) ainda ressalta que, dentro das avaliações para encontrar o candidato ideal, existe pouca tolerância ao erro. Ou seja, o foco das empresas continua sendo encontrar os melhores candidatos a fim de obter os melhores resultados, sem necessariamente pensar nos seres humanos que estão desenvolvendo aquela atividade. O trabalhador, por sua vez, precisa mobilizar o corpo-si para destacar-se no seu fazer e conseguir os resultados esperados.

Fazer circular os saberes e movimentar a atividade de trabalho implica em equilibrar e refletir sobre diversos questionamentos que surgem ao longo da vida em atividade.

Schwartz (2002) identifica a necessidade de criar dispositivos que possam ser integrados à diferentes instituições, propensos a ampliar e a transformar o trabalho levando em conta os debates de normas próprios da atividade. “A vocação de tais dispositivos é a de organizar o confronto dessas áreas específicas de cultura e de incultura, ou ainda das instruções provisórias de cada disciplina para enriquecê-las com seu entrecruzamento” (Schwartz, 2002, p. 145). Esses dispositivos podem se apresentar em diversas configurações, mas sempre apontando para a reflexão. Schwartz (2002) defende três diretrizes basilares em seu dispositivo, dando origem a um Dispositivo Dinâmico de Três Polos (DD3P).

Figura 4 - Esquema de Durrive para um DD3P



Fonte: Schwartz e Durrive, 2010

Nesse dispositivo, o polo A interage com o polo B e produz um debate representado no polo C, gerando uma espiral evolutiva. Schwartz (2002) explica como funciona cada um desses polos: o polo A representa as tarefas executadas, responsabilidades e funções práticas de um trabalhador em um dia laboral, ou seja, a experiência prática, concreta, de um indivíduo aplicando suas competências para realizar o trabalho. O polo B diz respeito ao trabalho prescrito, o que é posto em normas para regular estruturas, procedimentos e ações, esperando que o trabalhador efetive sua atividade sob essas regras em uma espécie de trabalho moldado pela historicidade da profissão; é a expectativa da organização influenciando o indivíduo.

Por fim, o polo C possibilita a confrontação dos dois outros polos e, ao mesmo tempo, se beneficia dela. Esse polo representa a subjetividade, o trabalho real, a forma como os trabalhadores experienciam sua atividade do ponto de vista psicológico, emocional e físico e como isso se reflete na significação da atividade pelos envolvidos. O polo C apresenta uma dupla exigência ao trabalhador (Schwartz e Durrive, 2010): exige aprendizagem, o domínio dos ingredientes da competência, e requer uma certa humildade em relação a atividade laboral, transformando em prática tudo que é oferecido no polo B.

Esse modelo de dispositivo pode ser transformado e utilizado em função de diferentes objetivos, meios e lugares (Schwartz, 2002). Pensando que realizar a atividade e refletir sobre ela implica no uso e aprimoramento de diversos saberes, pois conhecer o trabalhador em sua atividade passa pelo entendimento desses saberes, Trinquet (2010) replicou a ideia de dispositivo dinâmico de três polos, proposta por Schwartz e Durrive (2010), que engloba as normas: “são saberes e valores constituídos nos universos científicos” (Schwartz; Durrive, 2010, p. 272), considerados por Trinquet (2010) como saberes constituídos (polo A), que estão em desaderência com a atividade. As renormalizações são os “saberes e valores processados e reprocessados na atividade” (Schwartz; Durrive, 2010, p. 272), os quais Trinquet (2010) nomeia como saberes investidos (polo B), em aderência com a atividade.

O último polo é o debate de valores (polo C), o eixo do questionamento, explicado como eixo socrático, envolvendo domínio de conceitos e capacidade de verbalização do trabalho. Trinquet (2010, p. 103) destaca que “cada polo constitui, portanto, um grupo de pressão que busca conhecer e reconhecer o seu ponto de vista, seus interesses, suas concepções, junto aos outros polos que têm origem e concepções diferentes, porém, complementares”, conforme detalhado na Figura 5:

Figura 5 – Dispositivo Dinâmico de Três Polos



Fonte: Trinquet (2010, p. 104)

Os trabalhadores não estão afixados em apenas um dos polos, eles transitam livremente entre si de acordo com a necessidade. Podemos citar como exemplo jornalistas que trabalharam por anos em suas profissões sem um diploma de educação formal, mobilizando os saberes investidos que a experiência lhes proporcionou. Posteriormente, o profissional pode retrabalhar seus saberes constituídos, em um curso de graduação, e reformular a maneira como desenvolve sua atividade de trabalho. Por fim, unindo esses saberes no terceiro polo, acontece a busca por soluções e disposições para que o trabalho seja mais eficaz e construtivo.

É no terceiro polo, o lugar de debates, que as normas e renormalizações ganham forma, porque a atividade humana não se resume a um acumulado de saberes, sejam eles constituídos ou investidos. A atividade humana gera debate, visto que existem diferentes maneiras de fazer a mesma tarefa, de cumprir com a mesmo ofício, e isso é singular de cada indivíduo (Durrive, 2011). A percepção própria de quem está imerso na atividade deve ser considerada a fim de que seja possível aprofundar a abordagem sobre uma atividade de trabalho.

As escolhas feitas pelo trabalhador em sua atividade não acontecem ao acaso, não é uma seleção imparcial e objetiva em uma gama de opções previamente propostas (Durrive, 2011). As escolhas são permeadas pelo mundo de valores do sujeito, que vai renormalizando a atividade a sua maneira, considerando seus conhecimentos e valores. O padrão adotado

pelo trabalhador “é uma forma privilegiada de fazer as coisas” (Durrive, 2011, p. 22), mesmo que ele reivindique a neutralidade, essa não é passível de alcance.

Considerando as renormalizações e os debates de normas, a atividade forma um triângulo composto pela ação, os saberes e os valores de um trabalhador (Schwartz, 2014). A renormalização acontece “na medida em que o que geralmente se sabe sobre a situação a ser gerenciada (...) cruza o que eu mesmo sei especificamente sobre essa situação [...], mas esse debate é redobrado na medida em que o que faz valor para os outros cruza o que faz valor para mim, em algum momento” (Durrive, 2011, p. 22). Ou seja, o agir diz respeito ao que é feito pelo trabalhador, a tarefa em si, a movimentação do sujeito passível de ser testemunhada por meio de uma marca – seja ela física ou textual – um gesto ou algum sinal que determine um começo e um fim para aquela sequência própria da atividade. No caso do trabalho dos jornalistas, identificamos essas ações especialmente no período de observação do trabalho, mas elas também são visíveis por meio de marcas linguísticas quando eles falam sobre sua atividade e a pontuam com verbos ou modalidades de ação.

Os saberes são considerados por meio da proposta de dispositivo dinâmico de três polos de Trinquet (2010), pois precisamos analisar quando estão em ação os saberes investidos e os saberes constituídos. A linguagem dos jornalistas nos permite analisar os diversos níveis de aderência e desaderência desses saberes. São os saberes que fornecem as referências necessárias para que o trabalhador desempenhe a ação.

Os valores dizem respeito à relação do ser humano com seu meio ambiente e com seus pares, a sociedade em geral (Schwartz, 2014). São as preferências estabelecidas por cada um de acordo com sua ontologia e sem as quais a sua sobrevivência é inviável, afinal “não há estatuto do corpo-si sem recurso a pesquisas cooperativas e indefinidas sobre esses encaixamentos que ligam enigmaticamente os recursos e limites próprios de um corpo biológico a um – obscuro – mundo de valores” (Schwartz, 2014, p. 267). Ou seja, o uso de si é pautado por aquilo que é valioso para o indivíduo. Esses valores se refletem no discurso dos jornalistas, especialmente quando consideramos o contexto no qual eles fazem suas escolhas.

Analisar a atividade de trabalho dos jornalistas requer considerar as três faces do triângulo da atividade, pois ele “reflete a consciência do ator sobre o que abrange as suas ações” (Denny, 2019, p. 148). Considerando o discurso como nossa fonte principal de dados, necessitamos estabelecer uma relação entre o trabalho e as práticas linguageiras, uma das maneiras pelas quais podemos acessar uma parte da atividade de trabalho, conforme veremos na sequência.

3.3 LINGUAGEM E TRABALHO

O trabalhador precisa mobilizar diferentes saberes na atividade de trabalho e para tanto é necessário considerar sua atividade linguageira (Boutet; Gardin, 1998) em consonância com seus vários aspectos. Conforme Boutet e Gardin (1998, p. 102, tradução nossa)⁹, “em situação de trabalho, a linguagem, escrita e oral, se desdobra em todas as suas dimensões antropológicas: instrumental, cognitiva e social”. A dimensão instrumental é a mais perceptível, pois é aquela que serve para transmitir ordens e informações: a linguagem funcional que permite o cumprimento de uma tarefa. A dimensão cognitiva serve para organizar nossos pensamentos e conhecimentos, colocá-los em palavras de maneira que sejam inteligíveis por nós pelos outros. É a dimensão da verbalização, tão valorizada nas empresas atuais, que permite resolver problemas e transmitir saberes. Já a dimensão social, de acordo com Boutet e Gardin (1998), estabelece a linguagem como meio privilegiado de criação das conexões sociais, vivenciada no trabalho por meio da capacidade de invenção e criatividade verbal. É por meio dela que os indivíduos constroem suas identidades individuais e coletivas.

A atividade de linguagem no trabalho, assim como muitas atividades motoras, pode ser desenvolvida, em partes, de maneira automática, como na resposta a um cumprimento ou a uma ordem (Boutet; Gardin, 1998). Mas, no geral, essa atividade requer reflexão, o ser humano não fala sem pensar e escrever exige ainda mais esforço de explicação e raciocínio. Conforme Boutet e Gardin (1998, p. 108, tradução nossa)¹⁰,

Verbalizar a atividade de trabalho supõe ser capaz de adotar uma postura reflexiva sobre a ação, poder tomar consciência de um conjunto de técnicas, gestos, decisões, que são tomadas a qualquer momento sem que sequer saibamos. Porque nem tudo nas atividades humanas dá origem à mesma possibilidade de ser colocado em palavras.

Muitos sentimentos e saberes são absorvidos sem necessariamente serem colocados em palavras. Enquanto a maior parte do trabalho prescrito pode ser encontrada em manuais, planilhas e palestras, o trabalho real apresenta menos opções discursivas. Os saberes

⁹ “en situation de travail, le langage, écrit comme oral, se déploie dans l'ensemble de ses dimensions anthropologiques : dimensions instrumentales, cognitives, et sociales”.

¹⁰ “Verbaliser l'activité de travail suppose de pouvoir adopter une posture réflexive sur l'action, de pouvoir rendre conscient un ensemble de techniques, de gestes, de décisions, qui sont prises à tout moment sans même qu'on le sache. Car, tout dans les activités humaines ne donne pas matière à une même possibilité de mise en mots”.

investidos são mais difíceis de serem colocados em palavras e isso se reflete na dificuldade dos trabalhadores de falarem sobre a sua atividade de trabalho. (Boutet; Gardin, 1998).

O trabalho prescrito é facilmente modelado em palavras, no entanto, o trabalho real requer criatividade, possibilidades de invenção e até mesmo algumas transgressões. Segundo Souza-e-Silva (2002), para que o linguista possa estudar essas interações reais na atividade de trabalho, ele precisa recorrer a noções e categorias de análise de outras disciplinas, tornando seu campo de estudos mais diverso. Trinquet (2010) comenta que é difícil fazer um trabalhador falar de sua atividade, é algo que demanda confiança e perseverança para atingir bons resultados. A fim de superar essas barreiras, observamos a definição feita por Nouroudine (2002), que separa três aspectos da linguagem em relação ao trabalho: a “linguagem como trabalho”, a “linguagem no trabalho” e a “linguagem sobre o trabalho”.

A “linguagem como trabalho” integra aspectos relativos à fala para si e para o outro, buscando condições de realização das atividades, é uma parte legitimada da atividade. Já a “linguagem no trabalho” funciona como parte da realidade que constrói a situação de trabalho na qual se desenvolve a atividade, não é necessariamente ligada ao que é ofício e pode comportar temas variados. E a “linguagem sobre o trabalho” é a interpretação da atividade, aquilo que pode ser dito, decodificado, a respeito da atividade realizada.

Embora nosso foco principal nessa pesquisa seja a linguagem sobre trabalho, os três aspectos são fundamentais para construir o panorama do qual partiremos para a entrevista, pois juntos constroem o que podemos considerar como abrangência da linguagem na atividade de trabalho. Entendemos que precisamos olhar para a língua da forma mais abrangente possível, não apenas como um conjunto de símbolos, mas como uma parte fundamental da evolução da sociedade. Assim, para dar conta da interpretação e análise do discurso dos profissionais da mídia, optamos pela teoria Semiolinguística conforme apresentamos no próximo capítulo.

4 SEMIOLINGUÍSTICA: ANÁLISE DO DISCURSO APONTA O CAMINHO PARA CONHECER O JORNALISTA EM ATIVIDADE DE TRABALHO

Não sei. Nunca vi todas essas pessoas de que você fala. E nem você, suspeito. Elas existem apenas nas palavras que ouvimos. É loucura dizer que você sabe o que está acontecendo com as outras pessoas. Só elas sabem, se é que existem. Elas têm seus próprios Universos a partir de seus olhos e seus ouvidos.

Douglas Adams, em O Guia do Mochileiro das Galáxias

A Teoria Semiociológica do Discurso, elaborada pelo teórico francês Patrick Charaudeau, é uma das vertentes da Análise do Discurso. Como o próprio nome já diz, a teoria está relacionada à semiotização do mundo, em que sistemas semiológicos diferentes servem como base para a construção do sentido e das variadas formas pelas quais os discursos se apresentam, sendo que estão “sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação”. (Charaudeau, 2005, p. 12). É, também, linguística por construir o seu instrumento de análise por meio da estruturação e conceituação dos fatos linguageiros. Os dois aspectos estão interligados e não é possível separá-los.

Por meio da Semiociologia, é possível identificar os parceiros na troca linguageira e analisar os seu(s) contrato(s) de comunicação e interação. Com isso, o trabalho de construção de sentidos da atividade dos jornalistas envolvidos nesta pesquisa torna-se mais claro e aprofundado. Para tanto, precisamos identificar alguns conceitos-chave da semiociologia que serão mobilizados no percurso teórico-metodológico deste estudo. É que veremos na sequência.

4.1 SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E CIRCUNSTÂNCIAS DO DISCURSO

A palavra discurso, no senso comum, pode remeter ao simples ato de alguém tomar a palavra e falar/discursar para um público. Essa é uma concepção possível, mas neste estudo trataremos uma perspectiva linguística do que é discurso. Sustentados pela definição apresentada por Charaudeau e Maingueneau (2018), consideramos algumas ideias-força: a) o discurso supõe uma organização transfrástica, ele se mobiliza em estruturas que vão além da frase; b) o discurso é orientado, ele se constitui em função do propósito do locutor e se desenvolve no tempo, formando uma espécie de painel de controle da fala para o locutor; c) o discurso é uma forma de ação, toda enunciação é um ato direcionado à alteração de uma circunstância, esses atos se unem e formam entidades superiores da atividade linguageira de um gênero discursivo e se relacionam com as atividades não verbais; d) o discurso é

interativo, como vemos na conversação, na qual os locutores enunciam em função da postura do outro, mesmo que não haja um destinatário previsto, toda enunciação é direcionada a um interlocutor, seja ele real ou imaginário de acordo com as perspectivas do enunciador; e) o discurso é contextualizado, um enunciado fora de contexto não produz sentido, o discurso define e modifica seu contexto na enunciação; f) o discurso é assumido, ele está relacionado às referências pessoais e espaço-temporais nas quais se posiciona em relação ao dito e ao locutor, promovendo a reflexão sobre as formas de subjetividade; g) o discurso é regido por normas, pois é um comportamento social, uma pergunta implica uma resposta, o discurso deve justificar seu direito de se apresentar de uma maneira ou de outra para ser legitimado; h) o discurso é assumido em um interdiscurso, ele adquire sentido no interior de outros discursos e interpretá-lo denota colocá-lo em diálogo com discursos precedentes. Enfim, o discurso é “uma maneira de aprender a linguagem” (Charaudeau; Maingueneau, 2018, p. 172), apresentando formas de como podemos (re)significar a linguagem e adentrar aos seus universos literais e subjetivos.

Assimilar o conceito de linguagem implica entendê-la como um objeto não transparente (Charaudeau, 2016). Nem tudo em um ato de linguagem está no campo do explícito, daquilo que fala a linguagem vista como transparente, uma abstração, as intenções do locutor dependem de construções psico-sócio-históricas complexas demais para serem resumidas em uma única mensagem. Assumir que o interlocutor sempre vai compreender o ato de acordo com a intencionalidade do locutor é ignorar toda a subjetividade e intersubjetividade presentes na construção do ser humano, a atividade de elucidação. São as múltiplas leituras provenientes da relação emissor-receptor que colocam o implícito como uma peça-chave no ato de linguagem, nada tem apenas um significado. Podemos citar como exemplo uma manchete de jornal: “Polícia cerca prédios com índios no Rio”, na qual verificamos uma ambiguidade no enunciado, apresentando significados distintos dependentes da interpretação dada pelo receptor: os índios podem tanto ter cercado o prédio a mando da polícia, como os policiais podem ter cercado um prédio habitado por índios.

O objeto do conhecimento do campo semiolinguístico é tanto do que fala a linguagem quanto como fala a linguagem, pois um é constitutivo do outro (Charaudeau, 2016). A semiolinguística é semiótica porque seu objeto é intertextualmente constituído, e é linguística dado que esse objeto é formado pela conceituação estrutural de fatos languageiros. Essa teoria vê, então, um ato de linguagem como a associação de seus componentes verbal e situacional e “privilegia a análise da imagem que o sujeito enunciador projeta de si mesmo em seu discurso, num emprego de restrições e de manobras” (Pauliukonis; Gouvêa, 2012, p.

55). Ou seja, essa imagem transmitida pelo enunciador é considerada tanto pelas marcas e procedimentos linguísticos que deixam pistas na enunciação quanto pelo contexto em que o ato acontece, revelando as marcas deixadas pelos protagonistas e as circunstâncias sociais que originaram o ato.

O fato é que o sujeito – linguístico e social – está no centro da linguagem e atua em um duplo processo para semiotizar/significar o mundo: agindo como sujeito falante, transforma o mundo a significar em mundo significado e então utiliza esse mundo significado como objeto de transação para com outro sujeito, o destinatário (Charaudeau, 2005). No processo de transformação, de acordo com Charaudeau (2005), o sujeito coloca em circulação quatro operações diferentes: a identificação, na qual transforma os seres e fenômenos do mundo em identidades nominais, a qualificação, que serve para caracterizar essas entidades, identificar sua motivação de existir, a ação, visto que esses seres agem ou sofrem uma determinada ação e, por fim, a causação, aquilo que motiva a ação e inscreve esses seres em uma cadeia de causalidade.

No processo de transação, ao transformar o mundo significado em objeto de troca, os parceiros precisam ficar atentos a quatro princípios, conforme destaca Charaudeau (2005): a) o princípio de alteridade, faz com que os dois parceiros se reconheçam como iguais, visto possuírem saberes compartilhados e motivações comuns, e, ao mesmo tempo diferentes, porque cada um desempenha um papel no ato de linguagem: um é o sujeito emissor e outro o sujeito interpretante; b) princípio de pertinência, que determina que os parceiros conheçam o universo de saberes envolvidos na transação: o ato de linguagem deve ser apropriado ao seu contexto e à sua finalidade (Charaudeau, 2005); c) o princípio de influência indica que todo sujeito produtor de um ato de linguagem objetiva causar uma ação/reação no seu parceiro, conforme a finalidade do seu ato de linguagem; d) o princípio de regulação, estritamente atrelado ao princípio de influência, dado que a toda influência corresponde uma contra-influência (Charaudeau, 2005), para não haver interrupções e o ato de linguagem chegue a uma conclusão, os envolvidos recorrem a estratégias discursivas inscritas no dispositivo sociolinguageiro. Charaudeau (2005) explica esses processos conforme a Figura 6:

Figura 6 - Duplo processo de semiotização do mundo



Fonte: Charaudeau (2005)

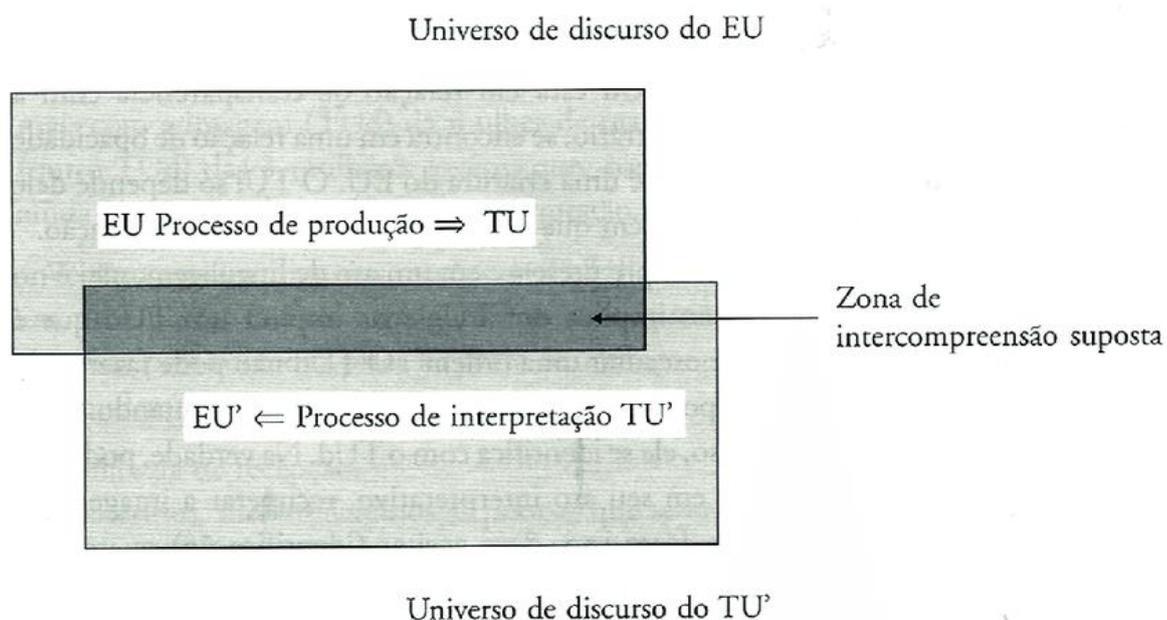
Os processos de transformação e transação, bem como já explicamos no conceito de linguagem, não se dão de forma simétrica e transparente como concluíram algumas teorias da comunicação, visto que nem tudo que se configura dentro de um ato de linguagem está necessariamente explícito. Aprofundando essa noção, segundo Charaudeau (2016), a intencionalidade do ato não é única e precisa levar em conta as intenções do emissor e sua relação com o receptor. Ao considerar os fatores explícitos e implícitos em um ato de linguagem, Charaudeau (2016) explica que o fenômeno linguageiro acontece também em um movimento duplo: por um lado, é externo e significa de maneira intertextual, dependendo de seu contexto e mudando de acordo com o ambiente e as situações sociais no qual está inserido. Por outro lado, internamente, precisa ter um significado de referência, seja simbolizado, em relação a outros signos na construção do texto.

O contexto é basilar para essa teoria, o que dá ao sujeito um papel central, pois ele é “movido por uma determinada intenção, ou seja, um sujeito que tem, em sua mente, um projeto visando influenciar alguém” (Freitas, 2009, p. 193). Logo, a finalidade de um ato de linguagem não pode ser buscada apenas no que está inscrito na língua, mas no conjunto de estratégias colocadas em cena pelo emissor ao estabelecer a relação de conteúdos explícitos e implícitos de um enunciado (Charaudeau, 2016). Por isso, não é possível construir o significado de um enunciado antes de ser concluída a troca linguageira, pois, com base em Charaudeau (2016, p. 26), “é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para construir a significação de uma totalidade discursiva”. Assim, podemos encontrar elementos de sentido mais claros nos excertos deslocados de seu contexto, embora não possamos apreender sua significação mais ampla.

Para que o enunciador possa transmitir seu discurso, é necessário que haja uma situação de comunicação, local onde são feitas as restrições determinantes das expectativas

do ato de linguagem, as quais dependem “da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da finalidade que os religa em termos de visada, do *propósito* que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza” (Charaudeau, 2004, p. 22). O enunciador necessita, também, emitir seu discurso para alguém, um parceiro na troca linguageira. O que transforma o ato de linguagem em um ato interenunciativo, como representa a Figura 7:

Figura 7 - Ato de linguagem interenunciativo



Fonte: Charaudeau (2016, p. 45)

Consideramos como EU o sujeito produtor do discurso e como TU o sujeito interlocutor, mas existem quatro sujeitos na situação de comunicação de um ato de linguagem. Dois deles são socialmente situados, podem ser ditos seres do mundo empírico, onde existem enquanto pessoas físicas, instituições etc., a esses chamamos sujeito comunicador (EUc) e sujeito interpretante (TUi). Os outros dois são como desdobramentos dos sujeitos empíricos ao se tornarem sujeitos de fala, só existem dentro e para o ato de linguagem, o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUD).

O ato de linguagem, assim, torna-se interenunciativo, pois marca o encontro de dois mundos com sentidos e percepções diferentes: temos o processo de produção no qual o produtor do discurso (EUc) cria uma imagem de interlocutor ideal (TUD) para dirigir sua mensagem. E um processo de interpretação em que o receptor da mensagem (TUi) cria uma imagem do locutor (EUe).x

O TUD é criado pelo EU de uma maneira que seja o destinatário ideal de sua mensagem; sob o ponto de vista do EUC, para o TUD não existem ruídos e diferentes interpretações na comunicação, ela acontece de maneira transparente. EUC projeta um TUD sob o qual tem total controle (Charaudeau, 2016). O TUD pode estar marcado explicitamente ou ser definido pelas circunstâncias do discurso, conforme estabelecidas no contrato de comunicação, que será explanado na sequência.

O TUI é o sujeito responsável pelo processo de interpretação, um ser separado de EUC e do seu ato de enunciação – direcionado a um TUD – o qual observará a intencionalidade de EUC de uma maneira opaca. “[...] Os TUI constroem interpretações em função de suas experiências pessoais, isto é, de suas próprias práticas significantes” (Charaudeau, 2016, p. 47). Sendo assim, eles podem ir muito além da expectativa do EUC: podem cumprir ou transgredir ordens, aceitar ou recusar propostas, identificar-se com o TUD criado por EUC ou recusar esse estatuto de TUD e podem, ainda, detectar uma imagem de TUD que não é compatível com aquela projetada por EUC.

O EUE é um dos sujeitos de fala, seu estatuto é exclusivamente linguageiro, e representa dois papéis: um no processo de produção e outro no processo de interpretação, conforme destaca Charaudeau (2016, p. 48):

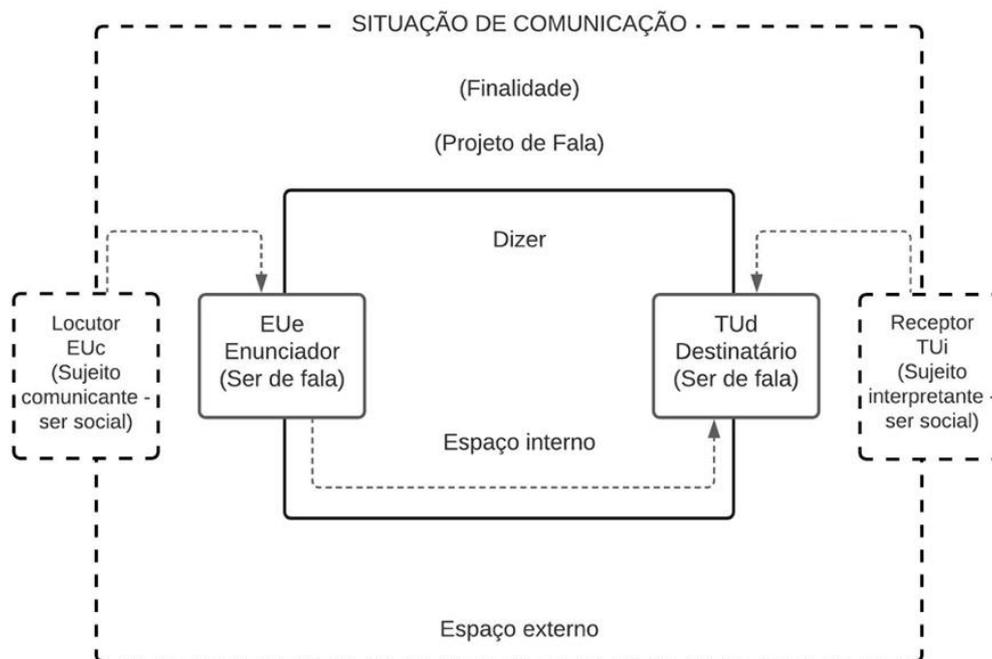
Visto pelo lado do processo de produção, o EUE é uma imagem de enunciador construída pelo sujeito produtor da fala (EUC) e representa seu traço de intencionalidade nesse ato de produção. Visto pelo lado do processo de interpretação, o EUE é uma imagem de enunciador construída pelo TUI como uma hipótese (processo de intenção) de como é a intencionalidade do EUC realizada no ato de produção.

Já o EUC é o sujeito social que inicia o processo de produção constituinte da sua intencionalidade, é uma testemunha do real próprio do seu universo discursivo. De acordo com Charaudeau (2016), é o EUC que cria o EUE do ponto de vista da produção e pode modelá-lo conforme o jogo de estratégias voltadas a atingir o seu objetivo com o ato de fala. O EUC tanto pode revelar-se por meio do EUE quanto ocultar-se: como acontece com jornalistas que trabalham para um meio de comunicação e precisam transmitir os ideais dessa empresa jornalística nas suas reportagens, e essas não são necessariamente as suas visões. É EUE que produz o efeito de discurso, portanto só é possível ter uma imagem do EUC por meio do EUE, logo EUE é uma máscara do EUC.

Os atos de linguagem ainda participam de um projeto global de comunicação elaborado por EUC, que deve estruturá-lo de acordo com seu repertório linguístico e psicossocial, agindo dentro da margem de manobra entre tudo que pode ser dito e as

restrições socialmente impostas para essa determinada circunstância. Ainda deve pensar no sucesso do ato, estreitamente ligado à compatibilidade de interpretação entre TUD e TUI. Na Figura 8, Charaudeau (2016) sintetiza as especificidades do ato de linguagem:

Figura 8 – Esquema de representação do ato de linguagem



Fonte: Charaudeau (2016, p. 52)

Como se percebe nessa Figura 8, no espaço externo do ato de linguagem constam os sujeitos sociais (EUC e TUI) e o mundo falado por eles é uma representação da situação de comunicação. No espaço interno, figuram os sujeitos de fala (EUE e TUD) e o mundo considerado nesse circuito é uma representação discursiva (Charaudeau, 2016). Cabe a nós considerarmos, neste momento, o ato de fala do ponto de vista de sua produção, a qual necessita de um projeto global de comunicação que permita ao sujeito comunicante (EUC) ter sucesso em sua abordagem (Charaudeau, 2016). Para isso, EUC fará uso de contratos e estratégias conforme veremos na próxima seção.

4.2 O ATO DE LINGUAGEM COMO ENCENAÇÃO E O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

No processo de produção, o EUC fará uso de estratégias discursivas e do contrato de comunicação. Charaudeau (2016) explica que o contrato pressupõe, quando os indivíduos

compartilham de um mesmo repertório de práticas sociais, que eles tendem a chegar a um acordo sobre as representações linguageiras compatíveis com essas práticas. De certa forma, o contrato valida o ato de comunicação reconhecendo que esse possui um sentido e, assim, dando autoridade para EUc prosseguir com seu projeto de comunicação. O contrato de comunicação se instaura antes mesmo de qualquer outra estratégia e impõe restrições que devem ser respeitadas por ambos os parceiros da troca. Como um acordo de cavalheiros onde não há um documento que dite as regras, mas elas são conhecidas por EU e TU e é a partir desse ponto que um ato de linguagem pode iniciar.

Charaudeau (2018, p. 68) informa que o contrato de comunicação “resulta das características próprias à situação de troca, os *dados externos*, e das características discursivas decorrentes, os *dados internos*”. Podemos considerar que os dados externos estão no campo da prática social, são semiotizados de paradigmas constantes nos comportamentos sociais. Charaudeau (2018) estabelece quatro condições de enunciação da produção linguageira: identidade, finalidade, propósito e dispositivo.

A condição de identidade é o que caracteriza o ato de linguagem como um ato intersubjetivo, que depende dos sujeitos nele inscritos (Charaudeau, 2018). Os traços socioculturais (sexo, idade, profissão...) considerados para definir a identidade dos parceiros da troca devem ser pertinentes para o ato de comunicação, ou seja, cada situação de comunicação poderá considerar determinados traços e não outros.

A condição de finalidade determina que todo sujeito comunicador crie seu projeto de fala em torno de objetivos, tratados por Charaudeau (2018) como visadas (*visées*), que têm o propósito de ganhar a adesão, incorporar o outro a essa intenção. As visadas foram elaboradas por Charaudeau (2004) com base nos estudos de Jakobson (1963) sobre as funções da linguagem¹¹, as quais são divididas em: emotiva, conativa, fática, poética, referencial e metalinguística, bem como nos estudos de Halliday (1974), que define as seguintes funções¹²: instrumental, interacional, pessoal, heurística, imaginativa, ideacional e interpessoal. Charaudeau (2004) relembra que esses estudos são relevantes para definir os

¹¹ Emotiva, transmite sentimentos, emoções, do locutor; conativa, visa a influenciar o receptor; fática, estabelece e/ou mantém o canal de comunicação com o receptor; poética, tem o cuidado estético na seleção de palavras para transmitir uma mensagem bem estruturada; referencial, informa sobre um determinado assunto; e metalinguística, usa o código linguístico para explicar o próprio código (Jakobson, 1963).

¹² Instrumental, linguagem como potencial para atender e realizar pedidos; interacional, linguagem como instrumento de interação entre os sujeitos; pessoal, representa a responsabilidade do falante; heurística, usa a linguagem para expandir o mundo ao seu redor; imaginativa, o valor da linguagem está na sua forma, expande o ambiente por razões estéticas; ideacional, o locutor expressa sua experiência com o mundo real e com seu mundo interior; e interpessoal, que estabelece as relações de poder entre os envolvidos na troca linguageira (Halliday, 1974).

conceitos de ancoragem social do discurso e sua natureza comunicacional, mobilizando-os para propor uma maneira de interligar tais conceitos.

Charaudeau (2004, p. 6) considera seis tipos de visadas:

- a visada de “prescrição”: *eu* quer “mandar fazer” (*faire faire*), e ele tem autoridade de poder sancionar; *tu* se encontra, então, em posição de “dever fazer”.
- a visada de “solicitação”: *eu* quer “saber”, e ele está, então, em posição de inferioridade de saber diante do *tu* mas legitimado em sua demanda; *tu* está em posição de “dever responder” à solicitação.
- a visada de “incitação”: *eu* quer “mandar fazer” (*faire faire*), mas, não estando em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer; ele deve, então “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao *tu* que ele será o beneficiário de seu próprio ato; *tu* está, então, em posição de “dever acreditar” que se ele age, é para o seu bem.
- a visada de “informação” : *eu* quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber ; *tu* se encontra na posição de “dever saber” [15] alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porque ou o como de seu surgimento.
- a visada de “instrução”: *eu* quer “fazer saber-fazer”, e ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber e de legitimação para transmitir o saber; *tu* está em posição de “dever saber fazer” segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto por *eu*.
- a visada de “demonstração”: *eu* quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas” segundo uma certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert); *tu* está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.

Charaudeau (2018) ainda traz a visada do *Páthos*: *eu* quer fazer-sentir, ou seja, causar um estado emocional no *tu*, o qual pode ser agradável ou não.

Em geral, uma ou duas dessas visadas predominam em um ato de linguagem (Charaudeau, 2004). No discurso midiático, temos a ênfase nas visadas de informação, a qual faz o público saber de alguma notícia que o veículo considera relevante, e a visada incitativa, pois ao mesmo tempo em que a mídia informa, ela também trata a notícia como um produto e, portanto, objetiva seduzir o público para vender algo.

A condição de propósito, segundo Charaudeau (2018), está ligada ao domínio do saber em torno do qual é construído o ato de linguagem, conhecido e aceito pelos sujeitos da troca. Já a condição de dispositivo determina as circunstâncias materiais relativas ao ato de linguagem (Charaudeau, 2018): os lugares físicos utilizados para a troca, como uma sala de aula, um auditório, a calçada da rua, até outros meios envolvidos, como telefones e rádios.

A formação do contrato de comunicação ainda comporta os dados internos, que são propriamente discursivos (Charaudeau, 2018). Após percebidos os dados externos de uma situação de comunicação, são esperados certos comportamentos linguageiros adequados

àquele ambiente. Charaudeau (2018) classifica os dados internos em três espaços: o espaço de locução, o espaço de relação e o espaço de tematização.

No espaço de locução, o sujeito se impõe como falante, que possui o direito à palavra, ele precisa conquistar esse direito após identificar quem é seu interlocutor. No espaço de relação, como o nome já diz, o locutor estabelece relações com seu interlocutor: sejam elas de força, de aliança, de harmonia, de desequilíbrio, entre tantas outras. O espaço de tematização é onde a temática da troca é estruturada, no qual o sujeito escolhe um modo de organização discursivo particular para tratar do tema.

Dentro dessas restrições e observando o espaço que lhe é destinado, o locutor precisa organizar seu discurso de modo a persuadir seu destinatário e, para isso, realizará uma encenação (*mise-en-scène*), que “são atitudes enunciativas que o sujeito falante constrói em função dos elementos da situação, elaboradas a partir de um Eu e um Tu da enunciação” (Freitas, 2009, p. 197), dessa forma construindo o EUe e impondo um papel a TUd, de acordo com o contrato de comunicação, com o objetivo de ganhar a adesão de TUi. É como se o ato de linguagem fosse uma peça teatral, os sujeitos envolvidos estão representando o papel que é mais adequado para aquele momento: vestimos uma máscara diferente a cada novo ato de linguagem.

Podemos verificar essa construção no contrato de comunicação com a mídia, os leitores/espectadores aceitam a encenação feita pelo jornalista dando a ele a audiência que necessita para manter seu trabalho. No entanto, esse contrato pode ser facilmente quebrado quando os receptores entendem que o jornalista não está mais cumprindo com a encenação que se propôs naquele programa. Contudo, essa relação é mais complicada e profunda do que aparenta e diversos fatores entram em cena no momento que o jornalista constrói o ato de comunicação que estruturará o contrato com sua audiência.

O resultado desse ato de linguagem e de qualquer outra situação de comunicação depende, em grande parte, das estratégias discursivas que o EUc vai colocar em ação para completar a sua encenação. “A noção de *estratégia* repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena as suas intenções para produzir determinados *efeitos* – de persuasão ou sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi)” (Charaudeau, 2016, p. 56). Essas estratégias podem ser dos mais variados tipos: subterfúgio, captação, dramatização, credibilidade, legitimidade etc. A ideia principal das estratégias é conduzir o TUi a identificar-se com o TUd, e para isso o EUc pode jogar com o real e a ficção na sua fala. O TUi pode, no que lhe concerne, reagir e interpretar esse ato à sua maneira, pois ambos os sujeitos são senhores das suas encenações.

Como vimos anteriormente, o homem significa o mundo e usa esse conhecimento como moeda de troca. Existem algumas significações que possuem um caráter generalista, podendo ser aplicadas a uma parcela praticamente absoluta dos seres humanos, como a de que “o homem tem a necessidade de basear sua relação com o mundo num crer ser verdade” (Charaudeau, 2016, p. 48). Sendo assim, estratégias discursivas jogam com verdades e saberes dos seres humanos. Não nos cabe aqui definir filosoficamente o conceito de verdade, interpellaremos essa temática por dois pontos de vista apontados por Charaudeau (2016): o valor de verdade e o efeito de verdade. O valor de verdade está centrado em um saber científico objetivado, passível de testes e comprovações exteriores ao ser humano. Já o efeito de verdade é subjetivo, baseia-se em uma convicção que só pode ser afirmada empiricamente por seus defensores, a questão aqui não é a verdade por si, mas a credibilidade que determina o direito à palavra.

As estratégias discursivas para persuadir o interlocutor giram em torno de duas imagens fabricadas pelo locutor: uma imagem de real, baseada em um valor de verdade exterior ao sujeito, ou uma imagem de ficção, apoiada pela identificação entre os parceiros da troca languageira com um efeito de verdade particular. O contrato de comunicação estabelecido entre a mídia e seu público pode utilizar-se de ambas as imagens, de acordo com o propósito da reportagem, ou até mesmo intercalar as imagens para levar uma parcela maior do público a se identificar com o sujeito destinatário ideal (TUd).

É possível identificar essas estratégias no discurso dos locutores, pois a maneira que eles representam o mundo está marcada nos elementos languageiros, semânticos e formais que são organizados no discurso. Portanto, analisar um ato de linguagem parte do pressuposto de que o analista possa dar conta de possíveis interpretativos nos processos de produção e interpretação (Charaudeau, 2016). Não se pretende esgotar a totalidade da intenção do sujeito falante, mas fazê-la dialogar com os processos socioculturais que a cercam. São os elementos supracitados que servem de instrumento para colocar esse texto em movimento e identificar seus sujeitos e intenções, pois é possível distinguir as categorias de língua ordenadas nos modos de organização do discurso, como veremos na próxima seção.

4.3 MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Comunicar não é apenas transmitir uma informação. Charaudeau (2016) considera o ato de comunicação como um dispositivo centralizado no sujeito comunicante (EUc) e

composto pela situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua e o texto. Nesse sentido, a palavra texto remete ao “resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes (ou inconscientes) feitas pelo sujeito falante dentre as *categorias de língua* e os *Modos de organização do discurso*, em função das restrições impostas pela *situação*”. (Charaudeau, 2016, p. 68). Logo, conforme Charaudeau (2016), comunicar é produzir uma encenação a fim de produzir efeitos de sentido.

Charaudeau (2016) teoriza sobre quatro modos de organização do discurso que consideram as categorias da língua, são eles: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Para fins deste trabalho, nos ateremos ao modo enunciativo que, segundo Charaudeau (2016), comanda os demais modos por tratar da relação do interlocutor com si mesmo e com os outros, conceito fundamental para entendermos como o jornalista se relaciona com os seus pares e o seu público na atividade de trabalho.

Na situação de comunicação, encontramos os seres sociais do ato de linguagem, EUc e TUi, já no modo de organização enunciativo teremos lugar para os seres de fala, EUE e TUD. A modalização é a contrapartida das categorias de língua que corresponde ao modo enunciativo (Charaudeau, 2016), ou seja, a representação desse modo discursivo será identificada no texto do locutor por meio das modalidades linguísticas por ele utilizadas. Sendo assim, podemos situar o sujeito falante em relação ao seu interlocutor, ao que ele diz ou ao que o outro diz, o que dá origem às três funções do modo enunciativo: o alocutivo estabelece uma relação de influência, o elocutivo revela um ponto de vista e o delocutivo retoma a fala de um terceiro.

No alocutivo, o locutor envolve o interlocutor e lhe determina um certo comportamento (Charaudeau, 2016). De acordo com Charaudeau (2016), o sujeito falante, nessa enunciação, pode atribuir dois papéis languageiros para si e para seu interlocutor: quando o locutor se enuncia em posição de superioridade, exige que o interlocutor faça algo, desempenhe alguma tarefa, por meio de visadas de fazer-fazer ou fazer-dizer, estabelecendo uma relação de força. Quando o locutor se enuncia em uma posição de inferioridade, ele estabelece uma relação de petição, necessita do saber ou da ação do interlocutor.

No comportamento elocutivo, o locutor quer enunciar o seu ponto de vista e para isso não precisa implicar o interlocutor, que atua apenas como testemunha da enunciação (Charaudeau, 2016). Esse ponto de vista pode estar relacionado a um modo de saber, a uma avaliação / julgamento, a uma motivação, ao engajamento ou a uma decisão.

No comportamento delocutivo, o locutor é testemunha dos discursos do mundo, apaga-se da enunciação e não implica o seu interlocutor (Charaudeau, 2016). Nesse caso, o

sujeito falante está diante de duas possibilidades: ou o propósito se impõe por si ou o locutor atua como relator de um texto já produzido por um terceiro.

Como visto, cada comportamento enunciativo tem sua contrapartida nas categorias da língua. Charaudeau (2016, p. 85) estabelece essa relação no Quadro 4:

Quadro 4 – Procedimentos da construção enunciativa

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA
RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA (relação do locutor ao interlocutor) ⇒ ALOCUTIVO	Relação de força (locutor/interlocutor) + -	Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposta
	Relação de pedido (locutor/interlocutor) + -	Interrogação Petição
PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO (relação do locutor consigo mesmo) ⇒ ELOCUTIVO	Modo de Saber	Constatação Saber/ignorância
	Avaliação	Opinião Apreciação
	Motivação	Obrigação Possibilidade Querer
	Engajamento	Promessa Aceitação/recusa Acordo/desacordo Declaração
	Decisão	Proclamação
APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA (relação do locutor com um terceiro) ⇒ DELOCUTIVO	Como o mundo se impõe	Asserção
	Como outro fala	Discurso relatado

Fonte: Charaudeau (2016, p.85)

Dentro dos quatro comportamentos enunciativos, vamos considerar, prioritariamente, o modo enunciativo elocutivo. Essa decisão se dá pelo nosso interesse em saber mais sobre o ponto de vista dos jornalistas em relação a sua atividade laboral, o papel atribuído ao interlocutor pelos profissionais não é central nesse debate. Logo, o modo enunciativo elocutivo está representado, segundo Charaudeau (2016) pelas categorias modais de constatação, saber/ignorância, opinião, apreciação, obrigação, possibilidade, querer, promessa, aceitação/recusa, concordância/discordância, declaração e proclamação. Tais modalidades são expressas de maneira direta ou implícita e estabelecemos correlações

entre elas e o triângulo da atividade (Durrive, 2011), conforme aprofundaremos no próximo capítulo.

5 FRONTEIRAS METODOLOGICAMENTE TRAÇADAS: LABORANDO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

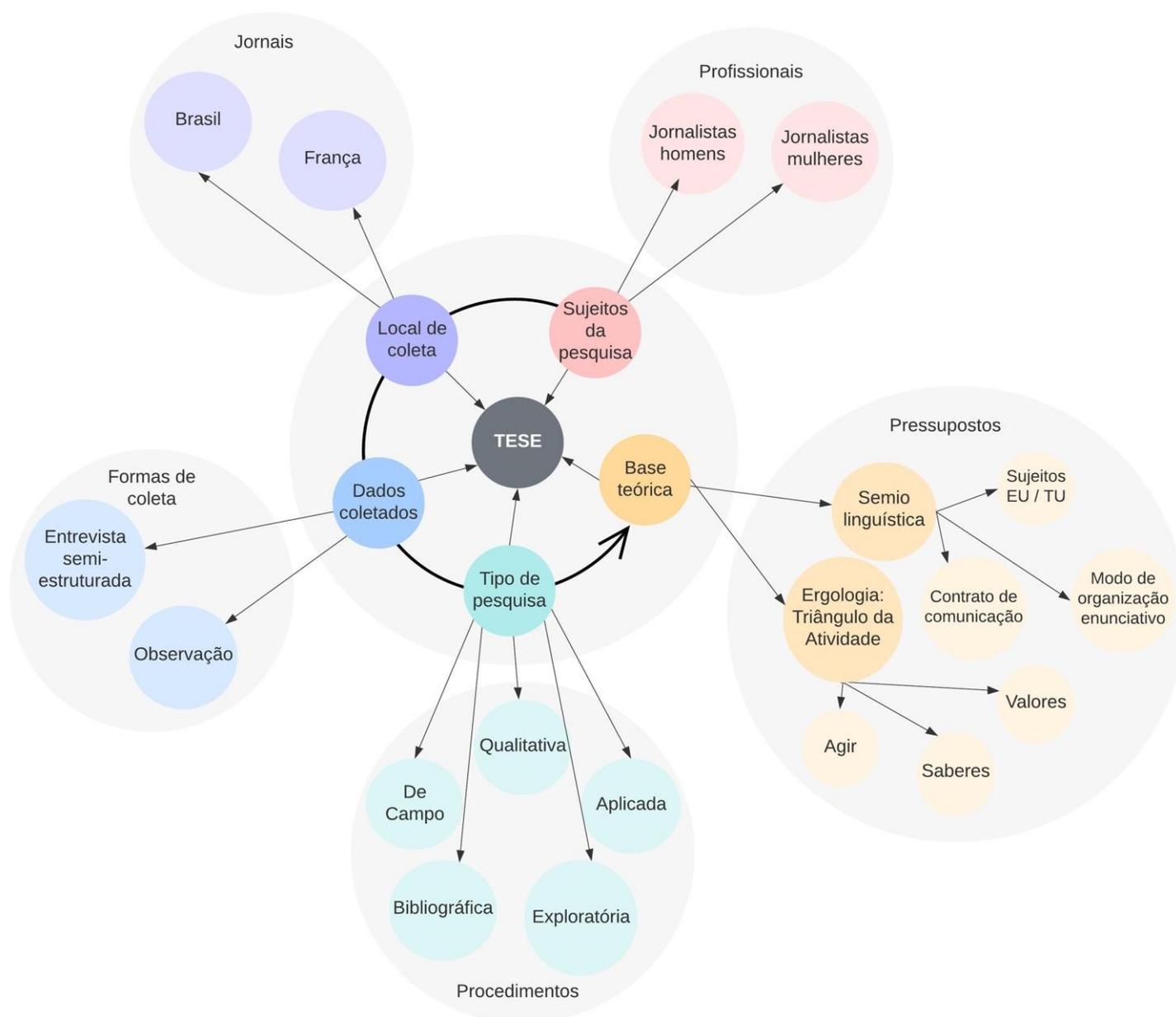
– *Estamos entrando agora no campo das conjecturas – disse o dr. Mortimer.*
– *Digamos melhor, no campo em que avaliamos as probabilidades e escolhemos as mais prováveis. Isso é o uso científico da imaginação, mas sempre temos alguma base concreta a partir da qual começamos as nossas especulações.*
Sir Arthur Conan Doyle, em Sherlock Holmes: O Cão dos Baskervilles

Pesquisar em ciências humanas e sociais exige do pesquisador um olhar voltado para si e para o contexto que o cerca. Os dados objetivos e fielmente replicáveis das ciências exatas dão lugar ao subjetivo, ao olhar demarcado sobre os fenômenos do mundo. Em linguística, o objeto de estudo está entrelaçado às vivências e idiossincrasias do pesquisador.

Pesquisadores na área da linguagem experimentam limitações em replicar estudos, dado que a interpretação, parte fundamental de um estudo linguístico, é própria de cada indivíduo. Não é possível pensar exatamente como outra pessoa, de maneira que, conforme Charaudeau (2016, p. 15), “a análise que produzimos não é mais do que um novo texto a respeito de um outro texto”. O trabalho que apresentamos aqui está ancorado nesses princípios, logo elaboramos uma análise que não intenta ser imparcial e absoluta, porém propicia certas condições para que esse estudo seja corretamente interpretado e passível de análise por outros pesquisadores.

Traçar um caminho metodológico é imprescindível para um trabalho acadêmico-científico. Em nosso estudo, elaboramos um pequeno resumo metodológico com fins didáticos para a compreensão dos passos básicos seguidos para a construção da metodologia. Entretanto, ressaltamos que o resumo, apresentado na Figura 9 a seguir, não pretende dar conta de todo o processo de elaboração desse trabalho, que envolve muitos caminhos impossíveis de sintetizar linearmente:

Figura 9 – Resumo metodológico da tese



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021)

A fim de explicar os procedimentos resumidos na Figura 9, dividimos este capítulo em três partes. Na seção 5.1, caracterizamos a pesquisa quanto à base lógica de investigação e seus procedimentos técnicos. Na seção 5.2, explicitamos nosso objeto de estudo esclarecendo os critérios para a seleção do *corpus*, os procedimentos de coleta de dados, bem como sua organização e triangulação. Por fim, na seção 5.3, fazemos o entrelaçamento da ergologia com a semiolinguística para resultar um dispositivo teórico-metodológico de análise.

5.1 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

As relações humanas e sociais que se desenvolvem no âmbito de uma sociedade detêm uma complexidade que foge aos padrões da pesquisa quantitativa. A padronização de instrumentos e resultados e a tentativa de controle da situação, próprias da pesquisa convencional em ciências humanas, afastaram-se das situações naturais e descreditaram seus próprios dados (Laperrière, 2014). Conforme Laperrière (2014), a partir dos anos 1950 houve, então, uma reinvenção dos métodos qualitativos, que passaram a reconhecer a indissociabilidade entre o conhecimento e a ação no mundo.

Utilizamos a abordagem qualitativa neste estudo por entender que trabalhamos com o universo dos significados e valores que compõem o ser humano e conduzem a uma realidade social específica (Minayo, 2015). O próprio ambiente fornece os dados necessários para a análise, o que transforma o pesquisador em um elemento central para o desenvolvimento do processo, visto que é ele quem faz a interpretação inicial dessas informações.

A **natureza da pesquisa é aplicada**, pois buscamos promover uma reflexão a respeito do trabalho dos jornalistas locais e independentes, que atuam principalmente em cidades pequenas, do interior do Brasil e da França. Segundo Schwartz e Durrive (2010, p. 25), “a Ergologia conforma o projeto de melhor conhecer e, sobretudo, de melhor intervir sobre as situações de trabalho, para transformá-las”, e é justamente o que pretendemos fazer com a posterior divulgação deste estudo: transformar, ainda que minimamente, a atividade de trabalho desses jornalistas, gerando um conhecimento com aplicação prática.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa caracteriza-se como **exploratória**, visto que existem poucos trabalhos que investiguem a atividade de trabalho dos jornalistas em jornais impressos locais e independentes, prioritariamente localizados em cidades do interior. A inter-relação Brasil e França também demanda mais investigação a fim de proporcionar um comparativo relevante entre dois países com culturas diferentes, mas com características midiáticas em comum. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível (Prodanov; Freitas, 2013), o que significa que podemos analisar os dados sob diversos ângulos e sem restrição de materialidades, permitindo maior liberdade de complementação do estudo quando apenas uma fonte de dados não é suficiente.

Os procedimentos técnicos adotados para este estudo estão centrados em duas bases: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. É por meio desses procedimentos que vamos obter os dados necessários para realizar a análise, com eles atingiremos fontes de dados em

papel (livros e literatura sobre o tema) e dados fornecidos por pessoas (entrevista, observação, etc.) (Prodanov; Freitas, 2013).

A técnica de **pesquisa bibliográfica** é aplicada principalmente porque “todas as pesquisas necessitam de um referencial teórico” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 55). Esse tipo de pesquisa permite que o pesquisador entenda muito mais fenômenos do que seria capaz de analisar diretamente (Gil, 2008). É uma forma de consultar fontes históricas e entender em que ponto nos situamos em relação à área de pesquisa que estudamos. Podemos comparar a pesquisa bibliográfica com as normas propostas por Schwartz e Durrive (2010), que são normativas criadas por aqueles que realizaram aquele trabalho antes de nós.

A **pesquisa de campo** se destaca como o principal procedimento de obtenção de dados. Esse tipo de pesquisa implica o pesquisador observando diretamente o fenômeno social que estuda. A interação dos jornalistas com sua atividade de trabalho, chefias, colegas e o público-alvo de suas reportagens, é de fundamental importância, dado que, segundo Gil (2008), o estudo de campo procura aprofundar os questionamentos levantados. Como se trata de um estudo de campo qualitativo (Prodanov; Freitas, 2013), além de descrevermos o trabalho dos jornalistas, nos preocuparemos com a complexidade da realidade social que atinge esses profissionais.

Em sequência, apresentaremos o corpus que compõe a pesquisa e como ocorreu a coleta de dados.

5.2 *CORPUS* E COLETA DE DADOS

Os nossos companheiros de atividade de trabalho, que atuaram como sujeitos da pesquisa, são jornalistas que trabalham em veículos de comunicação locais e independentes no Brasil e na França. Suas características particulares serão especificadas no início do capítulo de análise de cada país, como forma de iniciar a análise por meio da contextualização dos trabalhadores nela envolvidos.

Antes de iniciar a coleta de dados por meio de entrevista (Apêndice B), realizamos uma observação sistemática (Apêndice A) do trabalho nas redações, pois, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.37), “qualquer investigação em ciências sociais deve se valer, em mais de um momento, de procedimentos observacionais”. Esses dados iniciais nos permitiram elaborar entrevistas em profundidade, com perguntas abertas e um roteiro semiestruturado, dando mais liberdade para o entrevistado desenvolver seu ponto de vista

em relação ao tema, o que possibilita entender como se dão as relações de trabalho dentro desse contexto profissional.

A opção pela entrevista como fonte principal de dados se dá pelo fato de estudarmos o sujeito em sua atividade de trabalho, ou seja, não nos deteremos no meio de comunicação, na organização administrativa dos jornais, nas suas fontes ou técnicas, mas analisaremos esses e outros pontos por meio do ser humano que atua como jornalista. Não consideramos que o dito pelo entrevistado tem valor de verdade neutra, antes identificamos “a necessidade de buscar nas práticas discursivas o processo, o movimento, o sentido, fazendo com que a entrevista seja o lugar no qual se constroem possíveis versões de realidade” (Rocha, Daher, Sant’Anna, 2004, p. 6). O texto resultante da entrevista é uma co-construção entre entrevistador e entrevistado, permitindo construir um espaço discursivo adequado ao que é investigado no estudo. Mesmo com a impossibilidade de compreender todos os textos possíveis, selecionamos naquela materialidade um universo de textos passíveis de atender aos objetivos da pesquisa.

A atividade de trabalho do jornalista é essencialmente linguageira, mesmo assim não temos disponível de imediato uma massa de textos capaz de explicitar as ações, saberes e valores daquele corpo-si em atividade, portanto precisamos da entrevista para recorrer à “atualização de textos que foram regularmente produzidos por tais atores em outros momentos/espacos, como, por exemplo, em conversas cotidianas” (Rocha, Daher, Sant’Anna, 2004, p. 12). Obter essa materialidade de outra forma seria praticamente inviável para o pesquisador, pois ele precisaria acompanhar o sujeito em todas as suas ações cotidianas por tempo indeterminado até que o assunto fosse tratado em outra situação de comunicação.

Sob a perspectiva de Charaudeau (2016), consideramos bem fundamentadas a intertextualidade e a interdiscursividade presentes nas interações, ou seja, um texto sempre parte de outro texto anterior. Logo, esses discursos vão se atualizando naturalmente nas situações de comunicação nas quais os indivíduos se inserem, tornando o texto da entrevista tão válido quanto aquele captado em uma situação em que o pesquisador apenas observa. São as entrevistas, enquanto dispositivo de captação e produção de textos (Rocha, Daher, Sant’Anna, 2004), que constituem uma materialidade passível de análise, é dentro dessa massa de textos que selecionamos os excertos pertinentes para atender aos objetivos propostos nesse trabalho. Essa seleção se dá com base em vários critérios teóricos e metodológicos, a exemplo da manifestação dos entrevistados sobre um tópico determinante para discutir sobre saberes investidos e constituídos, ou ainda sobre valores empregados no

trabalho etc., mas a principal ideia é que aquela situação de comunicação possa dizer algo sobre a atividade de trabalho do jornalista.

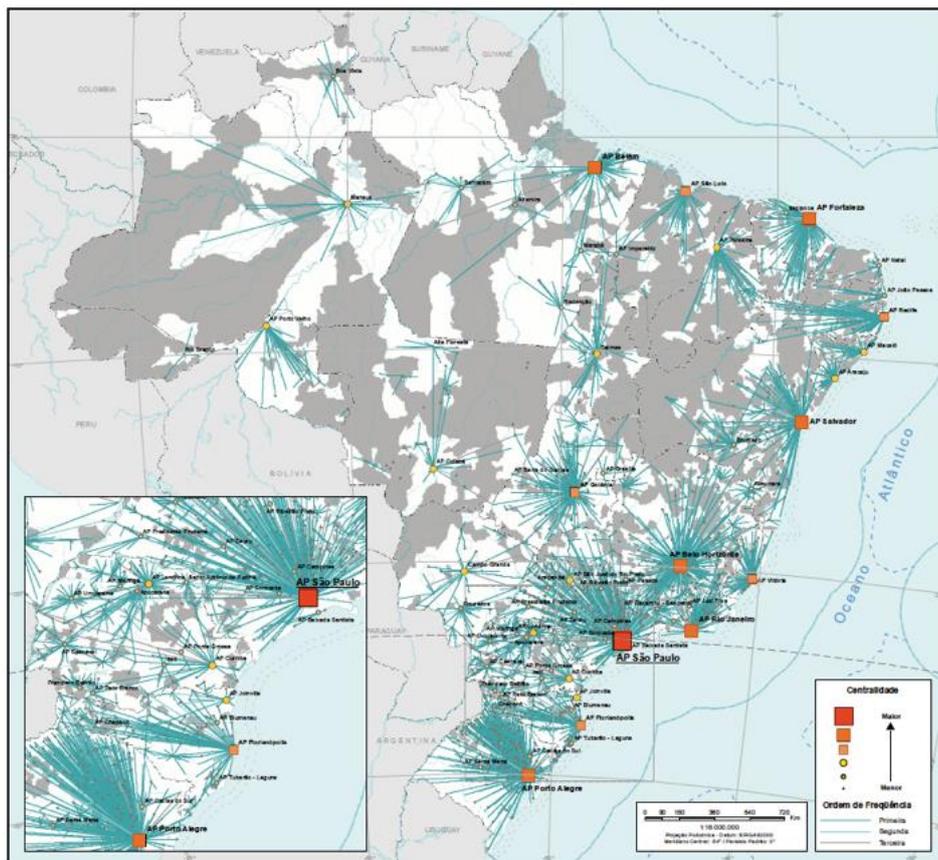
Intencionamos que nossos dados obtenham o máximo de eficiência e eficácia para esta pesquisa, pois, no conhecimento científico, é necessária a “preocupação em controlar a qualidade do dado e o processo utilizado para sua obtenção” (Prodanov; Freitas, 2013, p.18). A presença do pesquisador em campo já contribui para a alteração do meio laboral em que a pesquisa é realizada: quando os participantes estão na presença de um indivíduo estranho, que não faz parte de suas relações de trabalho diário, tendem a esconder comportamentos por se sentirem observados (Gil, 2008).

Coletar dados de diferentes fontes, conforme Schwartz e Durrive (2010), é uma maneira de reduzir as infidelidades do meio ao trabalhar com pesquisa. Consideramos que os dados provenientes de seis entrevistados seriam suficientes para coletar o material necessário para uma tese qualitativa, pois cada entrevistado fornece uma gama considerável de informações passíveis de análise pelo dispositivo analítico aqui proposto e, dada a natureza de uma tese, dispomos de espaço limitado para aprofundar os detalhes em uma análise discursivo-ergológica. Neste estudo, não pretendemos adentrar em questões de gênero, cor ou origem específicas dos jornalistas, entretanto buscamos entrevistar homens e mulheres em proporções semelhantes.

Selecionamos profissionais que trabalham em jornais impressos pela característica desses meios de adaptação aos novos meios digitais sem perder a relevância, mantendo-se como uma fonte de informação confiável para os indivíduos e importante para a sociedade, conforme destaca Sant’Anna (2008). O jornal impresso adaptou-se às mudanças do mundo digital e, se antes os jornais locais traziam notícias distantes geograficamente, agora as notícias locais têm prevalência tornando-se o diferencial desses veículos (Orsatto, 2020). Esse movimento faz com que os jornais locais sobrevivam e se aproximem da realidade da sociedade na qual estão inseridos, levando informação que é importante para seus leitores, mas frequentemente negligenciada por veículos de grande porte que atendem várias localidades.

Os estados do Brasil nos quais a pesquisa foi realizada foram selecionados de acordo com a presença de jornais impressos, conforme aponta o mapa de origem e presença de jornais impressos no Brasil elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018) representado na Figura 10:

Figura 10 – Mapa de origem e presença de jornais impressos no Brasil



Fonte: IBGE, Regiões de Influência das Cidades (2018)

Na Figura 10, nos interessa observar que a maioria dos jornais impressos do Brasil está concentrada nas regiões sul e sudeste, o que torna esses locais mais adequados para a pesquisa devido à disponibilidade de veículos de comunicação e jornalistas para participarem da pesquisa. Escolhemos cidades que estavam mais distantes das capitais e grandes centros e procuramos nos centrar em cidades pequenas, as quais são cidades com população inferior a 50 mil habitantes, de acordo com o IBGE (2018). Foram selecionados três profissionais – duas mulheres e um homem – cada um em um estado diferente entre as regiões sul e sudeste.

Para selecionar as regiões da França, utilizamos *La carte de la presse pas pareille* divulgado anualmente pelo periódico *L'Âge de faire* (2021). Nesse mapa, também nos interessa visualizar a concentração de veículos que não pertencem a nenhum grupo industrial, financeiro ou a movimentos políticos e religiosos. Embora nosso estudo não tenha a pretensão de selecionar periódicos com valores específicos, o mapa nos auxilia a verificar a concentração de mídia escrita na França, servindo como embasamento para realizarmos a seleção de locais de realização da pesquisa. Conforme verificamos na Figura 11:

Figura 11 – La carte de la presse pas pareille



Fonte: L'Âge de faire (2021)

Na Figura 11, percebemos que na França os veículos de comunicação estão centrados mais ao sul e ao leste, nas regiões da *Bretagne*, *Aquitaine*, *Midi-Pyrenees*, *Languedoc-Roussillon* e *Provence-Alpes Côte D'Azur*. Por se tratar de um país com características socioculturais diferentes do Brasil, flexibilizamos o critério de tamanho das cidades, visto que um jornal de grande interesse da pesquisa localizava-se na capital, mesmo trabalhando temas locais e independentes. Também selecionamos três jornalistas, dois homens e uma mulher, atuantes nos jornais impressos com presença digital.

Em ambos os países, os jornalistas foram selecionados conforme disponibilidade para participar da pesquisa e aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido elaborado pela pesquisadora. A preferência foi dada para profissionais com mais tempo de trabalho na área. A pesquisa foi conduzida em fevereiro de 2022 no Brasil e outubro de 2022, na França.

Inicialmente, realizamos um trabalho de campo de observação sistemática de um dia de trabalho com cada profissional selecionado. Acompanhamos os participantes em sua rotina com foco no ambiente de trabalho e a interação do profissional com seus colegas e entrevistados, procuramos causar o mínimo de impacto possível durante nossa observação,

mas sempre tendo em mente os dizeres de Gil (2008), que ressalta que a simples presença do pesquisador já causa um distúrbio no local de trabalho. Dividimos nossa observação em duas áreas: ambiente, onde verificamos as condições físicas para a realização do trabalho e profissional, na qual observamos o jornalista em atividade laboral frente aos seus colegas e entrevistados. Com esses dados iniciais em mente, iniciamos as entrevistas.

A entrevista foi nossa principal fonte de coleta de dados, a qual permitiu que os jornalistas falassem sobre trabalho (Nouroudine, 2002). A sequência da conversa seguiu um roteiro semiestruturado com perguntas abertas; entretanto, foi necessário adaptar os questionamentos de acordo com a observação sistemática realizada nas redações jornalísticas (linguagem no/como trabalho) e as respostas dos entrevistados, o que resultou em processos de entrevistas levemente distintos entre si. As perguntas foram elaboradas de modo a interpelar tópicos condizentes com os objetivos deste estudo, portanto, seguiram uma ordem semelhante tanto para os jornalistas brasileiros quanto para os franceses. Utilizamos perguntas apresentadas no Quadro 5 como base para as entrevistas, mas ressaltamos que elas podem ter sido conduzidas de maneira ligeiramente diferente em cada entrevista, de acordo com a situação de comunicação em questão, não alterando o tópico inicial a ser explorado e sendo citadas posteriormente (Apêndice B) de acordo com o formato que foram conduzidas com cada entrevistado.

Quadro 5 - Guia da entrevista semiestruturada

1. Há quanto tempo você trabalha no jornal
2. Qual trabalho você foi contratado(a) para fazer aqui?
3. Quais são as diferenças que você percebe daquilo que você foi contratado(a) para fazer e do que você realmente faz?
4. E como você faz para manejar o seu tempo para dar conta de todo o trabalho?
5. Você recebeu uma recomendação específica para que fizesse o trabalho dessa forma ou foi se organizando no dia a dia?
6. Você considera que possui todos os conhecimentos necessários para atuar nessa profissão? Como você adquiriu esses saberes?
7. Quais são as principais dificuldades que você encontra no seu trabalho?
8. E como é o seu relacionamento com os seus colegas?
9. Como é o dia de fechamento do jornal?
10. Como você vê a situação dos jornalistas em meios de comunicação de cidades pequenas?
11. Com a transformação digital, muitos jornais começaram atuar também no ambiente on-line, então, como você lida, no dia a dia do seu trabalho, com essa relação entre o impresso e o digital, para qual você dá prioridade e como você faz as escolhas?
12. O que você acha que poderia melhorar na profissão de jornalista?
13. Como você vê o futuro da profissão de jornalista?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021)

Nem todas as respostas a essas perguntas serão utilizadas na análise, nosso foco será em excertos que atendam ao objetivo de cada seção (apêndice B) e que possam trazer

respostas alinhadas aos nossos objetivos. Esses trechos são apresentados detalhadamente no Apêndice B, no idioma em que foram coletados (português ou francês), apresentando a questão respondida e identificando qual foi o jornalista (J1, J2, J3, J4, J5 ou J6) que respondeu. Não seria possível analisar exaustivamente todos os dados das entrevistas dado o espaço limitado deste trabalho.

Cada entrevista foi gravada através de equipamento de áudio e posteriormente transcrita em sua íntegra por meio do método desenvolvido pelo Projeto NURC/SP. O quadro proposto por Preti (2010) indica a equivalência entre movimentos da fala e sinais gráficos representativos. Nos baseamos no Quadro 6 para elaborar as transcrições:

Quadro 6 – Método de transcrição NURC/SP

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do níveis de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”...
1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o cadenciamento da frase.		

7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)
 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Fonte: Preti (2010, p. 11)

Por meio da entrevista tivemos acesso à reflexão do jornalista sobre sua profissão, destacando sua própria maneira como sente e lida com as dramáticas da atividade de trabalho (Schwartz; Durrive, 2010), e com isso aplicar as categorias e modalidades que inferem modos de agir sobre o mundo (Charaudeau, 2016). Discorreremos a seguir sobre o entrelaçamento teórico-metodológico de concepção interdisciplinar.

5.3 DISPOSITIVO DE ANÁLISE

Para a análise do *corpus*, são mobilizados os pressupostos da ergologia, conforme Schwartz e Durrive (2010) e Schwartz (2011). O mundo do trabalho implica normalizações e renormalizações que advêm das normas prescritas insuficientes para dar conta do trabalho real. Fazer escolhas e conviver com os riscos causados por elas produz dramáticas do uso de si por si e pelos outros. Essas dramáticas precisam ser compreendidas e verificadas na atividade do jornalista para entender a realidade do trabalho, na sua complexidade, desse profissional.

Ainda devemos considerar os saberes dos profissionais da mídia (Trinquet, 2010) e como essa inter-relação entre atividade de trabalho e saberes influencia no discurso dos jornalistas entrevistados. Encontramos saberes em aderência com a atividade, que estão gravados no corpo-si e pertencem ao domínio da experiência. O jornalista com vários anos de profissão agrega à sua atividade uma gama de conhecimentos que foram criados no dia a dia, fazendo renormalizações constantes em seu trabalho: são os saberes da experiência/investidos. Também temos saberes que estão em desaderência, adquiridos na faculdade e independentes de situações particulares de trabalho: são os saberes acadêmicos/desinvestidos.

Só podemos ter acesso a uma parte desses saberes e da realidade do trabalho jornalístico por meio do discurso, é o que nos leva a abordar os preceitos de linguagem *no, como e sobre* trabalho (Nouroudine, 2002) para elaborar a base de dados para análise. Essa proposta permite coletar dados abrangentes que implicam a utilização da linguagem como trabalho, aquela que operacionaliza a atividade e que observamos enquanto os profissionais estavam em ação no seu dia a dia laboral; a linguagem no trabalho, voltada para o ambiente, na situação global de trabalho, que observamos em suas interações com os colegas; e a

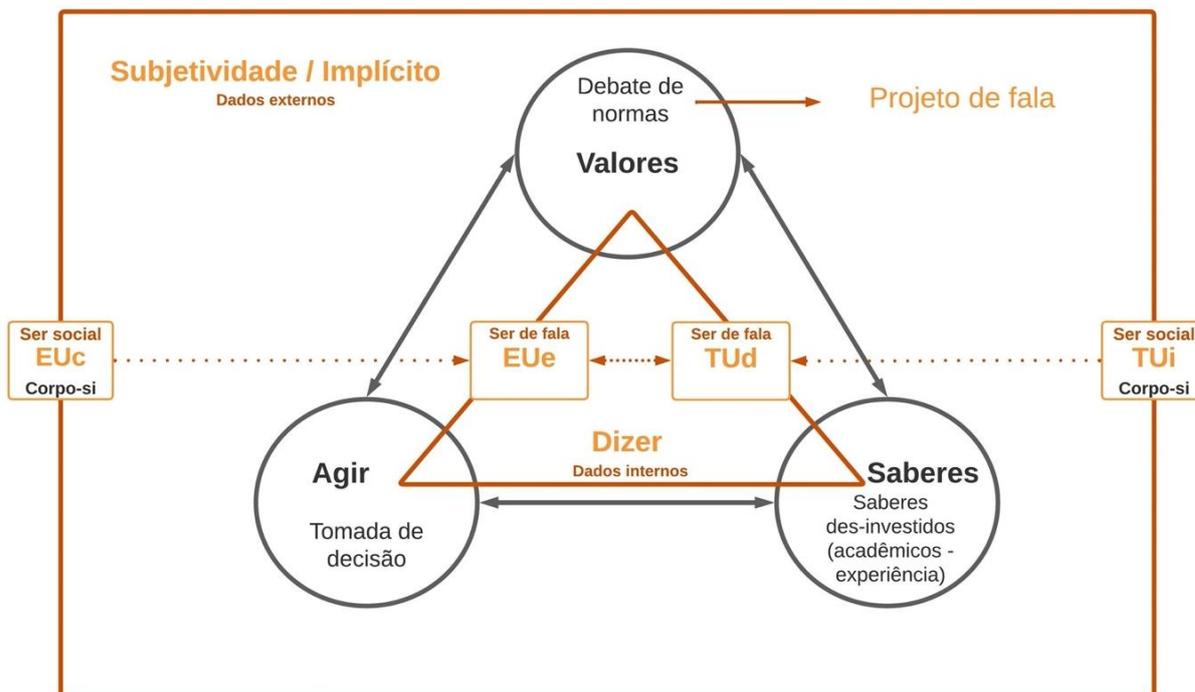
linguagem sobre trabalho, quando o trabalhador reflete sobre sua profissão e concede-nos sua entrevista.

Quando o profissional está na redação jornalística, seus saberes influenciam nas estratégias estabelecidas no contrato de comunicação (Charaudeau, 2016) que firma com seus pares, colegas de trabalho. A mesma situação se repete na seleção e elaboração de pautas, o que se pode considerar como o contrato de comunicação que se estabelece com seu público-alvo, conforme os pressupostos da Semiologia, teoria discursiva que também embasa este trabalho.

A teoria Semiologia proposta por Charaudeau (2016, 2017, 2018, 2020) visa a entender quem são os protagonistas do discurso (EUc, EUe, TUD e TUi), a finalidade do ato de comunicação, como se dá o contrato de comunicação e as circunstâncias físicas. Por meio dessa teoria, podemos aprofundar nosso entendimento sobre o sujeito na atividade de trabalho. Utilizaremos o modo de organização enunciativo para entender como o jornalista se comporta enunciativamente, como ordena a *mise-en-scène* desses atos de comunicação, também será levada em conta a modalização utilizada pelo locutor na enunciação de seu discurso.

A inter-relação entre as duas bases teóricas evidenciadas – Ergologia e Semiologia – estão representadas na Figura 12. Ela sintetiza o procedimento de análise dos dados selecionados para elaborar a parte analítica da pesquisa. Essas categorias de análise englobam outras subcategorias que também serão mobilizadas de acordo com a necessidade no decorrer da análise dos dados.

Figura 12 - Dispositivo de Análise teórico-metodológico



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

O esquema apresentado na Figura 12 tem como elemento central os quatro sujeitos da linguagem definidos por Charaudeau (2016), sendo esses dois seres sociais (EUc e TUi) que elaboram e interpretam o discurso enunciado por dois seres de fala (EUe e TUd), conforme explicado na seção 4.1. Os sujeitos estão envolvidos por uma situação de comunicação, o retângulo que representa as circunstâncias do discurso, o contrato de comunicação e seus dados externos (dispositivo, propósito e visadas), bem como o implícito do ato configurado na subjetividade dos sujeitos sociais. No centro desse retângulo, temos dois triângulos: o menor representa a parcela discursiva do ato de linguagem, na qual se encontram os dois seres de fala (EUe e TUd) e prosseguem com o ato de linguagem conforme o planejamento dos seres sociais; o triângulo menor corresponde ao que é enunciado, o dizer e os dados internos do contrato de comunicação (locução, tematização e relação).

No triângulo maior no interior do retângulo da situação de comunicação, temos os conceitos correspondentes à ergologia (Schwartz; Durrive, 2010, 2015), que remetem ao dizer, mas estão principalmente localizados no campo da subjetividade, das circunstâncias do discurso e dos parceiros da troca. Visto pelo ângulo da ergologia, os sujeitos sociais correspondem ao corpo-si e investem na atividade nesse espaço prioritariamente subjetivo, mas que também passa, em partes, pelo linguageiro. Nesse triângulo maior está representado o agir do trabalhador, como ele coloca em sincronia o trabalho prescrito e o trabalho real,

bem como estão representadas as dramáticas do uso de si por si e pelos outros, que levam aos debates de normas e de valores da atividade, originados por meio da conexão entre os saberes (acadêmicos e da experiência) e os valores (Durrive, 2011).

Dentro desse esquema ainda existe uma equivalência conceitual entre o triângulo da atividade e os dados internos e externos do contrato de comunicação, a qual explicitamos no Quadro 7:

Quadro 7 – Equivalência conceitual triângulo da atividade x contrato de comunicação

Triângulo da Atividade	Dados Internos	Dados Externos
Agir	Locução	Dispositivo
Saberes	Tematização	Propósito
Valores	Relação	Finalidade (visadas)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Também ressaltamos a equivalência conceitual entre o triângulo da atividade (Durrive, 2011) e as modalidades elocutivas discutidas na seção 4.3, conforme apresentamos no Quadro 8:

Quadro 8 – Triangulação dos dados ergológicos e linguísticos

Triângulo da Atividade	Especificações Enunciativas	Categorias da Língua
Agir	Motivação / Decisão	Obrigação; Possibilidade; Querer / Proclamação
Saberes	Modo de Saber	Constatação; Saber; Ignorância
Valores	Avaliação	Opinião; Apreciação
(Dependendo do contexto)	Engajamento	Promessa; Aceitação; Recusa; Acordo; Desacordo; Declaração

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

A partir do esquema esboçado na Figura 12, com o auxílio das inter-relações apontadas nos quadros 4 e 5, analisaremos os cenários do Brasil e da França de acordo com a interface entre a ergologia e a semiolinguística, primeiro isoladamente, relacionados com suas particularidades e contextos situacionais. Em sequência, esses cenários serão analisados em conjunto gerando um panorama da atuação dos jornalistas em veículos de comunicação locais e independentes, bem como a projeção do mercado de trabalho nessa área nos dois países, enfatizando os pontos convergentes e divergentes encontrados ao longo da pesquisa, conforme apontaremos nos resultados e análise apresentados no próximo capítulo.

6 JORNADAS E JORNALISTAS: UMA ANÁLISE ERGODISCURSIVA DA ATIVIDADE DE TRABALHO JORNALÍSTICA NO BRASIL E NA FRANÇA

*Na vida não há soluções; há forças em ação: você tem que criá-las e as soluções as seguirão*¹³.

Antoine de Saint-Exupéry

Nas próximas seções, situaremos os periódicos selecionados e os jornalistas que participaram de nossa pesquisa. A análise centra-se na inter-relação entre ergologia e análise semiolinguística do discurso, a fim de proporcionar uma visão mais ampla sobre a atividade de trabalho jornalística em veículos de comunicação locais e independentes no Brasil e na França.

6.1 LOCALIZANDO E APRESENTANDO O CONTEXTO LABORAL DOS JORNAIS E JORNALISTAS BRASILEIROS

A jornada brasileira se desdobra em lugares comuns. “Comum?” Podem questionar os leitores, sim, o interior do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Minas Gerais não é aquilo que os turistas estão acostumados a procurar. As estradas misturam serras e planícies cercadas de verde, muito verde, verde das matas e das lavouras nas quais – de vez em quando – você vê gado, cavalos e ovelhas pastando com sua merecida tranquilidade. Vilarejos simples e bem-organizados, com casas de vários estilos, sempre com um jardim bonito na frente. Prédios? Raros, quem sabe um ou dois em cada cidade, você pode ver o sol brilhar de qualquer lugar, é como viajar dentro de um quadro de Monet.

Essa viagem não tem um destino paradisíaco, não tem praias de areia branca, nem samba, nem partidas de futebol... A vida no interior do Brasil é pacata, não tem o frenesi das grandes metrópoles, não aparece frequentemente na TV. Viver no interior é dormir com a janela aberta sem medo, é interessar-se pelas novas variedades de sementes e – quem sabe – ter sua pequena horta no quintal.

E como é que fica o jornalista nisso tudo? Onde está a notícia nesses recantos do Brasil? Como o jornalismo pode funcionar em um lugar com tão poucas novidades? Mas seriam mesmo poucas? A proximidade com a comunidade mostra um outro lado, muitas vezes inexplorado pelo jornalismo que estamos acostumados, um lado que se interessa pela comunidade, que é parte daquele pequeno todo.

¹³ “Dans la vie il n’y a pas de solutions ; il y a des forces en marche : il faut les créer et les solutions suivent.”

O trabalho dos jornalistas no interior do Brasil é marcado por dramáticas do uso de si e debates de valores relacionados ao acúmulo de funções e certa precariedade das condições de trabalho. Mesmo assim, esta pesquisa encontrou profissionais que transformaram sua atividade em patrimônio e encontram motivação para seguir na carreira jornalística e esperar um futuro melhor para a profissão.

No Brasil, selecionamos três cidades para realizarmos a pesquisa: uma no estado do Rio Grande do Sul, outra no Paraná e mais uma em Minas Gerais. O Brasil é um país com dimensões continentais e com características socioculturais que variam muito de estado para estado. Com esse recorte procuramos abranger uma parte da realidade brasileira, concentrando-nos nas regiões onde há maior número de jornais, tal qual apresentamos na seção metodológica.

No Rio Grande do Sul, selecionamos um jornal sediado na região norte, em uma cidade com cerca de 11 mil habitantes. O jornal faz parte de uma pequena rede de comunicação, sediada no município vizinho, e abrange quatro municípios da região. A tiragem semanal é de 2 mil exemplares e o jornal circula desde os anos 1990 em formato impresso, atualmente também possui presença digital, destacando-se no uso de redes sociais como instagram e facebook. A jornalista entrevistada (J1), mulher, faixa etária entre 25 e 30 anos, atua na profissão desde 2015 e está finalizando a graduação em jornalismo. Ela trabalha no jornal há um ano e é a única responsável pelo periódico, embora conte com o suporte dos colegas jornalistas e de sua chefe na cidade vizinha; ela produz as reportagens, edita e encaminha para a diagramação.

J1 divide o espaço da redação do jornal com uma colega, responsável pelo setor financeiro da empresa. Embora o local não seja espaçoso, é confortável, climatizado e J1 dispõe do material necessário para a realização do trabalho, especialmente computador e câmera fotográfica, conforme destacamos na Figura 13. Além da sala de redação, existe uma pequena cozinha utilizada principalmente para fazer chimarrão, bebida tradicional do estado, e uma sala de espera para clientes e fontes.

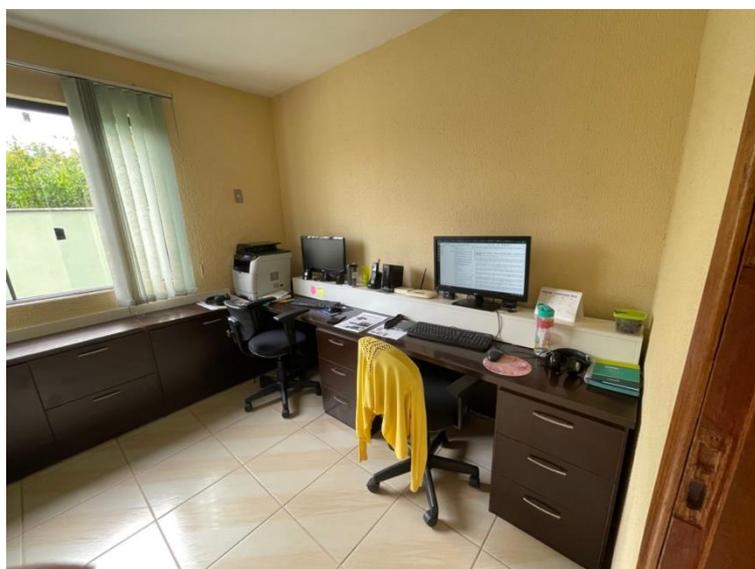
Figura 13 – Sala da redação do jornal do Rio Grande do Sul



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2021)

O jornal selecionado no Paraná está situado na região sudeste do estado, em uma cidade com cerca de 11 mil habitantes e circula desde 1996 em 10 municípios da região no formato impresso, com tiragem semanal de 10 mil exemplares. Atualmente, a presença digital é marcada pelo site bem estruturado que oferece notícias atualizadas e um clube de assinaturas. O jornal está localizado em um sobrado de dois andares e divide o espaço com a rádio da mesma empresa. A rádio fica no segundo piso e no primeiro situa-se: a sala de redação destinada para os dois jornalistas do jornal impresso (Figura 14), a sala do setor financeiro e marketing do jornal, bem como a garagem dos automóveis da empresa.

Figura 14 – Sala de redação do jornal do Paraná

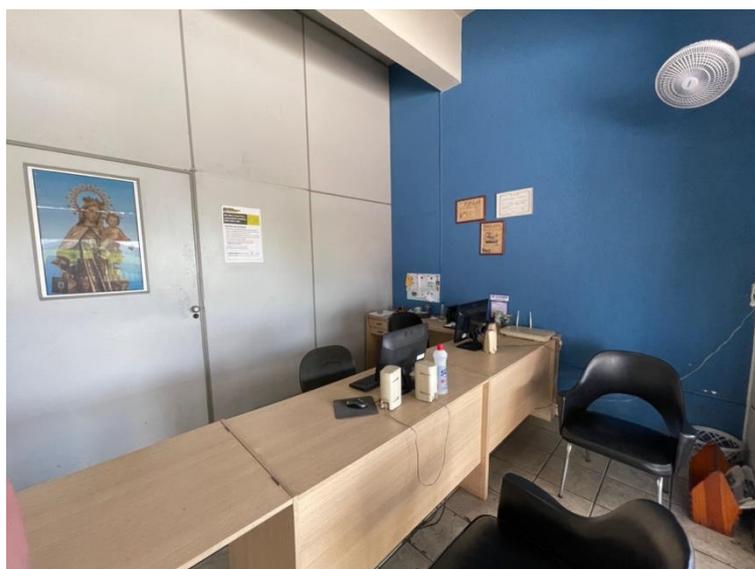


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

A jornalista entrevistada (J2), mulher, faixa etária entre 25 e 30 anos, atua no jornal desde 2016, possui graduação em jornalismo e MBA em jornalismo digital. Ela divide seu tempo entre as atividades próprias do jornalismo, como elaboração e edição de pautas, com as tarefas de diagramadora e o trabalho como jornalista e locutora na rádio. O trabalho voltado para o jornalismo é dividido com mais um colega, o qual vai mais a campo para fazer entrevistas.

O jornal selecionado em Minas Gerais está situado na região sul, em uma cidade com cerca de 20 mil habitantes e, desde 1997, circula em quatro municípios da região, com tiragem de dois mil exemplares quinzenais. A versão digital do periódico é um site simples, com notícias em formato de lista. Uma característica que diferencia esse periódico dos demais é que ele possui distribuição gratuita, optando por financiar os custos apenas com verbas publicitárias. O jornal está localizado no primeiro piso de um sobrado, juntamente com a gráfica do mesmo proprietário. O espaço destinado para o jornal é uma pequena sala de frente para a rua (Figura 15), onde o jornalista e proprietário produz o conteúdo impresso e on-line. Dos jornais que analisamos, esse é o que possui menor infraestrutura para os trabalhadores, pois a grande porta em frente à rua é a única entrada de ar do local, mas deixando-a aberta há o barulho do comércio e dos veículos que passam por ali, o que dificulta a concentração.

Figura 15 – Sala de redação do jornal de Minas Gerais



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

O jornalista entrevistado (J3), homem, faixa etária entre 55 e 60 anos, trabalha com jornalismo desde 1991 e se formou no curso de graduação em jornalismo em 1994. Ele é o proprietário do jornal e divide as atividades de jornalista com o trabalho na gráfica que abriu junto ao jornal. Ele próprio produz, edita e diagrama o periódico: é um jornal de um homem só.

Na seção seguinte, faremos um exercício de diálogo entre a ergologia e a análise do discurso, a fim de conhecer um pouco da atividade de trabalho desses profissionais.

6.2 JORNALISTAS BRASILEIROS: UMA ATIVIDADE DE TRABALHO INSTÁVEL

Esta seção organiza-se em três partes, abordando os assuntos mais evidenciados nas entrevistas com os jornalistas e no processo de observação do trabalho e das redações. As entrevistas que embasaram essa pesquisa estão disponíveis no Apêndice A. A investigação se dá sob amparo da ergologia (Schwartz; Durrive, 2010, 2015) e da análise semiolinguística do discurso (Charaudeau, 2016, 2018) e iniciaremos tratando sobre as diferenças entre o trabalho prescrito e o trabalho real (Schwartz; Durrive, 2010, 2015): mobilizando também os conceitos de contrato de comunicação e visadas discursivas apontados por Charaudeau (2016) para auxiliar a identificar o que foi normatizado e o que, de fato, os profissionais encontraram no dia a dia de suas atividades, como lidam com essas transformações, quais competências e conhecimentos ativados.

No tópico seguinte, versaremos sobre a questão dos saberes envolvidos na atividade, saberes constituídos e investidos, tendo como base Trinquet (2010) e Schwartz e Durrive (2010, 2015). A *mise-en-scène* do ato de linguagem e estratégias discursivas trazidos por Charaudeau (2016) nos auxiliarão a entender como o jornalista encena sua atividade de trabalho, movimentando os diversos saberes que possui e os inter-relacionando com suas práticas laborais diárias.

Por fim, no subcapítulo 6.2.3, com base em Schwartz e Durrive (2010, 2015) trataremos das dramáticas dos usos de si por si e pelos outros, destacando o processo de migração do impresso para o digital e as perspectivas de futuro da profissão. As categorias teóricas semiolinguísticas de projeto de influência e comportamento enunciativo dos jornalistas nos auxiliarão a verificar como o profissional implica a si e aos outros no fazer jornalístico de acordo com a perspectiva de futuro que ele visualiza.

6.2.1 Contratos de comunicação que (des)equilibram a atividade

Quando os jornalistas foram questionados sobre o que foram contratados para fazer, e/ou o que esperavam desenvolver enquanto jornalistas, versus o que, de fato, encontraram no dia a dia da profissão, no fazer laboral da atividade, identificamos uma grande diferença de perspectivas entre o que era esperado e o que se concretizou. Um ato de linguagem sempre se desenvolve em uma situação de comunicação que aponta o quadro de referência que devemos analisar na formação do contrato de comunicação, considerando os quatro sujeitos presentes no ato (Charaudeau, 2016). As circunstâncias do discurso (Charaudeau, 2016) despertam possíveis interpretativos sugeridos pelo contexto da troca linguageira, nesse sentido identificamos traços de contratos de comunicação estabelecidos entre os jornalistas e seus superiores e/ou seu público advindos do momento em que iniciaram no jornalismo, materializados no implícito dos discursos e possíveis de serem percebidos dado o compartilhamento de saberes coletivos entre os membros da troca.

Verificamos nas pistas linguísticas desses contratos de comunicação anteriores, estabelecidos entre jornalistas e chefes, se basearam em visadas incitativas (fazer-criar), pois o trabalho real sofreu alterações ao longo do tempo. Entretanto, as próprias especificidades do trabalho impedem que todos os detalhes sejam relatados, segundo Schwartz e Durrive (2010), é impossível retratar o trabalho real apenas nas normas antecedentes, no que pode ser prescrito e transmitido em um primeiro ato de linguagem. Desse modo, muitos processos, tarefas e detalhes de todas as ordens situam-se no campo do implícito, subentendidos, e são eles que impactam no trabalho real.

J1 enuncia por meio de um EUE que ignora as mudanças e atualizações do trabalho do momento em que foi contratada até o momento da entrevista: “não teve assim eu digo muita diferença” (J1). Consideramos que existe um vazio de normas entre o trabalho prescrito e o trabalho real, não é uma transição transparente e de fácil percepção, e é por isso que cada sujeito renormaliza sua atividade de uma maneira própria (Schwartz; Durrive, 2015). É o corpo-si que trabalha com essas informações, às vezes conscientes e outras vezes subconscientes, conforme destaca Schwartz (2014, p. 265): “nosso corpo-si, em todos os níveis entre a consciência e “as profundezas do corpo”, internaliza processos de seleção de informações pertinentes, determinando e hierarquizando esses debates de normas”. A estratégia discursiva de J1 minimiza as particularidades da atividade que não cabem no prescrito: “o que foi acontecendo assim foi a adaptação né...” (J1) ressaltando que ela própria não percebe as transformações da atividade no momento do agir. Algo semelhante acontece com J2, que criou um EUE nos mesmos modelos de J1, “não houve muita mudança é... houve para um aperfeiçoamento do trabalho né...” (J2). A estratégia discursiva manifestada pelas

duas jornalistas revela que o trabalho mudou, mesmo que não identifiquem essa mudança como algo além do prescrito, talvez mais elaborado, mas ainda dentro do escopo previsto na história da profissão. As duas entrevistadas limitam sua definição da atividade ao que foi inicialmente acertado entre elas e a chefia, mesmo sabendo da impossibilidade de concentrar toda a atividade de trabalho naquilo que foi prescrito.

Ao mesmo tempo, identificamos no implícito desse discurso, no contrato de comunicação inicial entre jornalistas e empregadores, resquícios de uma visada de incitação (Charaudeau, 2004), pois EU (empregador) quer mandar fazer, mas ainda não se encontra em uma posição de poder capaz de desempenhar essa ação, portanto, só lhe resta convencer o TU (empregado) que ele se beneficiará dessas condições. O EUe nessa situação de comunicação prova ter criado um TUD com o qual o TUi é capaz de se identificar, pois levou J1 a considerar que estava apenas se adaptando à nova atividade, visto que veio de outro meio de comunicação: “só no começo eu fiquei com um pouco de dúvida porque eu sempre trabalhei em rádio né eu pensei ah tenho que me adaptar” (J1). A entrevistada acreditou que estava apenas desenvolvendo o domínio dos protocolos do jornalismo impresso (ingrediente 1 do agir em competência), mas, em realidade, estava aceitando assumir um compromisso além de seu ofício, como revela em “a questão das vendas a gente/eu ajudo um pouco assim sabe...” (J1). A estratégia discursiva utilizada aponta para um comportamento elocutivo de aceitação, conforme Charaudeau (2016), o que indica que ela aceitou trabalhar com a parte comercial do jornal, mesmo não sendo sua atribuição.

J2 (TUi) também se identifica com o TUD da visada de incitação de um EUc (chefe) ao ressignificar as atividades extras como “um adquirir conhecimentos em algumas áreas distintas da que eu atuava” (J2). Essa entrevistada manifestou que estava aprendendo coisas novas, mas ao mesmo tempo demandava mais de seu corpo-si. Conforme teoriza Souza-e-Silva (2014, p. 286), “cada um tratará esses vazios de normas recorrendo a um universo de recursos pessoais”, percebemos isso no excerto “uma bagagem que vem até de casa de você ser organizado em casa” (J2). O trabalho prescrito inicialmente apresentado, somado à visada de incitação, rende novos contornos para o agir da profissional: “não me desliguei da redação não me desliguei do site nem da rádio, mas hoje eu exercito também a função de diagramadora” (J2) revelando uma dramática do uso de si pelos outros. A imposição de novas tarefas gera o debate de valores: o corpo-si entende que está sendo valorizado por ter novas atribuições dada a estratégia discursiva utilizada, mas não é possível deixar uma das outras atividades descobertas, com isso o uso de si por si e pelos outros se intensifica.

Essas mudanças podem ocorrer pelo próprio movimento da vida no trabalho, pois, segundo Schwartz e Durrive (2010, p. 189), “o meio é sempre mais ou menos infiel e, aliás, nunca se sabe onde e em que proporções”, logo, essas alterações impõem dramáticas do uso de si aos trabalhadores, pois os obrigam a fazer escolhas. Como visto no depoimento de J2, “mas claro é uma... é um/um pontapé meu”, que demonstrou resquícios de uma visada de instrução (fazer saber-fazer), na qual, conforme destaca Charaudeau (2004), a profissional se coloca na posição de dever saber fazer e isso representa-se por meio de um comportamento elocutivo de constatação. J2 situa-se em um debate de valores consigo mesma para promover o bem-estar do todo, demonstrando traços do sexto ingrediente do agir em competência (capacidade de trabalhar em equipe) ao assumir a sua responsabilidade (Schwartz; Durrive, 2010). Esse ingrediente do agir ficou ainda mais claro quando J2 enunciou: “você vai se adaptando a equipe vai vendo a rotina do todo”, indicando sua capacidade de reconhecer o valor dos colegas e trabalhar em equipe.

O entrevistado J3 mostrou uma situação um pouco distinta de J1 e J2, pois não possui um chefe, ele é o proprietário do jornal e disse ser capaz de desenvolver todas as atividades relacionadas ao periódico. Esse fato não o isenta de ter uma perspectiva daquilo que seria seu trabalho ao iniciar o jornal, trabalho prescrito, e aquilo que realmente conseguiu colocar em prática ao longo dos anos no trabalho real: “Eu queria divulgar as notícias da cidade aí as notícias da cidade notícias mesmo e procurar divulgar de todos os lados ser um jornal assim... é... mais imparcial possível” (J3), a estratégia discursiva manifestada nesse enunciado aponta para uma modalidade de querer, a qual confirma as ações que J3 desejava colocar em prática em seu jornal, mas na modalidade de desejo o EUE revela um querer íntimo do EUC que muitas vezes não pode ser realizado. No caso de J3, as limitações para colocar em prática seu desejo são de ordem das disputas de poder e das condições impostas pelo contexto social no qual o periódico se insere, retratadas pelo EUE em uma visada informativa (Charaudeau, 2004): “em um jornal no interior para sobreviver ele/não existe outra maneira a não ser estar meio mais ou menos aliado com o poder público” (J3), assim o EUE informa o porquê do EUC considerar inviável uma prática jornalística com mais imparcialidade.

Ainda no enunciado anterior, o EUE manifesta uma modalidade elocutiva de constatação, é possível depreender que EUC se limita a observar a existência dessa prática, ele sabe por experiência própria e não constrói um EUE voltado a avaliar o fato. Podemos considerar que J3 subjugou seu agir à situação ao se ver obrigado a compactuar com o poder público para manter seu jornal em circulação. Essa observação se sustenta no enunciado

“essas matérias polêmicas se eu colocar no jornal né recebo ameaça é que vai cortar a verba que vai cortar isso vai cortar aquilo então você tem que optar ou manter com o jornal é... financeiramente ou fechar” (J3), visto que o EUC cria um EUE calcado em uma obrigação externa, de alguém que tem o poder para determinar que o jornalista faça essa escolha, o que indica a autocensura em prol da manutenção do veículo.

O debate de valores de J3 girou em torno da vontade de fazer jornalismo conforme o trabalho prescrito revelado pelas escolas de jornalismo: ouvindo todos os envolvidos, publicando todas as informações que possam ser socialmente relevantes, o que parece estar em desaderência com a atividade. Não parece ser a realidade encontrada em uma cidade pequena, dependente de dinheiro público para fazer o jornal circular. Esse debate de valores pode ser evidenciado em dois enunciados: inicialmente, quando J3 destacou que queria produzir um jornal imparcial e segue para um comportamento elocutivo de obrigação externa, ou seja, que “não depende do locutor, mas sim de um outro que tem poder para dar uma ordem ao locutor” (Charaudeau, 2016, p. 94), no enunciado “você tem que estar mais ou menos alinhado ao poder público e estando alinhado ao poder público você querendo ou não você fica refém desse pessoal” (J3), e ainda segundo o enunciado “vai meio que é cortando a gente a gente vai tirando aquela liberdade que eu tinha no começo” (J3). As escolhas necessárias para a manutenção do jornal fazem com que J3 renuncie a valores pessoais que gostaria de manifestar em sua atividade.

J3 é o jornalista mais experiente dos três jornalistas brasileiros entrevistados nesse estudo, com mais de 20 anos de profissão. Isso faz com que ele tenha bom domínio dos seis ingredientes do agir em competência, conforme Schwartz e Durriue (2010): domínio dos protocolos em uma situação de trabalho; as práticas de uma atividade local se estabelecem na história e na singularidade da situação; ser capaz de articular protocolos/técnicas com o singular de cada situação; relaciona-se com as dramáticas do uso de si por si e pelos outros, o debate de valores ligado ao debate de normas; ativação do potencial da pessoa, motivação; capacidade de trabalhar em equipe, aproveitar-se das sinergias de competências em situação de trabalho. O profissional parece dominar os protocolos para colocar o jornal em circulação, aprendendo com o passar do tempo as concessões que precisa fazer para se manter em atividade.

Mesmo apresentando um tom de tristeza ao falar dos debates de valores pelos quais passou para garantir a permanência do veículo, as circunstâncias do discurso permitem inferir que, no contexto da atividade jornalística, J3 ainda está motivado e se apropriou do jornal como algo seu, um patrimônio (Schwartz, 2004) em que encontra maneiras de

expressar seus valores mesmo restrito pelas infidelidades do meio. As dramáticas do uso de si por si e pelos outros que enfrentou serviram como experiência e o auxiliaram a desenvolver-se enquanto profissional.

O trabalho em equipe, nesse caso, está relacionado com o bom relacionamento com entidades de poder da cidade e com outras fontes de informação, “então a gente conhece todo mundo de/de política de um lado e de outro e acaba criando uma certa amizade” (J3). O domínio e equilíbrio do agir em competência são o que garantem que o periódico coordenado por J3 permaneça em atividade desde 1997, em um cenário de incertezas e constantes mudanças que dificultam a atividade jornalística, especialmente em pequenos periódicos e pequenas cidades.

Fazer circular a informação requer diferentes competências, adaptações e saberes. O conhecimento necessário para desempenhar com êxito a atividade de jornalista vem de diferentes fontes, desde a faculdade até a experiência prática, conforme veremos no próximo tópico.

6.2.2 Mobilização de saberes na construção da profissão

Os saberes do trabalhador são basilares para sua atividade e, como observamos no capítulo 3.2, eles podem ser tanto constituídos, que são os saberes acadêmicos em desaderência com a atividade, quanto investidos, que são os saberes em aderência com a atividade, nela e por ela adquiridos (Schwartz; Durrive, 2010). Quando o trabalhador fala sobre sua atividade, os saberes permeiam esse dizer tanto no que é dito diretamente quanto no que está implícito. Desse modo, questionamos os entrevistados sobre os saberes que eles consideravam necessários para exercer a atividade e como eles os construíram ao longo de seus percursos profissionais e acadêmicos.

Quando falamos em saberes acadêmicos para os jornalistas brasileiros, estamos falando propriamente das faculdades de jornalismo ou comunicação social com habilitação em jornalismo, que são os cursos mais destacados na área. Desenvolver-se enquanto jornalista profissional implica na apreensão de saberes acadêmicos, mesmo assim os entrevistados colocam em questão os saberes constituídos. J1 declarou que o conhecimento na área “eu fui adquirindo na rádio quando eu trabalhava né claro a faculdade a gente sabe tu sabe como é também que é mais ali na prática na vida que a gente vai aprendendo né...” (J1). Nesse enunciado, EUc (J1) fez uso do modo enunciativo alocutivo para interpelar TUi (pesquisadora), em uma estratégia discursiva na qual EUe busca na concordância de TUD

uma identificação possível pelo contrato de comunicação estabelecido entre as duas partes, que implica contextos subjetivos, visto que ambas possuíam vivências semelhantes tanto acadêmicas quanto profissionais. Nesse sentido, a interpelação “tu sabe como é”, proveniente do EUE, remeteu ao contexto educacional proporcionado pela faculdade de jornalismo, a qual ofereceu uma formação básica para as várias áreas de atuação possíveis no jornalismo além da base teórica própria da comunicação social. Dado que o período de quatro anos de formação universitária não permitiu um estudo minucioso de cada especificidade da área, os saberes investidos agem como complementares para a formação do jornalista.

O contrato de comunicação estabelecido tanto por J1 quanto por J3, considerando as fontes nas quais adquiriram o conhecimento necessário para sua atividade, voltou-se à supervalorização dos saberes investidos ante os saberes constituídos. Ambos evidenciaram isso em uma estratégia discursiva na qual EUE manifestou um sentimento de solidão por meio de modalidades elocutivas de opinião: “a parte do jornal foi tudo praticamente ali com o tempo aprendendo sabe... aprendendo sozinha assim né” (J1); “ninguém me orientou não, isso foi a experiência mesmo de vida” (J3). Essa modalidade de opinião empregada por EUE reforça que a predominância do saber investido é algo que atravessa o campo dos valores do EUC, uma convicção tão forte que toca a verdadeira construção da atividade. É possível que essa estratégia discursiva tenha sido moldada no próprio universo acadêmico, pois os EUC (J1 e J3) revelaram que o saber acadêmico com o qual tiveram contato situa-se em um alto nível de desaderência com a atividade (Schwartz, 2009), pois os profissionais defrontaram-se com obstáculos ao conectá-lo com o trabalho *hic et nunc*, indicando que a busca da antecipação da atividade distanciou esse saber de seu propósito no contexto vivenciado por J1 e J3.

Os profissionais discerniram as lacunas na instituição acadêmica ao buscar essa antecipação impossível do trabalho real, dado que “a faculdade na verdade é de tudo um pouco né mas o resumido assim para o que é o jornalismo” (J1). Certo aspecto da atividade “pode somente ser encontrado nas asperezas da aderência” (Schwartz, 2009, p. 267) e isso ficou ainda mais claro quando J3 relatou que “a faculdade ensina a gente ser jornalista, não ser dono de jornal”. A atividade ultrapassou a capacidade de tempo e espaço disponíveis nos cursos de formação e gerir o que poderia ser antecipado na desaderência é um tema sempre controverso (Schwartz, 2009).

Muito se pode discutir acerca da responsabilidade dos profissionais em relação à sua própria formação e à construção de seu conhecimento, seus saberes. Considerando o

enunciado “a tua maior responsabilidade assim tá no teu trabalho né que nem na faculdade a gente está aprendendo” (J1), vimos que a estratégia discursiva de EUc, enunciada em uma modalidade de opinião por EUe, foi de reduzir a importância do saber acadêmico. A instituição de ensino superior é um ambiente no qual as imprecisões têm uma relevância reduzida em comparação ao contexto de uma redação jornalística, mas o ambiente de experimentação disponibilizado durante a graduação deve ser tratado com tanta responsabilidade quanto o trabalho propriamente dito. A adaptação dos profissionais a cada meio é fundamental tanto em relação aos saberes acadêmicos para ampliar “o teu conhecimento, teu leque de atuação” (J2), quanto em relação aos saberes da atividade para saber aproveitar oportunidades “em alguns lugares em que a sorte batia pro meu lado” (J3).

A valorização dos saberes acadêmicos se dá especialmente no campo do aprendizado conceitual, promovido em relação ao “convívio com as pessoas” (J1), conceitos fundamentais para desenvolver a atividade, “como tu fazer uma matéria tu chegar na pessoa para fazer uma matéria... como ter o teu lado jornalista sabe também o lado humano assim das pessoas... é como tu te tornar jornalista assim no dia a dia né” (J1). E esse tornar-se jornalista envolveu a participação ativa do corpo-si: A encenação elaborada por EUc (J3) ao discorrer sobre seu período acadêmico refletiu essa conceitualização ao integrar os saberes da experiência aos saberes constituídos: “na faculdade eu aprendi a escrever, na realidade eu aprendi a escrever e fazer o que eu sempre faço e o que eu sempre fiz a vida inteira: muito esforço” (J3). O EUe seguiu ratificando essa proposição com a modalidade elocutiva de querer: “eu sempre demonstrei querer aprender e continuo até hoje, querendo aprender” (J3), a qual asseverou o desejo íntimo de EUc de progredir na atividade, é a manifestação do corpo-si em prol do crescimento profissional utilizando os recursos disponíveis.

O ser jornalista passa, inegavelmente, por todos os polos do DD3P de Trinquet (2010) e Schwartz e Durrive (2010). Enquanto J1 e J3 focaram sua encenação na valorização dos saberes em aderência com a atividade, como escrita e diagramação, J2 apresentou uma estratégia discursiva voltada ao mérito dos saberes acadêmicos: o “tornar-se jornalista” evocado por J1. No enunciado “a profissão do jornalista ela demanda de constante adaptação, é... buscar conhecimentos, você não pode ficar estagnado naquilo que você aprendeu na faculdade” (J2), EUe recorreu à modalidade elocutiva de possibilidade negativa para evidenciar que havia uma pressão externa impedindo a restrição ao âmbito dos conhecimentos acadêmicos. Dentro dessa encenação, a expansão para além das competências adquiridas na instituição de ensino superior não implicou na renúncia ao contexto acadêmico. Quando EUe enunciou “eu busco bastante com cursos eu tenho pós-

graduação já e pretendo não parar” (J2), a estratégia discursiva empregada revelou que criar a maestria da profissão significa buscar conhecimento em diferentes fontes.

São os desafios de uma profissão “injusta” (J2) que exigem mais do corpo-si de seus profissionais e colocam em dúvida seus valores, conforme o EUE revelou: “você vem com a tua formação, produz a matéria e tem todo o conhecimento para fazer uma matéria mas você tem que concorrer com uma pessoa que simplesmente foi lá e ah coletou as informações escreveu de qualquer maneira e publicou nas redes” (J2). A encenação elaborada pelo EUC (J2) tornou possível entender e explicar a estratégia discursiva de J1 ao dar mais relevância aos saberes em aderência, pois em sua interpretação essa “injustiça” não pode ser combatida. A estratégia discursiva elaborada por J2 apontou um caminho diferente quando o EUE destacou que o profissional “precisa demandar de um aperfeiçoamento” (J2), ou seja, na estratégia do EUC (J2) a ação de valorização do jornalista profissional deve partir inicialmente dele mesmo, de acordo com o que o EUE demonstrou por meio de uma modalidade elocutiva de obrigação interna, para poder “falar aquilo que pensa” (J2) e evitar perseguições.

Nesse aspecto, J3 corroborou com a pertinência da formação superior para a valorização da profissão quando o EUE enfatizou “esse negócio de tirar exigência de diploma de jornalista, isso é um absurdo” (J3), referindo-se ao fato de que no Brasil, desde 2009, não se faz necessária a posse de diploma de nível superior para que um indivíduo exerça a profissão de jornalista. Mesmo assim, a principal ênfase de J3 está primordialmente voltada ao aprendizado técnico, o saber escrever, porque “a técnica do jornalismo é totalmente diferente da técnica de um leigo que vai escrever” (J3). Ou seja, a estratégia discursiva de J3 argumentou em prol do curso superior em jornalismo, mas só no que se refere ao aprendizado de técnicas de redação jornalística, pois EUE enunciou “às vezes a pessoa [...] tem várias formaturas, mas chega na hora de escrever, passar a informação para que a pessoa consiga entender, ela não consegue, então, para isso ele tem que ser jornalista, então é importante fazer faculdade” (J3). A encenação discursiva foi centrada nesse conceito de aprendizado acadêmico para vislumbrar a perspectiva de aprimoramento na profissão, estratégia confirmada por EUE em “a partir do momento que fizer isso, eu acho que a profissão, quem sabe, volta a valorizar” (J3). O enunciado anterior revelou um EUC com ressalvas ao que está propondo, pois EUE enuncia a opinião de EUC em uma suposição, o que implicou incertezas sobre o propósito que está defendendo.

Concluimos que os profissionais construíram suas estratégias discursivas especialmente por meio de modalidades de opinião em frases afirmativas que evidenciaram

seus valores. A encenação discursiva proposta pelos entrevistados nos permitiu vislumbrar uma atividade de trabalho em que “é necessário sim estar evoluindo” (J2) para alcançar as perspectivas estimadas para o futuro do jornalismo, mas essa é uma obrigação externa, impulsionada pelas forças sociais, como veremos no próximo tópico.

6.2.3 Transformações e o desejo de um futuro melhor

A transição do impresso para o digital é um tema que ainda cerca as redações dos pequenos jornais. Enquanto os grandes periódicos já possuem práticas bem estabelecidas e até mesmo equipes separadas para cada área, nos jornais de pequeno porte há um acúmulo de funções que obriga os jornalistas a produzirem conteúdo tanto para o impresso quanto para o digital e gerenciar ambas as plataformas simultaneamente.

A precarização do trabalho no jornalismo local e independente foi evidenciada quando os jornalistas precisavam de equipamentos adquiridos por eles mesmos para atender demandas de trabalho. J1 declarou que “hoje em dia eu uso bastante o celular né” e ao ser questionada se a empresa fornece esse equipamento, EUE escolheu evidenciar essa instabilidade: “eu uso o meu” (J1). Não identificamos indícios linguísticos ou contextuais de revolta por parte da jornalista ante à referida situação, entretanto, o EUE segue seu discurso manifestando uma modalidade de obrigação de ordem utilitária (Charaudeau, 2016) em dois enunciados: “até para mim foi melhor né eu tinha um assim que não era muito bom [...] daí eu precisava mesmo trocar né já para o meu trabalho” (J1) e “investi no note também que eu não tinha em casa que eu não precisava muito tinha um que estava estragado então tive que comprar outro né” (J1). Nesses enunciados, EUE revelou uma coerção interna de EUC para prover os equipamentos que a empresa deveria disponibilizar para a realização de suas tarefas. Consideramos que essa coerção interna pode ser derivada do histórico de enfraquecimento da profissão, naturalizando, transformando em norma (Schwartz; Durrive, 2010) condicionante do agir da profissional, o investimento financeiro pessoal quando, em realidade, deveria haver o investimento da empresa.

A estabilidade financeira no contexto do jornalismo digital também representa um desafio substancial: “a parte digital não me dá lucro nenhum, ela só não me dá prejuízo” (J3), verificamos que nesse enunciado declarativo a estratégia discursiva de EUC cria um EUE que utiliza uma visada de demonstração, a qual estabelece uma verdade e mostra provas, a fim de convencer TUD que, no momento, não seria viável para J3 nem mesmo sobreviver enquanto empresa e/ou profissional se dependesse apenas da versão digital de seu jornal.

EUc não manifesta nenhuma estratégia de julgamento ou avaliação para o discurso de EUe, há apenas uma declaração daquilo considerado como verdadeiro por EUc, um saber que ele julgou causar dúvida em seu interlocutor (Charaudeau, 2016) e mobilizou seus saberes para justificar a escolha em manter um produto que não é financeiramente compensatório.

A escolha de J3 encontrou respaldo em algo mais profundo, que agita o corpo-si em função daquilo que é vivível (Schwartz; Durrive, 2010) e se traduz em um valor para o profissional. Se por um lado o jornal digital de J3 é comercialmente inviável, ele presta um grande serviço para a comunidade enquanto jornal local, pois J3 tentou “fazer como se fosse uma biblioteca virtual desses quatro municípios” de abrangência, destacando informações locais e relevantes para seus leitores. “Mas se você for procurar lá do Rio Grande do Sul, por exemplo, você não vai encontrar” (J3) notícias ou informações que não sejam estritamente relacionadas com aquela comunidade. É uma forma de transformar o jornalismo local em memória construída em conjunto em uma sociedade, cumprindo um propósito que vai além de informar.

A função social do trabalho do jornalista, que vai muito além dos fins comerciais, também foi evidenciada por J2 em “ele ((o jornalista)) tem um papel de formação, ele ajuda, contribui muito na sociedade para uma formação de opinião” (J2). O enunciado de EUe apontou o espaço em que o jornalismo local e independente possui sua maior força, atuando como instrumento para manifestação dos anseios da sociedade e aproximando os jornalistas de sua função social, a caminho da construção de um trabalho como patrimônio socialmente compartilhado (Schwartz, 2004). Esse processo enfrenta todas as pressões do mercado capitalista e das grandes empresas de comunicação, todavia reintegra o jornalismo como parte da sociedade e oferece uma alternativa para o fortalecimento da profissão.

Constatamos que esse formato de jornalismo voltado para as necessidades sociais está intimamente ligado ao desejo dos profissionais quando J2 constrói seu discurso por meio de uma modalidade de querer (Charaudeau, 2016): “eu espero que o futuro possa manter essa relação do jornalista com a sociedade da melhor maneira possível” (J2). A variação dessa modalidade está expressa em um anseio, ou seja,

A imagem do jornalismo é vista com certa desconfiança dado aos inúmeros casos de sensacionalismo e defesa de interesses comerciais manifestados por diferentes periódicos ao longo do tempo. O desejo de J2 de que o jornalismo seja visto de “maneira mais positiva” (J2) passa pelo caminho do jornalismo local, da conexão com a sociedade, seguindo o exemplo de J3, que se orgulha em dizer que “no meu jornal é colocado só notícias nessas quatro cidades ou alguma coisa fora daqui que tenha relação com aqui” (J3). A aproximação

com a comunidade pode auxiliar o jornalista a cumprir “esse papel de transformar a sociedade” (J2) e revela uma semelhança muito intensa com os jornalistas franceses, como veremos no próximo capítulo.

6.3 LOCALIZANDO E APRESENTANDO O CONTEXTO LABORAL DOS JORNAIS E JORNALISTAS FRANCESES

A nossa jornada pela França tem um começo muito simples: começa com um trem. Quando você se locomove no interior do Brasil há basicamente uma opção de transporte, o carro: todos os indivíduos andam em suas caixinhas motorizadas, sozinhos, todas as casinhas têm a sua garagem. Na França você anda de trem, simples, centenas de pessoas dentro de quilômetros de vagões que atravessam o país em pouquíssimas horas. Simples, porém incrivelmente surpreendente para uma brasileira.

Foi pela janela de um desses trens que vimos como esses dois países são tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos. Não é só uma questão geográfica, as planícies francesas cobertas de gramíneas no outono não têm o verde excessivo das lavouras brasileiras, mesmo assim os animais estão lá, pastando com a mesma tranquilidade. Vimos que o jornalismo tem suas particularidades, que é possível trabalhar o local dentro de uma metrópole e o nacional em uma pequena cidadezinha.

A realidade ganha contornos diferentes, mas os profissionais enfrentam as mesmas dramáticas, os desafios constantes, a incerteza regada de desejo de fazer jornalismo plural, de criar uma profissionalidade para si e para os futuros jornalistas.

Na França, selecionamos três jornais para realizarmos nossa pesquisa: um na região de *Ilê de France* e dois na região de *Provence-Alpes Côte D’Azur*. Procuramos abranger as regiões com maior número de jornais independentes e locais, promovendo um recorte abrangente das características desses meios no país.

Na região de *Ilê de France* selecionamos um jornal sediado em Paris. A localização desse jornal foi flexibilizada especialmente em razão das características de jornal independente e local que consegue ter boa visibilidade na região, adotando práticas de redação colaborativa. Outro fator determinante para a flexibilização e inclusão desse periódico foi a dificuldade de encontrar profissionais dispostos a participar da pesquisa em jornais de cidades menores.

Esse jornal parisiense foi fundado em 2016 por profissionais que deixaram a redação de grandes mídias da região e decidiram fundar um periódico voltado para temas sociais relevantes, frequentemente inexplorados pelas grandes redes devido a restrições de cunho

publicitário e financeiro. O jornal funciona em um formato ligeiramente diferente do tradicional: cada temática dá origem a uma série de reportagens, que são publicadas no site do veículo são impressas e distribuídas em formato de livro reportagem.

A equipe é composta por 11 profissionais fixos e cerca de 15 *pigistes* – jornalistas independentes pagos por reportagem que entregam. A sala de redação desse jornal é espaçosa e em conceito aberto, compartilhada entre todos os trabalhadores fixos, conforme representado na Figura 16. Há ainda uma pequena sala para privada para entrevistas. O ambiente é bem iluminado e bem climatizado, proporcionando conforto para os trabalhadores.

Figura 16 – Sala de redação do jornal de Paris



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

O jornalista entrevistado (J4) é homem, faixa etária entre 45 e 55 anos e é um dos fundadores do jornal. Atuou como jornalista por mais de 16 anos em um grande periódico da França e desde 2015 dedica-se exclusivamente ao jornal onde exerce sua atividade laboral. É editor chefe, ou seja, decide quais pautas serão abordadas e quais notícias entrarão no formato digital e físico.

Como selecionamos dois jornais na região *Provence-Alpes Côte D’Azur*, vamos referi-los a eles como Jornal 1 e Jornal 2, apenas para facilitar o entendimento durante a apresentação dos periódicos. O Jornal 1 está localizado em uma cidade com cerca de 5 mil habitantes, situada a pouco mais de 100km de Marselha. O periódico foi criado em 2005 e funciona atualmente como uma SCOP (*Société coopérative ouvrière de production*), algo semelhante a uma cooperativa no Brasil, na qual os cooperados são a própria equipe que faz

o jornal, composta por oito jornalistas. O jornal não é financiado por nenhuma entidade exterior, o que permite maior liberdade para abordar as pautas de acordo com a visão dos jornalistas e da comunidade envolvida. Os 8 jornalistas tomam as decisões editoriais e administrativas em conjunto, também possuem salários iguais.

Como não há publicidade, o sustento do jornal é fornecido pelos seus assinantes. O espaço físico do jornal está situado em uma *Maison Commune*, um espaço compartilhado entre diversas associações, no qual há escritórios e um ambiente comum para reuniões e celebrações. Os escritórios são pequenos, compartilhados por várias pessoas e não há climatização para o verão, conforme podemos observar na Figura 17.

Figura 17 – Sala de redação do jornal 1 do sul da França



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

A jornalista entrevistada (J5) nesse jornal é mulher, faixa etária entre 40 e 50 anos, e trabalha no jornal desde a sua criação em 2005. Atua em várias áreas do jornal ao mesmo tempo: capta pautas, elabora materiais e edita textos. Todos os profissionais desenvolvem suas pautas do começo ao fim em um trabalho independente e, ao mesmo tempo, colaborativo.

O segundo jornal que analisamos na região sul da França, Jornal 2, nos foi indicado pela jornalista J5 durante a *soirée*¹⁴ de apoio ao Jornal 1 realizada na *Maison Commune*. Não tivemos a oportunidade de visitar a sede física desse jornal, entretanto pudemos observar atentamente o trabalho realizado pelo jornalista responsável durante a cobertura da *soirée*, o

¹⁴ *Soirées* são festas de pequeno porte populares na França, são oferecidas por pessoas ou entidades e, no caso dos jornais, com o propósito de angariar fundos.

que proporcionou material suficiente para procedermos a entrevista. O Jornal 2 também organiza soirées de apoio com frequência, seja para angariar fundos ou para debater sobre os temas pautados pelo jornal com a comunidade, conforme verificamos na Figura 18.

Figura 18 – Organização de uma *soirée* realizada pelo Jornal 2



Fonte: Acervo do jornal 2 (2022)

O Jornal 2 localiza-se em uma cidade maior, com cerca de 300 mil habitantes, situada a cerca de 200km de Marselha. Selecionamos esse jornal por entender seu compromisso com a imprensa local livre, focada no cotidiano dos habitantes de sua área de abrangência, o que permite ter um formato semelhante aos dois outros jornais franceses analisados neste estudo.

O jornal é elaborado essencialmente pelo jornalista entrevistado (J6), que possui talento para as ilustrações e torna o jornal mais acessível e expressivo por meio delas. O profissional dispõe de colaboradores eventuais, mas destaca que a dificuldade financeira é a principal barreira para o jornalismo local, pois não há publicidade e o sustento do periódico se dá exclusivamente pelas doações, assinaturas e vendas em feiras e eventos na região. Veremos como os jornalistas significam essas dramáticas nas próximas seções.

6.4 JORNALISTAS FRANCESES: CONCILIANDO VALORES E OBRIGAÇÕES

Esta seção segue a mesma estrutura apresentada em 6.2, aplicando o mesmo esquema teórico metodológico para analisar os mesmos tópicos que foram abordados no discurso dos jornalistas brasileiros agora no discurso dos jornalistas franceses. As entrevistas originais foram realizadas em francês e os excertos utilizados ao longo da análise foram traduzidos

para o português pela própria pesquisadora e transcritos pelo método NURC apresentado na metodologia. A versão original das entrevistas em francês encontra-se no Apêndice b.

6.4.1 Tensões entre o prescrito e o real: os valores acima das dificuldades

O jornalismo independente nasce das tensões entre o prescrito e o real que são relativamente comuns no mercado midiático: o jornalismo preocupado com a sociedade sempre em tensão com os interesses econômicos. Com esse espaço limitado para o jornalista expressar suas visões sobre o periódico e o tipo de jornalismo que está fazendo, os profissionais começaram a procurar alternativas, pois “se você no lugar de abrir a boca, se você realmente fizesse, você, seu negócio próprio, se você não conseguiu mudar o ((nome do jornal)) por dentro, tudo bem vai e faz seu próprio negócio” (J4). Os jornalistas franceses entrevistados revelaram, por meio de um EUE semelhante, que compartilham a insatisfação com a mídia tradicional e, portanto, decidiram fundar e gerenciar seus próprios jornais, assim “a gente não tem patrão” (J5) e “é a nossa empresa e fazemos o que queremos, o que achamos bom” (J4). O EUE enunciou uma modalidade de possibilidade interna, ou seja, esse poder fazer só depende do locutor (Charaudeau, 2016), de seus valores enquanto jornalista independente. EUC estruturou seu discurso em uma visada de informação, na qual EUE quer fazer TUD saber como e porque surgiram esses periódicos.

Esse desejo de construir algo diferente passa pelo histórico e experiência do corpo-si, que o leva a movimentar seus valores sobre o que seria vivível em situação de trabalho. J4 manifestou esses valores em uma modalidade de recusa (Charaudeau, 2016) quando enunciou: “Eu não me via indo trabalhar em outro jornal, a única solução era criarmos nosso próprio jornal” (J4). Nesse sentido, EUC viu a criação de um novo periódico como única alternativa para alinhar sua atividade de trabalho aos seus valores. Mas o trabalho real supera as prescrições e perspectivas do trabalhador quando EUC (J4) reconheceu o trabalho prescrito mediante um EUE que enunciou uma modalidade de saber, “a gente sabia que ia ser difícil” (J4). Em sequência, EUE seguiu evidenciando o vazio de normas por meio de uma modalidade de ignorância, “a gente não imaginava que seria tão difícil” (J4), porque, segundo Schwartz e Durrive (2015, p. 36), “essas normas, que são importantes, pesadas, mutilantes, não são nem por isso suficientes”, cada ser humano em atividade de trabalho vai se renormalizar tal atividade de uma maneira particular e específica, a fim de entender onde e como aquela norma antecedente não é mais cabível ao contexto vivenciado.

O vazio de normas, no caso de J4, estava relacionado aos diferentes saberes necessários para criar um jornal, mesmo que ele dominasse uma grande gama de

conhecimentos advindos de vários anos de trabalho como jornalista, colocar tudo isso em prática em um periódico predominantemente digital exigiu maestria do terceiro ingrediente da competência (Schwartz; Durrive, 2010): verificar em que essa nova situação de trabalho é típica e em que ela é singular. É o espaço “onde a gente controla toda a cadeia produtiva onde a gente aprende coisas que a gente não sabe” (J4), EUE sinaliza um desconforto, uma dramática do uso de si (Schwartz; Durrive, 2010), ao esticar os limites do corpo-si e dos saberes para atender aos valores. A ação manifesta por EUE na modalidade de querer é uma exigência para consigo mesmo de EUC, enunciada por EUE em “a vontade de empreender, de montar um projeto de A a Z” (J4), que leva EUC a se empenhar mais para corporificar seu querer através da ação, ou seja, por meio do agir J4 colocou seus valores em prática, expandiu seus saberes para que fosse possível atender a sua própria exigência.

Essa extensão dos saberes se verifica quando J4 identificou os novos conhecimentos que precisou dominar: “como a gente faz para montar um site, fazer um site diferente dos outros, como dominar as questões de desenvolvimento, desenvolvimento web, marketing, aprender coisas novas” (J4). Em um jornal inteiramente criado pelo jornalista não era mais suficiente manejar apenas os contratos de comunicação típicos do mundo jornalístico, tais como estabelecer pautas com os colegas, desenvolver entrevistas com as fontes etc., era preciso agir além e colocar o corpo-si em situações de desconforto, mas nesse caso a dramática foi positiva, a “história que não estava prevista na partida” (Schwartz; Durrive, 2015, p. 38) levou ao crescimento e alcance de objetivos.

Existe uma linha muito tênue entre o que é saudável, vivível (Schwartz, 2014), no trabalho e o que ultrapassa os limites do corpo-si. Vimos que criar uma empresa nova exige conhecimentos que vão além da atividade fim de tal empresa, ao criar um jornal é preciso pensar no conteúdo, naquilo que é geralmente idealizado pelos jornalistas, e pensar nas tarefas administrativas e financeiras necessárias para que o periódico se desenvolva. Para isso, o domínio do sexto ingrediente do agir em competência (Schwartz; Durrive, 2010) é imprescindível: saber trabalhar em equipe, gerenciar o uso de si por si e pelos outros.

No caso de J5, a distância física entre os membros do jornal ocasiona tensões, as quais o EUE manifesta em uma modalidade de opinião (Charaudeau, 2016) ao enunciar “os que estão aqui às vezes temos a impressão de fazer mais que depende mais de nós, que os outros estão mais desligados da vida da empresa, que se esquecem das coisas enfim” (J5). EUC se viu diante de uma grande carga de trabalho imposta por toda a cadeia de funcionamento da empresa, o que a levou a fazer essa suposição. O jornal não possui uma cadeia estrutural hierárquica, “os poderes são compartilhados, em todo caso todas as grandes

decisões são tomadas em nossas reuniões” (J5), ou seja, as decisões são baseadas no diálogo da equipe, “a gente sempre tenta ser bem flexível em relação ao que o outro quer” (J5), manifestando o desejo de união. A solução dos conflitos também passa por esse caminho:

“eu em um determinado momento eu um pouco eu gritei um pouco porque justamente eles vieram para o fechamento, então eles chegaram segunda ou terça fizemos as reuniões quarta e quinta e quarta à tarde eles já queriam ir embora, tínhamos feito as coisas a todo vapor, não havia mais momentos de prazer também para estarmos juntos e então estávamos fazendo as coisas muito rápido, então foi a certa altura aqui eu disse que enfim eu disse a eles que o cursor estava muito no lado individual de fato e que estávamos perdendo o coletivo, então é o tempo todo que você tem que ajustar o tempo todo e às vezes bem também cria tensão porque nem todos tem a mesma noção de até onde o coletivo deve ir” (J5).

Gerir um jornal e garantir que todos os processos sejam bem executados, desde a coleta de dados com entrevistados até a entrega do produto final para os assinantes, demandam uma carga de trabalho e responsabilidades que quando partilhadas podem causar desentendimentos. O corpo-si busca a economia de energia (Schwartz; Durrive, 2010) e o equilíbrio no uso de si pelos outros conforme o sexto ingrediente do agir em competência, de forma que não prejudique sua atividade e sua vida, ao mesmo tempo em que se estabelece um contrato de comunicação entre indivíduos que tem a mesma finalidade (Charaudeau, 2016): produzir e entregar o jornal.

A situação de comunicação descrita por J5 evidencia um insucesso no contrato de comunicação: a falta de hierarquia não permitiria que EUc manifestasse uma visada de prescrição, na qual ordenaria TUd a agir em conjunto, pois “para que um ato de linguagem seja válido (...) é necessário que os parceiros reconheçam, um ao outro, o direito à fala” (Charaudeau, 2005, np). TUi não reconhece o direito de EUc de mandar-fazer, portanto o espaço de manobra restante para EUc foi deslocado para uma visada de incitação, na qual EUe falha em persuadir TUd a agir em conjunto. O TUi encontrado nessa situação não se identificou com o TUd imaginado por EUc, pois não acredita que será beneficiado pelo ato proposto por EUe (Charaudeau, 2004).

A partilha de responsabilidades entre aqueles que residem na sede do jornal e os demais que trabalham de outros lugares segue o contrato de comunicação que visa a sua motivação comum, todavia quando uma parte do grupo não adere a esse contrato, a outra parte – representada por J5 – precisa entrar com o processo de regulação (Charaudeau, 2016), estabelecendo estratégias discursivas supracitadas para que o ato de linguagem chegue a uma conclusão sem ser interrompido e o grupo possa alcançar a finalidade estabelecida. Nesse processo de regulação, J5 adota uma estratégia discursiva ao gritar com seus colegas, ela

quer redirecioná-los para o propósito inicial do encontro e o faz por meio de um ato de linguagem exacerbado, visando a recuperar a influência que tinha naquele contrato de comunicação e levar os demais parceiros a agirem da maneira programada.

A escolha do tom de voz (gritar) na estratégia discursiva adotada por J5 diz muito sobre a atividade de trabalho em um jornal de pequeno porte, onde há uma carga de trabalho muito grande para cada um dos membros. A motivação em comum dos indivíduos sob o referido contrato de comunicação enfraqueceu ante a quantidade de trabalho, que não permitiu a economia do corpo-si, transformando-se em uma atividade insustentável. Lembrar e retornar ao objetivo é uma tarefa árdua, o que levou J5 a exacerbar-se, pois é difícil controlar as emoções em uma situação em que o corpo-si é distendido até seus limites.

Embora J5 tenha relatado uma situação extrema, na qual o excesso de trabalho e o cansaço levaram os jornalistas a questionar seus objetivos, esses fatores também estão presentes para J6, que relatou não ser possível cumprir os prazos: “diremos que tentamos no dia 15 do mês ter os artigos, geralmente sempre atrasam”, vemos aí uma discrepância entre a necessidade do jornal e aquilo que os jornalistas podem oferecer. Mesmo que o jornal de J6 tenha periodicidade mensal, o material é aprofundado e muitas matérias requerem semanas de pesquisa e contato com diferentes fontes.

Colocar um jornal em circulação vai muito além daquilo que seria a atividade de trabalho de um jornalista em um periódico tradicional, pois evidencia dramáticas que o colocam permanentemente em confronto com os mais diversos desafios (Schwartz; Durrive, 2015). “É complicado porque não há realmente um dia típico” (J6), o trabalhador realiza diversas tarefas ao mesmo tempo: enquanto edita as reportagens, verifica e-mails em busca de novas pautas, debate com os colegas sobre as informações atuais, atualiza o cadastro dos assinantes, busca novas assinaturas, enfim, desempenha tarefas de toda uma equipe, ao mesmo tempo, sozinho, valendo-se apenas de parceiros esporádicos, em uma realidade que desafia até o mais competente dos profissionais. J6 trata disso de acordo com o seu espaço, sua singularidade, seus valores, ele pode antecipar certas frações da atividade, mas essas nunca serão perfeitamente descritíveis, dependerão de como ele fará uso de si em cada situação (Schwartz; Durrive, 2015).

Se o profissional precisa exercer várias atividades da produção e distribuição do jornal ao mesmo tempo, as pressões dessas diferentes áreas também se acumulam. E “uma questão, mas que é comum a toda a imprensa independente, é como arranjar o dinheiro, por isso a reflexão também em tentar arranjar subsídios” (J6), talvez esse seja o principal desafio da imprensa local e independente, pois fazer jornalismo desconectado da publicidade implica

a busca por fontes alternativas de renda. Os periódicos franceses se valem especialmente das assinaturas, as quais necessitam de monitoramento constante “porque não temos pagamento automático, uma vez que a assinatura expirou após um ano, as pessoas devem ser lembradas” (J6), ou seja, todos os meses os jornalistas precisam analisar quais são as assinaturas expiradas e contatar seus assinantes para renovação.

J4 trabalha em um jornal um pouco maior e elabora seu discurso com a finalidade de destacar a dificuldade de captação de assinantes, o EUE faz isso por meio de uma modalidade de obrigação interna de ordem utilitária (Charaudeau, 2016), “tínhamos que subir para 13.000, hoje estamos em 11.000, então mal estamos em equilíbrio financeiro” (J4). Seu projeto de fazer se justifica pela necessidade de cumprir as obrigações financeiras do jornal, o agir é permeado pela obrigação, pois não pode colocar em prática seu objetivo se esse critério não for satisfeito.

A situação financeira do jornal impacta em todos os outros setores e o trabalho real não se estabelece conforme o planejamento: “Pensávamos que ao fim de três anos seríamos uma equipe de 25 jornalistas e na verdade hoje somos 12, porque é difícil” (J4). Quando a suposição de J4 provou-se equivocada, reafirmamos que o fator comercial é um ponto chave a ser pensado pelos profissionais. Seria algo posto no trabalho prescrito, “para que esse trabalho pudesse se operar nas condições economicamente satisfatórias, era preciso que houvesse uma punção da pessoa sobre ela mesma, o que chamo de uso de si por si” (Schwartz; Durrive, 2015, p. 32), todavia essa prescrição não se prova eficaz quando em situação de trabalho real: “não tivemos muito tempo para dedicar a essas questões, mas é isso, também faz parte das coisas que fazemos tentar buscar apoio financeiro” (J6). O trabalho real precisa equilibrar o tempo exíguo para atender a todas as demandas, a questão financeira não recebe todo o uso de si necessário para que o jornal funcione de maneira menos tensa, atingir o equilíbrio das contas já é uma vitória.

Isso repercute diretamente na qualidade de vida dos jornalistas, pois “jornal pequeno significa salário pequeno” (J5). Essa constatação se reflete na escolha dos jornalistas desse periódico por localizar a redação do jornal em uma cidade pequena, economicamente mais vantajosa, EUC (J5) adota uma visada de demonstração (Charaudeau, 2004) quando EUE enuncia: “com nossos salários não conseguiríamos viver em Paris, então aqui comemos bem (...) conseguimos viver melhor com salários pequenos” (J5), destacando que esse equilíbrio “é importante para a economia do jornal” (J5). EUE quer estabelecer uma verdade e comprová-la para TUD, justificando que a alternativa ainda é compensatória mesmo que em uma cidade pequena o alcance de público também seja menor, ainda que trabalhando

conteúdos locais e nacionais como faz o jornal de J5. Logo, quanto menor o custo de vida dos profissionais, mais investimentos podem ser feitos com as verbas arrecadadas.

A migração para o on-line também é um fator de economia importante, pois diminui os gastos com impressão. O crescimento da internet tornou viável a publicação e disseminação de jornais independentes, que passaram a ter maior alcance mesmo localizados em pequenas cidades no interior do país, como no caso do jornal de J5. Todos os jornais analisados nesse estudo possuem uma versão on-line e uma versão impressa, conforme destacamos na contextualização, e a tendência do mercado tecnológico atual aponta para o desenvolvimento ainda maior da versão digital.

Há um impacto positivo considerável no que diz respeito ao alcance e divulgação dos jornais, entretanto isso não se traduz da mesma forma no trabalho dos jornalistas, que “passa muito pela internet, pois não temos um lugar onde possamos nos encontrar” (J6). Assim emergem novos vazios de normas que precisam ser supridos pelos profissionais, afinal “é pesado na verdade ter que se comunicar pela internet as vezes pode criar desentendimentos” (J5), e essa obrigação externa, enunciada por EUE, que impede a presença de todos os jornalistas no mesmo ambiente físico, torna as relações laborais e sociais mais difíceis.

Os contratos de comunicação estabelecidos à distância sofrem mais influência do meio no qual a mensagem é transmitida, pois um contrato de comunicação pode se realizar de diversas formas e o dispositivo – a materialidade da *mise-en-scène*, seja ela falada, escrita, digital etc. (Charaudeau, 2004) – é o responsável por essas variantes no interior de um mesmo contrato (Charaudeau, 2018). A troca entre os parceiros do contrato não terá a mesma clareza ao ser realizada pela internet, pois sinais sutis de linguagem corporal se perdem durante o processo e o ato de linguagem está muito mais sujeito a empecilhos externos, como funcionamento de aplicativos, qualidade de conexão etc. Nesse sentido, o crescimento do alcance do jornal se dá às custas das relações interpessoais entre os jornalistas, o que pode ocasionar a queda de rendimento dos profissionais e os obriga a desafiar seus saberes constantemente, como veremos no próximo tópico.

6.4.2 Formas de construir saberes que vão além das palavras

O campo do jornalismo é muito vasto e demanda saberes constituídos e investidos que vêm de diferentes fontes. Os saberes acadêmicos dos jornalistas franceses são provenientes de duas fontes principais: dos cursos de graduação tradicionais, realizados em ambiente universitário, ou dos cursos técnicos, promovidos em escolas públicas ou

particulares. Geralmente, os jornalistas franceses cursam uma graduação como ciências sociais, ciências políticas ou até mesmo história para em seguida se especializarem em jornalismo por meio de cursos técnicos ou mestrados. A relevância desses saberes acadêmicos diverge de profissional para profissional, dependendo da experiência pessoal e das expectativas que cada indivíduo projetou no curso. J5 fez um curso técnico em jornalismo em um IUT (*Institut Universitaire de Technologie*): “é um curso de 2 anos onde é muito prático e tem muitos estágios” (J5), com isso, ela complementou sua formação acadêmica inicial em história para atuar como jornalista.

Os dois cursos – graduação e técnico – caminham juntos para uma formação completa e a ordem em que são cursados pode ter impactos diferentes na percepção do profissional. Enquanto J5 informou estar satisfeita com seu curso técnico, J6 expressou o contrário mediante uma modalidade de opinião: “meu diploma profissional da escola de jornalismo, para mim não foi muito interessante, porque são escolas que são particulares ou semiprivadas, que são caras e que formam somente para a técnica” (J6). Observamos uma falha no contrato de comunicação estabelecido entre o profissional e a capacitação, EUE mencionou aprender “falar em um microfone, editar, saber filmar etc.” (J6), enfatizando que EUC esperava mais, pois a escola não oferecia “nenhuma forma de pensar, nenhuma ficha de leitura, nenhum acesso ao conhecimento universitário” (J6). Os enunciados de EUE apontam a frustração de EUC em relação às expectativas que foram depositadas no curso.

Após essa frustração inicial com o conhecimento passado pelo curso técnico, J6 procurou outras formas de suprir sua demanda por formação acadêmica. EUE revelou a convicção de EUC em encontrar as bases que procurava no curso de ciências sociais: “a universidade sim isso foi importante, porque finalmente me deu uma lógica de pensamento, que é fundamentada... que era além de tudo científica, já que as ciências sociais também são uma ciência” (J6). Em uma visada de demonstração (Charaudeau, 2004), EUC constrói um EUE voltado à enfatizar a importância do pensamento científico para a profissão, o que identifica que EUC valoriza os saberes acadêmicos e busca uma formação que seja significativa para o trabalho e a vida. É o equilíbrio entre o pessoal e o profissional que faz valor para J6, pois “uma vez que a gente tem essa formação, bem depois a gente poderia, a gente vai dizer por toda a nossa vida, temos uma maneira de pensar que fica registrada” (J6). Essa modalidade de possibilidade interna expressa um poder fazer que serve para a integralidade do ser humano, que vai além dos propósitos mercantis, movendo o terceiro polo do DD3P (Trinquet, 2010) a fim de colocar em diálogo os saberes constituídos e investidos e fornecer as bases para buscar o máximo de eficiência.

O pensamento crítico-científico é basilar no jornalismo por se tratar de uma profissão que requer um amplo conhecimento intelectual, a fim de abordar diferentes assuntos e conceitos nas informações transmitidas. Embora o jornalista realize entrevistas com especialistas para embasar suas reportagens, ele ainda carece de conhecimento suficiente da área em questão a fim de complementar seus textos. Schwartz e Durrive (2010) explicam que sempre há um vazio de normas a ser preenchido pelo trabalhador e, no caso do jornalista, esse vazio de normas muitas vezes se manifesta na falta de informações sobre um tema após já ter sido realizada a entrevista principal; em outros termos, o jornalista precisa procurar fontes alternativas para suprir esse espaço, seja em mais entrevistas, na internet, por meio de outros jornais etc. Isso eleva a relevância do terceiro polo do DD3P (Trinquet, 2010), pois é a bagagem formada pelos conhecimentos constituídos e investidos que vai permitir que o profissional encontre as melhores formas de fornecer informação de qualidade para seu público e, portanto, necessita elaborar os meios e as disposições para encontrar as melhores soluções em prol de seu público.

Em conjunto com o pensamento crítico, o jornalista toma consciência de seus valores, das coisas que são importantes para ele enquanto profissional e ser humano. Na mídia local e independente, constatamos uma forte ligação política dos jornalistas, que se dá por meio da prática diária e de conhecimentos complementares: “o conhecimento do dia a dia, bom enfim tem uma continuidade com a minha formação estudantil, ou seja pelas minhas leituras aqui eu leio muito muitos ensaios políticos” (J6) e, assim, esses profissionais buscam ocupar seus espaços sociais. Como exemplo, J5 evidenciou o incentivo público voltado à educação midiática mediante um EUE que manifestou uma modalidade elocutiva de opinião em “porque na verdade a mídia educação tem muito financiamento público e tem uma questão para a gente é toda essa mídia independente estar lá também” (J5). EUC quis evidenciar que a participação da mídia independente implicaria na divulgação de suas práticas, de seus valores, para os mais jovens, mostrando que “não são só os grandes de fato que formam os jovens enfim que educam os jovens nas suas mídias e no seu jeito de fazer” (J5). Nessa visada de demonstração (Charaudeau, 2004), EUE quer mostrar a TUD que a difusão do conhecimento da mídia local e independente por meio de ações de educação midiática auxilia a garantir a preservação e expansão dos valores desses meios, desses profissionais, oferecendo alternativas aos meios de comunicação tradicionais.

Se por um lado os saberes acadêmicos fortaleceram (e fortalecem) o pensamento crítico dos jornalistas, por outro lado, os saberes investidos, o conhecimento do dia a dia, fortaleceram e fortalecem os valores desses profissionais. É a vida acontecendo enquanto o

trabalho salienta as convicções dos profissionais, sendo que a modalidade elocutiva de opinião mostra que o jornalista vê isso por meio da prática: “É isso que a gente não ensina na universidade, mas aprendi muita coisa com esse jornal, pela prática” (J6). E Ue busca fazer-saber – visada de informação (Chraudeau, 2004) – que esses saberes investidos vão além do trabalho visível dos jornalistas, das reportagens e do jornal pronto para o público, considerando que eles estão nas “formas democráticas de discutir entre nós, formas de organizar eventos que sejam as mais respeitadas aos nossos valores, formas de sim até de nos comportarmos” (J6). É por meio dessa junção de saberes e valores que os jornalistas independentes chegam “o mais próximo possível ao que estamos defendendo” (J6). Na práxis cotidiana, essa relação torna-se possível e se manifesta no trabalho, pois “se aprende fazendo as coisas, simplesmente” (J6).

O fazer jornalístico, a união do trabalhar com o ser, escapa ao domínio das palavras, como manifestado por J4 na modalidade de ignorância (Charaudeau, 2016), “não sei bem o que é ser jornalista” (J4). É nesse ponto que precisamos recorrer ao discurso como um todo para captar o sentido que vai além do dito, como o jornalista converte o mundo a significar em mundo significado no processo de transformação (Charaudeau, 2005). O não saber de J4 é seguido pela constatação, “mas para mim é ser curioso, apenas ser curioso sobre tudo” (J4), que revela um saber fortemente atrelado a um valor confirmado na modalidade de opinião: “Eu sinto que poderia fazer uma série jornalística sobre o que está acontecendo nessa cidade e fazer 200 episódios apenas sobre a vida nesta rua” (J4). E Uc não sabe definir o ser jornalista de acordo com algum padrão socialmente instituído, mas é capaz de significar o termo a seu modo, de acordo com suas vivências, que para ele representaria o ser capaz de contar histórias, investigar, desdobrar o que é corriqueiro em algo pertinente para a comunidade e mostrar ângulos inexplorados: “Esse é o único termo que encontrei quando se fala muito sobre isso: Poder, isso soa muito bem nesse tópico” (J4), quer dizer, o jornalista – E Uc – pode fazer isso, pode explorar e significar o cotidiano para usar como moeda de troca no processo de transação (Charaudeau, 2005) com um TUi e faz isso por meio de suas histórias, de suas reportagens, que se traduzem em um dos valores mais importantes da profissão.

6.4.3 Dicotomias sobre um futuro digital e incerto

O processo de digitalização dos jornais se desenvolve de maneiras diversas, enquanto o jornal de Paris tem presença prioritariamente on-line e usa o impresso como suporte extra, verificamos o contrário no sul da França, onde o digital ainda está em fase de implantação, “então a gente tem um site sim, que é acima de tudo um suporte para a assinatura ((do jornal

impresso))” (J6). A estratégia discursiva de EUc estava voltada para minimizar a importância das plataformas digitais quando EUe defendeu utilizá-las apenas como suporte para a versão impressa do periódico. Essa afirmação colocou a transição para o digital como um debate de normas: J6 foi confrontado com a digitalização e precisou encará-la como um destino a ser vivido, uma tendência/obrigação que precisava ser (re)normalizada (Schwartz; Durrive, 2015), porque as plataformas digitais são relativamente novas em relação ao jornalismo impresso. Schwartz e Durrive (2015, p. 40) destacam que na atividade de trabalho “ou bem se faz exatamente como estava previsto, ou bem se desloca”, mas no jornalismo digital ainda não há nada exatamente previsto, tudo continua em constante deslocamento.

Esse intenso debate de normas enfrentado pelos jornalistas faz com que a digitalização – que ainda está traçando as normas que serão parte de seu histórico – encare alguma resistência, pois “está começando devagar e não estamos, ainda não estamos muito desenvolvidos, na verdade é complicado” (J5). Nessa declaração afirmativa vemos a dificuldade de colocar em palavras todas as razões pelas quais o portal não está completamente implementado, pois segundo Schwartz e Durrive (2015, p. 35), “recusamos usar as palavras que existem porque corremos o risco de cair numa armadilha dessas palavras”. EUc criou uma estratégia de comunicação na qual EUe resumiu as dramáticas enfrentadas pelo corpo-si no termo “é complicado”, desvendar o(s) significado(s) carregado(s) nesse enunciado nos leva a considerar o contexto da situação de comunicação, o qual permitiu asseverar que as significações possíveis estão voltadas para dificuldades principalmente financeiras e de pessoal.

Os custos de manutenção de um site na França giram em torno de 900 euros por mês, de acordo com o portal de transformação digital das empresas – France Num (2021), do governo francês. “Bem, é pesado na verdade montar um site pago” (J5), especialmente para meios de comunicação independentes, pois eles não dispõem de verbas advindas de publicidade para custear seu funcionamento, “estamos constantemente em campanha, salvemos” (J4). EUc quis demonstrar a pressão que sofre para arrecadar assinantes na modalidade elocutiva de obrigação manifestada por EUe em: “Precisamos de mais 1000 inscritos senão fechamos, e assim sucessivamente” (J4). Essa expectativa de EUc com a ato de linguagem está inscrita em uma visada de demonstração (Charaudeau, 2004), na qual pretendeu enfatizar as dificuldades financeiras do periódico. Essas dificuldades se potencializaram na versão digital do jornal, conforme EUe (J6) mostrou as provas da visada de demonstração no enunciado: “na internet é de graça e como eu disse é mais uma vitrine, um suporte para o jornal impresso” (J6), ou seja, justificou que 900 euros por mês gera um impacto

considerável nas contas do periódico, pois os valores arrecadados com assinaturas e eventos precisam suprir toda a demanda financeira do veículo, incluindo salário dos trabalhadores.

EUC permaneceu com a estratégia discursiva descrita na visada de demonstração (Charaudeau 2004), defendendo que jornais independentes recebem pouco incentivo financeiro estatal: “o governo que hoje está adiando a implementação de ajudas ao pluralismo” (J4), EUE ainda mostrou provas enfatizando que há financiamento para os grandes veículos de mídia: “Eles alimentam amplamente a ((nomes de grandes jornais)) não há razão para que não possam ajudar a mídia independente também” (J4). Nesse enunciado, o EUE ainda justifica a redistribuição dos valores dedicados ao incentivo à mídia na França, os quais auxiliariam no crescimento e na manutenção dos jornais de pequeno porte, que são maioria. A estratégia discursiva supracitada estava em defesa do pluralismo de opiniões e periódicos, que se configurou em um dos valores de EUC, expostos por EUE na modalidade de opinião: “porque eu, eu acho que também é papel do Estado assegurar o pluralismo, garantir o pluralismo da imprensa e permitir que existam diferentes meios de comunicação como ele faz com a mídia impressa” (J4). Nesse enunciado, EUC parece querer resguardar a sobrevivência dos periódicos independentes e, conseqüentemente, do pluralismo da mídia francesa, os quais passam pelo aporte financeiro, especialmente o estatal.

As restrições econômicas acarretam na carência de pessoal disponível nos periódicos, pois não é possível manter uma equipe muito grande, com tarefas separadas, então EUC aciona uma visada de informação, na qual EUE quer fazer-saber que manter um meio impresso e um digital “é pesado para uma estrutura pequena como a nossa” (J5). Sendo assim, essa transformação ainda não é prioridade para o jornal, “no momento ainda estamos um pouco sobrecarregados com as questões técnicas e tudo mais, então vamos devagar” (J5). Ir devagar na digitalização vai além da mobilização de saberes, é uma escolha que implica um mundo de valores, uma tomada de posição que renega a neutralidade (Durrive, 2011).

A escolha por não ter uma presença on-line tão forte diz muito sobre a relação de proximidade desenvolvida entre um periódico local e independente e sua comunidade. “Eu finalmente acho que a informação na internet não é suficiente, não funciona e eu adoro isso aqui, adoro imaginar outras mídias” (J5); nessa modalidade elocutiva de apreciação, EUE confirmou “a presença de valores que possibilitam as escolhas” (Schwartz, 2014, p. 263) de EUC, valores relativos ao contato fisicamente próximo com o público, algo que é impossibilitado pela internet. Essa sensação de pertencimento a uma comunidade agiu na forma como os profissionais semiotizaram o mundo e fizeram dele um objeto de troca com outros sujeitos, mesmo que houvesse liberdade para significar o mundo da maneira julgada

mais pertinente, essa foi uma liberdade vigiada, pois estava intimamente ligada a função social que o processo de transformação exerceu durante o processo de transação (Charaudeau, 2005). No caso da atividade de trabalho dos jornalistas, o mundo significado auxiliou a transformar o trabalho em patrimônio e reafirmou o quarto ingrediente da competência, ligado à relação das pessoas com o meio e com os outros indivíduos (Schwartz, 1998).

Os princípios adotados no processo de transação, em se tratando de um jornal localizado em uma comunidade pequena, diminuíram o impacto do principal diferencial da internet: a facilidade de acesso ao conteúdo, pois, nesse contexto, outras formas de divulgação de informações talvez fossem mais efetivas. “Nós fizemos um jornal que imprimimos em A3 colamos na parede e de fato funciona as pessoas vão ler quando você colar nas paredes” (J5), o contexto discursivo desse enunciado expôs os fatores implícitos do ato de linguagem e permitiu inferir que o EUE refletiu os valores do EUC quando escolheu destacar um meio de transmissão de informação que aproxima o jornalista de seu público, porque “viver é escolher, decidir entre muitas maneiras de se fazer certas coisas, em referência a um mundo de valores” (Durrive, 2011, p. 53). Esse posicionamento está de acordo com os preceitos do jornalismo independente, o qual opta por viver fora da lógica mercantil adotada pelos periódicos tradicionais e prioriza as necessidades informativas da comunidade.

Priorizar o jornalismo cidadão e promover a educação para a mídia são valores que fazem mais sentido para os meios independentes do que ter um grande alcance. EUC (J5) compartilha dessa ideia e sintetizou sua experiência na modalidade elocutiva de apreciação manifestada por EUE: “gosto muito do encontro entre jornalismo e educação popular, na verdade acho superinteressante e que há muitas coisas para fazer desta forma”. Os jornalistas independentes fazem isso porque – ou mesmo que – essa “não é a tendência dominante” (J5), não está alinhada ao jornalismo tradicional estritamente vinculado e dependente da publicidade. Durrive (2011, p. 49) destaca que “cada um tende a renormalizar, a fazer sua a norma que antecipa e ajusta seu agir, a fim de se manter – mesmo que seja pouco – na origem do ‘uso de si’, mesmo se conformando com a demanda que lhe é posta”. No enunciado supracitado, EUE revelou uma preferência de EUC, uma maneira como renormaliza sua atividade para que esteja adequada ao seu mundo de valores e ao que é possível de ser vivido, sem deixar de considerar as demandas econômicas e sociais advindas da profissão.

Os valores do jornalismo independente estão mais alinhados ao bem-estar social do que às questões mercadológicas, entretanto a configuração mundial atual (macro) não

permite que eles sobrevivam exclusivamente dedicados a esses valores. O debate de normas “é reiterado no confronto entre o que tem valor para os outros e o que tem valor para uma determinada pessoa em um momento dado” (Durrive, 2011, p. 53-54), a exemplo da transformação digital, mesmo que os jornalistas resistam em ingressar nesse mundo, ele se torna indispensável e impõe suas ferramentas, conforme verificamos nas pistas discursivas: “também estamos nas redes sociais mesmo se a maioria das pessoas na equipe editorial não está lá pessoalmente ou não vai muito lá, portanto, no início, não queríamos realmente investir nesse terreno lá, mas bem, é um pouco obrigatório” (J6) e “estamos lá porque temos que estar lá, mas não é mas não é uma coisa na qual nós temos, nós temos realmente vontade de investir o tempo” (J6). EUE evidenciou nas modalidades elocutivas de obrigação que EUC não pode agir em sua profissão apenas de acordo com suas percepções, há a necessidade de considerar o macro da vida social cristalizada que se incorpora na atividade de trabalho (Schwartz, 2011). O contexto social de EUC se encaixa no contexto discursivo de EUE na ênfase de que a presença digital é determinante para que o periódico se mantenha em atividade, mesmo a contragosto dos profissionais.

Mesmo que os jornalistas sejam livres para agir de acordo com seus saberes e valores, “obedecendo à norma sem renunciar a investir nela subjetivamente” (Durrive, 2011, p. 50), o que faz com que possam estar nas redes “não muito ativos” (J6) e sem “uma comunidade enorme” (J6), essa não deixa de ser uma liberdade vigiada (Charaudeau, 2016), as configurações sociais vigentes determinam qual o limite aceitável. “Eu quero imaginar que não seremos informados apenas pelo telefone e que de qualquer maneira há outra necessidade, mesmo que, mesmo que seja a prática dominante de fato” (J5). Nessa modalidade elocutiva de querer, EUE expressou um anseio de EUC (J5), mostrando que seu agir é restrito por essas prescrições sociais, mesmo que J5 quisesse acreditar que há alternativas para a internet, essa continua sendo a prática dominante e qualquer mudança nesse cenário depende de toda a sociedade. Entretanto, o discurso de EUE (J5) na modalidade elocutiva de opinião: “acho que todo mundo tem outra necessidade, mesmo que a gente não perceba agora” (J5), apontou que EUC não deixou de defender seus valores, eles estão enraizados no corpo-si e são capazes de sustentar-se ao longo do tempo e esperar por uma conjuntura mais favorável.

Enquanto isso, resta aos jornalistas a adaptação: “a internet de momento é isso, está à margem, mas bem dizemos a nós mesmos que não vamos conseguir escapar dela” (J5). O enunciado de EUE (J5) não diz respeito apenas a ela, o emprego do pronome “nós” implica que os jornalistas precisam trabalhar em conjunto para mobilizar novos saberes e colocar em

prática o modelo digital. Essa aquisição de saberes já faz parte do cotidiano de J5 e seus colegas: “no mês passado foi uma formação para que a gente coloque... que todos nós sejamos capazes, todos os jornalistas, de colocar artigos online e então vai ser para colocar artigos online e tentar pensar na regularidade das publicações” (J5). Essa capacitação garante saberes constituídos, em desaderência com a atividade, relativos às questões técnicas próprias do mundo digital e de tópicos mais subjetivos, como a escolha de temáticas a serem abordadas em cada plataforma. Tal gama de conhecimentos se transformará em saberes investidos ao longo do curso natural da atividade, quando os profissionais os confrontarão com o trabalho real e formarão novos saberes em aderência (Durrive, 2011).

Os saberes acadêmicos têm grande relevância no período de adaptação inicial a uma nova forma de fazer, por exemplo, os jornalistas precisam saber que a separação das pautas é influenciada pelo dispositivo que será utilizado para veiculá-las, pois nem todos os conteúdos se adaptam com facilidade a diferentes formatos: “um relatório de manifesto não é muito interessante, por outro lado, ir fazer algumas gravações de vídeo para depois colocar no site além disso permite que você seja mais reativo (...) então depende depende sobretudo do assunto como escolhemos a forma de tratá-lo” (J6). As referidas escolhas são fundamentais para a sobrevivência dos veículos de comunicação, dado que há uma grande concorrência na área, a qual muitas vezes se torna desleal.

Expressar as dificuldades do setor “é complicado porque tem muita mídia independente e tem pouquíssimas que vivem, que sobrevivem” (J4), novamente EUE utilizou a palavra “complicado” como forma de resumir os problemas enfrentados pela mídia independente. A situação de comunicação “estrutura o domínio de prática – que é sociologicamente vasto – em domínio de comunicação” (Charaudeau, 2004, np), nesse caso, a expressão remete especialmente para a concorrência com os grandes jornais tradicionais, que dispõem de diferentes fontes de renda, especialmente publicitárias e estatais. EUC (J4) manifesta uma visada de demonstração como estratégia discursiva para estabelecer que entende como essa concorrência funciona na sociedade; então EUE cita um exemplo como prova de que os grandes jornais possuem uma marca muito influente na comunidade:

“(o jornal) é legal, mas se eu não tenho mais dinheiro, se eu tiver que escolher entre minha assinatura do Le Monde e minha assinatura do ((nome do jornal)), eu mantenho a assinatura do Le Monde. E o que é normal porque é uma mídia que é uma grande mídia, que é uma boa mídia, que trata de todas as notícias. Para nós, o que temos a fazer é conseguir nos tornar indispensáveis” (J4).

EUc (J4) revelou um caminho que os jornais independentes precisam seguir: há a necessidade de estabelecer contratos de comunicação com seu público que sejam capazes de provarem seu valor para a sociedade e marcar a preferência frente concorrentes maiores. Entretanto, EUe destacou as dificuldades em seguir essa proposta por meio de uma modalidade elocutiva de opinião: “Mas o futuro é complicado para os meios de comunicação independentes, porque sei, não sei até que ponto, eu creio que na França somos um dos países onde há muitos meios de comunicação, pequenos meios que são criados assim” (J4). Diante desse cenário, tal dramática se une às outras anteriormente citadas tanto por jornalistas brasileiros quanto franceses, conforme veremos na próximo capítulo.

7 VOLTA AO MUNDO DOS JORNALISTAS: A PONTE QUE LIGA A ERGOLOGIA E A SEMIOLINGUÍSTICA

Vista deste coreto, do meu ângulo de defunto, a vida mais que nunca me parece um baile de máscaras. Ninguém usa (nem mesmo conhece direito) a sua face natural. Tendes um disfarce para cada ocasião. Cada um de vós selecionou sua fantasia para a Grande Festa.
Érico Veríssimo, em Incidente em Antares.

O jornalismo nunca foi uma atividade de trabalho fácil, imergir no mundo dos jornalistas que estão fora dos grandes meios de comunicação nos permitiu visualizar que existem maneiras diferentes de se conectar com o público e com a responsabilidade social intrínseca ao trabalho. “Os comunicadores têm um trabalho cujo material são os discursos e linguagens” (Figaro, 2011, p. 286) e nossas observações sistemáticas nas redações jornalísticas nos possibilitaram verificar o funcionamento da profissão e a função privilegiada da linguagem nessa atividade.

Entender uma profissão tão complexa e cercada de dramáticas que levam os jornalistas ao extremo de seus limites físicos e psicológicos exige adentrar-se naquela que é a principal fonte de sua atividade laboral: a linguagem como e no trabalho, por meio da qual contam histórias, sejam elas em forma de reportagem, sejam elas em forma de conversas cotidianas com os colegas de redação ou de outros jornais, ou ainda especificando suas próprias histórias nas entrevistas realizadas, que trataram da linguagem sobre trabalho. O fato é que o jornalista não faz apenas uso da linguagem, ela faz parte dele, pois “a comunicação é constitutiva do Ser social” (Figaro, 2019, p. 178), do corpo-si em todas as suas dimensões, conforme explicitado em Charaudeau (2016), que caracteriza o sujeito como ser social e ser de fala, em uma composição identitária na qual um complementa o outro.

Assim como o ser humano faz escolhas no trabalho (Schwartz, 2014), as quais são pautadas por escolhas discursivas na *mise-en-scène* (Charaudeau, 2016) em que o sujeito elabora em cada situação de comunicação. Por isso, quando analisamos a linguagem a fundo, considerando aspectos linguísticos, intradiscursivos, como a escolha de palavras, e extralinguístico (extradiscursivo), tal qual as circunstâncias do discurso, podemos acessar muito mais da atividade de trabalho dos jornalistas do que seria possível apenas analisando os enunciados isoladamente.

No Quadro 9, aplicamos a relação entre o modo enunciativo elocutivo e o triângulo da atividade, explicitado na seção 5.3 dos procedimentos metodológicos, e sintetizamos o tipo de modalidade, caracterizada pela categoria de língua como procedimento linguístico que enseja o procedimento discursivo na encenação do ato de linguagem, enunciada pelos

jornalistas ao longo de todas as análises que desenvolvemos no capítulo 6 deste trabalho. Por meio dessa modalização enunciativo-discursiva, tendo por base categorias de língua (Charaudeau, 2016) foi possível verificar e compreender como o dizer, o contexto subjetivo e o triângulo da atividade se relacionam:

Quadro 9 - Relação triângulo da atividade, modalidades e excertos das entrevistas

Triângulo da Atividade	Modalidade	Excerto
Agir	Querer/desejo	“eu queria divulgar as notícias da cidade aí as notícias da cidade notícias mesmo e procurar divulgar de todos os lados ser um jornal assim... é... mais imparcial possível” (J3)
	Querer/desejo	“eu sempre demonstrei querer aprender e continuo até hoje, querendo aprender” (J3)
	Querer/desejo	“a gente sempre tenta ser bem flexível em relação ao que o outro quer” (J5)
	Querer/exigência	“a vontade de empreender, de montar um projeto de A a Z” (J4)
	Querer/anseio	“eu espero que o futuro possa manter essa relação do jornalista com a sociedade da melhor maneira possível” (J2)
	Querer/anseio	“eu quero imaginar que não seremos informados apenas pelo telefone e que de qualquer maneira há outra necessidade, mesmo que, mesmo que seja a prática dominante de fato” (J5)
	Obrigaçãõ externa	“então você tem que optar ou manter com o jornal é... financeiramente ou fechar” (J3)
	Obrigaçãõ externa	“você tem que estar mais ou menos alinhado ao poder público e estando alinhado ao poder público você querendo ou não você fica refêem desse pessoal” (J3)
	Obrigaçãõ externa	“vai meio que é cortando a gente a gente vai tirando aquela liberdade que eu tinha no começo” (J3)
	Obrigaçãõ externa	“Precisamos de mais 1000 inscritos senão fechamos, e assim sucessivamente” (J4)
	Obrigaçãõ externa	“às vezes a pessoa [...] tem várias formaturas, mas chega na hora de escrever, passar a informação para que a pessoa consiga entender, ela não consegue, então, para isso ele tem que ser jornalista, então é importante fazer faculdade” (J3)
	Obrigaçãõ externa	“Então é necessário sim estar evoluindo” (J2)
	Obrigaçãõ externa	“é pesado na verdade ter que se comunicar pela internet as vezes pode criar desentendimentos” (J5)
	Obrigaçãõ externa	“estamos lá porque temos que estar lá, mas não é mas não é uma coisa na qual nós temos, nós temos realmente vontade de investir o tempo” (J6)
	Obrigaçãõ externa	“((o jornal)) é legal, mas se eu não tenho mais dinheiro, se eu tiver que escolher entre minha assinatura do Le Monde e minha assinatura do ((nome do jornal)), eu mantenho a assinatura do Le Monde. (J4)
Obrigaçãõ interna	“investi no note também que eu não tinha em casa que eu não precisava muito tinha um que estava estragado então tive que comprar outro né” (J1)	

	Obrigação interna	“tínhamos que subir para 13.000, hoje estamos em 11.000, então mal estamos em equilíbrio financeiro” (J4)
	Obrigação interna	“precisa demandar de um aperfeiçoamento” (J2)
	Obrigação interna	“até para mim foi melhor né eu tinha um assim que não era muito bom [...] daí eu precisava mesmo trocar né já para o meu trabalho” (J1)
	Possibilidade interna	“você não pode ficar estagnado naquilo que você aprendeu na faculdade” (J2)
	Possibilidade interna	“é a nossa empresa e fazemos o que queremos, o que achamos bom” (J4).
	Possibilidade interna	“uma vez que a gente tem essa formação, bem depois a gente poderia, a gente vai dizer por toda a nossa vida, temos uma maneira de pensar que fica registrada” (J6)
	Possibilidade interna	“no mês passado foi uma formação para que a gente coloque... que todos nós sejamos capazes, todos os jornalistas, de colocar artigos online e então vai ser para colocar artigos online e tentar pensar na regularidade das publicações” (J5)
	Declaração afirmação	“está começando devagar e não estamos, ainda não estamos muito desenvolvidos, na verdade é complicado” (J5)
Saberes	Ignorância	“só no começo eu fiquei com um pouco de dúvida” (J1)
	Ignorância	“a gente não imaginava que seria tão difícil” (J4)
	Ignorância	“não sei bem o que é ser jornalista” (J4)
	Saber	“a gente sabia que ia ser difícil” (J4)
	Saber	“o conhecimento do dia a dia, bom enfim tem uma continuidade com a minha formação estudantil, ou seja pelas minhas leituras aqui eu leio muito muitos ensaios políticos” (J6)
	Saber	“É isso que a gente não ensina na universidade, mas aprendi muita coisa com esse jornal, pela prática” (J6)
	Saber	“se aprende fazendo as coisas, simplesmente” (J6)
	Constatação	“mas claro é uma... é um/um pontapé meu”
	Constatação	“em um jornal no interior para sobreviver ele/não existe outra maneira a não ser estar meio mais ou menos aliado com o poder público” (J3)
	Constatação	“jornal pequeno significa salário pequeno” (J5)
	Constatação	“mas para mim é ser curioso, apenas ser curioso sobre tudo” (J4)
	Constatação	“o governo que hoje está adiando a implementação de ajudas ao pluralismo” (J4)
	Constatação	“é pesado para uma estrutura pequena como a nossa” (J5)
	Constatação	“no momento ainda estamos um pouco sobrecarregados com as questões técnicas e tudo mais, então vamos devagar” (J5)
	Constatação	“a internet de momento é isso, está à margem, mas bem dizemos a nós mesmos que não vamos conseguir escapar dela” (J5)
	Declaração afirmação	“um relatório de manifesto não é muito interessante, por outro lado, ir fazer algumas gravações de vídeo para depois colocar no site além disso permite que você seja mais reativo (...) então depende depende sobretudo do assunto como escolhemos a forma de tratá-lo” (J6)

Valores	Opinião Convicção	“a parte do jornal foi tudo praticamente ali com o tempo aprendendo sabe... aprendendo sozinha assim né” (J1)
	Opinião Convicção	“ninguém me orientou não, isso foi a experiência mesmo de vida” (J3)
	Opinião Convicção	“a tua maior responsabilidade assim tá no teu trabalho né que nem na faculdade a gente está aprendendo” (J1)
	Opinião Convicção	“meu diploma profissional da escola de jornalismo, para mim não foi muito interessante, porque são escolas que são particulares ou semiprivadas, que são caras e que formam somente para a técnica” (J6)
	Opinião Convicção	“a universidade sim isso foi importante, porque finalmente me deu uma lógica de pensamento, que é fundamentada... que era além de tudo científica, já que as ciências sociais também são uma ciência” (J6)
	Opinião Convicção	“porque na verdade a mídia educação tem muito financiamento público e tem uma questão para a gente é toda essa mídia independente estar lá também” (J5)
	Opinião Convicção	“não são só os grandes de fato que formam os jovens enfim que educam os jovens nas suas mídias e no seu jeito de fazer” (J5)
	Opinião Convicção	“Eu sinto que poderia fazer uma série jornalística sobre o que está acontecendo nessa cidade e fazer 200 episódios apenas sobre a vida nesta rua” (J4)
	Opinião Convicção	“Eles alimentam amplamente a ((nomes de grandes jornais)) não há razão para que não possam ajudar a mídia independente também” (J4)
	Opinião Convicção	“Nós fizemos um jornal que imprimimos em A3 colamos na parede e de fato funciona as pessoas vão ler quando você colar nas paredes” (J5)
	Opinião Convicção	“é complicado porque tem muita mídia independente e tem pouquíssimas que vivem, que sobrevivem” (J4)
	Opinião Convicção	“Mas o futuro é complicado para os meios de comunicação independentes, porque sei, não sei até que ponto, eu creio que na França somos um dos países onde há muitos meios de comunicação, pequenos meios que são criados assim” (J4)
	Opinião Suposição	“a partir do momento que fizer isso, eu acho que a profissão, quem sabe, volta a valorizar” (J3)
	Opinião Suposição	“Pensávamos que ao fim de três anos seríamos uma equipe de 25 jornalistas e na verdade hoje somos 12, porque é difícil” (J4)
	Opinião Suposição	“porque eu, eu acho que também é papel do Estado assegurar o pluralismo, garantir o pluralismo da imprensa e permitir que existam diferentes meios de comunicação como ele faz com a mídia impressa” (J4)
	Opinião Suposição	“Eu finalmente acho que a informação na internet não é suficiente, não funciona e eu adoro isso aqui, adoro imaginar outras mídias” (J5)
	Opinião Suposição	“acho que todo mundo tem outra necessidade, mesmo que a gente não perceba agora” (J5)
	Apreciação	“gosto muito do encontro entre jornalismo e educação popular, na verdade acho superinteressante e que há muitas coisas para fazer desta forma”
	Recusa	“Eu não me via indo trabalhar em outro jornal, a única solução era criarmos nosso próprio jornal” (J4)
	Declaração afirmação	“a parte digital não me dá lucro nenhum, ela só não me dá prejuízo” (J3)

	Declaração afirmação	“na internet é de graça e como eu disse é mais uma vitrine, um suporte para o jornal impresso” (J6)
--	-------------------------	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

O Quadro 9 aponta que a modalidade que teve mais presença no eixo agir foi a modalidade de obrigação externa. Isso revelou que os jornalistas agem principalmente por forças coercitivas externas a si, as quais exercem algum tipo de poder sobre eles (Charaudeau, 2016). É possível constatar, nas circunstâncias do discurso, que os profissionais estão subjugados a uma estratégia discursiva de superioridade, seja econômica ou social, a qual pode justificar visadas de prescrição (fazer-fazer). Também observamos modalidades de obrigação interna, que seriam as coerções dos próprios jornalistas (Charaudeau, 2016), mas revisitando os enunciados dessa modalidade percebemos que, ao questionar o porquê dessas necessidades, encontramos situações socialmente motivadas que vão além da demanda do próprio jornalista, quer dizer, EUC tem que fazer algo (uma compra, no caso) para não sofrer consequências em seu trabalho que seriam motivadas pela chefia ou pelo público.

Se consideramos que “a experiência do mundo para cada um de nós desde o nascimento é a experiência dos outros” (Durrive, 2019, p. 219), então percebemos como as normas antecedentes impactam na nossa semiotização do mundo através do duplo processo de transformação e transação (Charaudeau, 2005): o indivíduo vai significar um mundo (transformação) que já vem revestido de prescrições, logo a historicidade que construiu a sociedade – e o trabalho – ao longo do tempo terá impacto na forma como ele realiza essa transformação e, por consequência, em como ele utiliza o mundo significado nas trocas com seus interlocutores no processo de transação. Assim como a linguagem, o trabalho também atualiza e é atualizado pelo indivíduo em um processo contínuo.

Dessa maneira, entendemos que a vivência com os outros é significativa a ponto de manipular nossas escolhas e ações, seja por meio do interdiscurso, refletindo o discurso de outrem em nosso próprio, seja por meio de ações que se manifestam na atividade e ajudam a modelar o trabalho de uma maneira e não de outra.

A modalidade/categoria de língua “querer” confirma essa visão, pois seu uso, maior parte, está relacionado com desejo e anseio, que não coloca EUC como protagonista (Charaudeau, 2016). Mesmo quando EUC enuncia os interesses de EUC, suas vontades foram deslocadas para outros personagens sociais em uma expressão de querer que não tem uma forma clara de manifestação prática, não é algo tangível ou alcançável. Essa nebulosidade é a manifestação de um mundo em desaderência concernente ao jornalista que trabalha *hic et*

nunc (Schwartz, 2014). Normas históricas lhe foram impostas e ele não sabe bem o porquê, pois está agindo em um mundo que não foi criado por ele (Schwartz, 2014) e sob o qual não tem controle.

Essa é a parte invisível do trabalho, enigmática (Schwartz, 2011), o corpo-si não toma consciência de todas as suas necessidades, algumas ficam alocadas no subconsciente e só acessamos uma parte delas. Linguisticamente, esses comportamentos podem ser melhor explorados por meio das circunstâncias sociais do discurso, que posicionam o locutor em contratos de comunicação estabelecidos com bases nessas normas antecedentes, o que torna possível perceber como e quanto o trabalho prescrito está ligado ao trabalho real.

A modalidade de possibilidade interna, que diz respeito à aptidão do locutor para fazer algo (Charaudeau, 2016), são minoria no discurso e estão mais relacionadas a habilidades que podem ser desenvolvidas do que questões em aderência. Logo, EUc ainda está lidando com a necessidade de aprender identificada no uso da modalidade de querer, visto que a modalidade de possibilidade interna manifestadas por EUE servem apenas como complemento. São uma forma de reação ao mundo, pois “o homem não se deixa totalmente comandar de fora” (Durrive, 2011, p. 49), ele está sempre em tensão com o meio, buscando o equilíbrio entre trabalho e saúde (Schwartz, 2014).

No eixo dos saberes, verificamos que as modalidades de saber e ignorância (Charaudeau, 2016) identificam os conhecimentos adquiridos pelos jornalistas em atividade de trabalho, ligados principalmente aos saberes em aderência com a atividade (Trinquet, 2010). Assim, quando os jornalistas entrevistados falaram sobre o que sabiam ou não, estabeleceram uma relação com a experiência, com o trabalho real, identificando pontos fortes e fracos que a prática do jornalismo proporciona ou, conforme Durrive (2019, p. 223, tradução nossa)¹⁵, “estas são, antes de tudo, lições que aprendi no meu encontro com certos meios”. Esses saberes trazem consigo a força da avaliação de EUc, o que é próprio dos sujeitos e pode ser convertido em um saber compartilhado, diferente do que verificamos nos saberes em desaderência.

No que diz respeito à modalidade “constatação”, percebemos certo distanciamento do locutor (comportamento enunciativo elocutivo), em relação aos saberes que manifesta nesses enunciados. EUc não avalia, ele simplesmente observa o mundo que se impõe a ele (Charaudeau, 2016) visto expressar seu ponto de vista. No caso dos entrevistados, as constatações são fruto de um pensamento crítico científico, favorecido pelo conhecimento

¹⁵ *Ce sont d'abord des leçons que je retiens de ma rencontre avec certains milieux.*

acadêmico, que faz EUC delimitar as configurações do mundo que o cerca (Durrive, 2019). São esses saberes acadêmicos, em desaderência com a atividade, que permitem a EUC analisar e avaliar sua atividade de trabalho, pois fornecem as ferramentas necessárias para que o trabalho não seja simples execução (Schwartz; Durrive, 2010).

O eixo dos valores está fortemente representado pela modalidade “opinião”, nas quais EUC avalia a verdade e explicita seu ponto de vista sobre algum propósito (Charaudeau, 2016); esse ponto de vista demonstra o que tem valor para o jornalista, aquilo que ele preza. Verificamos que no espectro das modalidades de opinião manifestadas, o maior espaço está destinado à configuração de “convicção”, ou seja, EUC enuncia a respeito de proposições sobre as quais supõe que TUD tenha alguma dúvida e, então, expõe a sua certeza íntima sobre elas (Charaudeau, 2016). Em outros momentos, essa certeza se torna mais fraca na modalidade de opinião configurada como “suposição”. Esses pontos são geralmente relacionados à fatores sociais sob os quais os jornalistas não têm controle, ou seja, a certeza da suposição está ancorada nas suas convicções, nos seus valores, naquilo que eles desejavam ou desejam que aconteça.

Essas modalidades de opinião estão ligadas ao universo de conhecimento e crença dos entrevistados, à ontologia que compõe seu ser (Figaro, 2018), e vão se manifestar de maneiras diferentes na forma como EUC constrói o discurso em conformidade à intenção do EUC. Lembramos que EUC é um ser social envolto por circunstâncias do discurso que, por vezes, podem ser diferentes daquelas que caracterizam o TUi enquanto imerso em uma específica situação de comunicação. Sendo assim, a maneira como esse EUC demandará EUC, quanto ao enunciar se projeto de fala abordando possíveis certezas, depende muito de como esse sujeito comunicante (EUC) construirá o TUD para o qual EUC vai se direcionar.

É por esse recorte de mundos de valores diferentes que podemos identificar tensões entre os jornalistas brasileiros e franceses: enquanto os brasileiros informaram considerar importante mencionar que o trabalho exige mais responsabilidade do que na faculdade (curso superior), os franceses deram mais relevância ao saber acadêmico. As circunstâncias discursivas nas quais os jornalistas estão envolvidos diferem especialmente por questões culturais inscritas na historicidade de cada país. Uma possível desvalorização do saber acadêmico no Brasil se intensificou na última década (Blank, Boaventura e Freitas, 2021), sustentada especialmente pela difusão de informações falsas nos meios digitais, o que acarreta a naturalização desse discurso no contexto sociodiscursivo brasileiro.

A valorização dos saberes em desaderência se reflete no discurso ao observarmos que há mais modalidades de opinião/convicção expressas nos enunciados dos jornalistas

franceses do que dos brasileiros. Essa diferença é perceptível quando o EUc (jornalistas franceses) manifesta a convicção de que um aporte financeiro público é necessário para a imprensa independente, enquanto os brasileiros, que já possuem maneiras de receber esse financiamento – como os editais de licitação de publicidade governamental – pontuam essa questão como uma obrigação externa que dificulta sua ação enquanto jornalistas comprometidos com o público. Observamos que os jornalistas colocam a dramática supracitada em polos diferentes do triângulo da atividade: para os brasileiros, essa parece ser uma dramática, conforme Schwartz (2011), do corpo-si, que impacta em sua ação quando restringe a conexão entre agir e valores, conforme EUe enuncia na modalidade de obrigação externa. Já para os entrevistados (jornalistas) franceses, esse debate de normas (Schwartz, ano?) limita-se ao polo dos valores ao enunciarem uma modalidade de convicção, dado que esses profissionais não possuem uma experiência de trabalho real sob o condicionamento do financiamento público.

Mesmo se tratando de mundos de valores diferentes, criados em situações históricas particulares de cada comunidade, que equilibram o aspecto micro do trabalho dos jornalistas com o macro da vida social (Schwartz, 2011), esses mundos também têm pontos de convergência, especialmente em situações que são mundiais e afetam os profissionais com uma relativa uniformidade. Esse é o caso da internet que permitiu a evolução das telecomunicações em nível global, situando jornalistas brasileiros e franceses em um mesmo ponto de transição. Os profissionais entrevistados expressaram incertezas e até certa resistência quanto à transformação digital por meio da modalidade de “suposição e declaração”, ou seja, ambas implicam uma dúvida, apenas o posicionamento que é levemente deslocado: enquanto uns acreditam piamente que a internet não é capaz de sustentar as necessidades dos jornalistas e da sociedade do ponto de vista jornalístico, outros têm uma certeza muito forte disso.

Os jornalistas demonstraram seus valores em relação à migração para o suporte digital por meio da modalidade elocutiva de “opinião”; são esses mesmos valores que poderão determinar como agirão frente ao que o mundo exige deles e o que requerem de si mesmos (Durrive, 2011). Tendemos a considerar que essa escolha é centrada por uma obrigação externa para com a sociedade, como já vimos que frequentemente as ações dos jornalistas são delimitadas por essas obrigações, que predominam sobre seus valores. O fato é que o debate de normas desencadeado para preencher esse vazio não poderá ficar estagnado por muito tempo (Durrive, 2011), visto que os jornalistas terão que decidir e criar uma norma

para a presença digital, uma norma que será adicionada à seleção de normas antecedentes que regulam a profissão.

O que Schwartz (2011) chama de normas antecedentes, que buscam antecipar o trabalho por meio da construção histórica, está relacionado ao contexto expresso por Charaudeau (2016) nas restrições do contrato de comunicação, ou seja, todo ser humano trabalha de acordo com restrições – vazios de normas – impostas pelo meio e elas têm um significado tanto no trabalho quanto na comunicação. Ocupar-se dessas situações exige que o trabalhador faça escolhas (Schwartz, 2014), especialmente, no caso dos jornalistas, escolhas que serão estabelecidas pelas estratégias que lhes permitam orientar seus propósitos com aquele discurso. Se em cada situação de comunicação o locutor se apresenta com uma máscara e encena um ato discursivo (*mise-en-scène*) (Charaudeau, 2016), podemos considerar que os jornalistas engendraram uma imagem de real como lugar de verdade nas entrevistas fornecidas, a sua verdade, composta pelos filtros da sua ontologia enquanto seres sociais (Figaro, 2011). Uma imagem passível de discernimento e avaliação pela pesquisadora que compartilha do mesmo contexto socio-histórico, validando o contrato de comunicação conforme veremos nas considerações finais que arrematam esse estudo.

8 ATÉ MAIS E OBRIGADA PELOS DISCURSOS: CONSIDERAÇÕES – NÃO EXATAMENTE – FINAIS

Você perguntou-me uma vez, se eu tinha lhe contado tudo sobre minhas aventuras. Honestamente posso dizer que contei a verdade. Talvez eu não tenha contado toda ela.
J. R. R. Tolkien, em O Hobbit

Iniciamos essa jornada pensando nos jornalistas que estão em atividade laboral em pequenas comunidades espalhadas pelo Brasil e pela França. Profissionais locais e independentes que estão distantes da realidade dos grandes meios de comunicação à frente da mídia nos dois países. Esse cenário desperta questionamentos diferentes e revela a possibilidade de fazer jornalismo local em uma grande metrópole ou jornalismo independente em uma pequena comunidade. As condições são adversas e o discurso dos jornalistas, sob a perspectiva da linguagem e trabalho, é a nossa principal fonte para acessar quais são seus saberes e valores e como eles se refletem em suas ações, na construção da atividade de trabalho desses profissionais.

Acessar cientificamente esse conhecimento dependeu de uma construção teórica capaz de articular os dois principais eixos de nosso estudo: o discurso dos jornalistas e sua atividade de trabalho. Fizemos isso por meio da ergologia, proposta por Schwartz (1998, 2009, 2011, 2014) e Schwartz e Durrive (2010, 2015), e da semiolinguística, proposta por Charaudeau (2004, 2005, 2016, 2017, 2018, 2020). Inter-relacionamos as teorias de forma que uma complementasse as lacunas da outra, criando um dispositivo de análise compatível com os objetivos que desejamos alcançar.

Chegando ao final desse trabalho – e fazendo eco ao discurso de Bilbo, que abre esse capítulo – pensamos que Charaudeau (2016) é astuto e rigoroso por afirmar que há tantos discursos possíveis quanto sujeitos no mundo. Contamos a verdade nesse estudo, a nossa verdade, aquela que passou pelo filtro de nossos olhos e nossas experiências. Chegando ao final dessa viagem de muitos destinos e caminhos, escolhemos aquele que, com nosso filtro, pareceu mais adequado para responder ao **problema de pesquisa**: De que maneira os discursos, representados nos diferentes contratos de comunicação nos quais se engajam os jornalistas atuantes na mídia local e independente no Brasil e na França, se refletem e (re)significam na atividade de trabalho, nos saberes e nas estratégias discursivas desses profissionais na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*?

Essa problematização nos levou a levantar a **hipótese** de que os discursos representados nos contratos de comunicação dos jornalistas se refletem diretamente na atividade de trabalho e nos saberes desses profissionais, (re)significando a maneira como

eles renormalizam sua atividade e estabelecem estratégias discursivas na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*.

A fim de testar essa hipótese, elaboramos como **objetivo geral** analisar os discursos dos jornalistas brasileiros e franceses que atuam na mídia local/independente com foco no contrato de comunicação e seus reflexos e significados na atividade de trabalho, nos saberes e nas estratégias discursivas desses profissionais durante a realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*. Com esse objetivo em mente, elaboramos **cinco objetivos específicos** que nos ajudaram a completar esse trabalho, conforme detalharemos a seguir.

Nosso **primeiro objetivo específico** foi compreender como as normas e renormalizações do trabalho prescrito e trabalho real agem na da atividade de trabalho do jornalista e se refletem em seu discurso. Constatamos que as dramáticas dos usos de si enfrentadas pelos profissionais se refletem em seu discurso de forma implícita, eles perceberam que foi necessário fazer escolhas e se subjugam aos resultados delas, muitas vezes renunciando aos seus valores para isso. O comportamento discursivo e as circunstâncias do discurso (contexto sociocomunicativo) revelam o impacto mais profundo dessas decisões: o meio é infiel e as condições de trabalho dos jornalistas os obrigam a assumir novas responsabilidades ao se firmarem em um jornal de pequeno porte sem necessariamente serem compensados, seja financeiramente, seja por meio de folgas etc. Esse discurso de adaptação ao meio e minimização do excesso de trabalho é uma parte tão naturalizada da profissão, uma norma antecedente (mesmo que não formalizada) tão enraizada na sociedade, que os jornalistas não se permitem ver como isso afeta o corpo-si de maneira negativa e contribui para que o trabalho seja invivível.

Esse foi um ponto de destaque em nossa tese ao verificarmos a importância dos discursos anteriores que constroem as normas antecedentes e a memória coletiva sobre uma profissão. O discurso de desvalorização do jornalista está fortemente arraigado na sociedade brasileira e francesa, e isso se manifesta de diferentes formas em vários momentos e trechos discursivos dos entrevistados. Especialmente quanto aos sentimentos de solidão na construção do conhecimento manifestados por J1 e J3, na competição desleal infligida por pessoas sem formação adequada no Brasil e por grandes mídias no Brasil e na França, evidenciadas por J2 e J4, pela submissão aos meios tecnológicos, manifestada por J5 e J6, e ainda ao financiamento público, evidenciada por J3.

Nosso **segundo objetivo específico** foi especificar a relação entre os saberes adquiridos pelo jornalista e as circunstâncias de discurso vivenciadas por esses profissionais. Consideramos que as ações sociais em outros âmbitos contribuem para a construção

discursiva que reflete na desvalorização da profissão pelos próprios profissionais. Os discursos se refletem no corpo-si e significam diretamente na atividade de trabalho, a exemplo do discurso de desconstrução da importância do saber acadêmico no Brasil, onde o fim da exigência de diploma de graduação para exercer a profissão corou anos de tentativas de controle da mídia e acarretou o descrédito à universidade pelos próprios profissionais, como vimos nos enunciados dos jornalistas brasileiros. Mesmo que os profissionais não reneguem completamente o valor do curso superior, em faculdade, eles supervalorizam a técnica em detrimento da maneira de pensar.

A valorização do pensamento crítico revelada pelos franceses vem de encontro com a concepção brasileira de jornalismo; os franceses valorizam o pensar antes do agir. Os conhecimentos técnicos são importantes, mas desenvolver o pensamento crítico científico é o que auxilia os jornalistas franceses a defenderem seus próprios valores no jornal e o que os levou a construir um canal de mídia independente, livre das imposições dos grandes grupos, mesmo que isso significasse um esforço muito maior do corpo-si. Nesse caso, as escolhas refletem os valores em nível micro e macro; vemos que J3 escolhe o suporte financeiro do governo para manter seu jornal, mesmo sabendo que teria que renunciar muitos de seus valores por isso, ao mesmo tempo em que observamos os franceses sofrerem duras pressões financeiras e se manterem firmes na ideia de depender apenas de seus assinantes. São duas construções que refletem a sociedade em que se inserem e só são possíveis de serem analisadas por meio dos diferentes discursos que ecoam naqueles ambientes.

Nosso **terceiro objetivo específico** tratou de explicar como as dramáticas dos usos de si estão presentes na situação de comunicação que envolve os jornalistas e seu dia a dia de trabalho. Já conseguimos abordar brevemente ao responder ao primeiro objetivo específico, pois as escolhas e renormalizações estão intimamente conectadas às dramáticas dos usos de si. Verificamos que as dramáticas ligadas ao financiamento dos jornais e a transição para o mundo digital são as que mais causam desconfortos para os profissionais, projetando uma visão pouco otimista do futuro da profissão. Fazer escolhas entre seus valores e condições sociais imperativas para o funcionamento do jornal, como aporte financeiro e inserção nas mídias sociais, posiciona os jornalistas em situações de instabilidade manifestadas por meio de discursos de obrigação e refletida em sentimentos de indecisão e submissão.

Nosso **quarto objetivo específico** versou sobre evidenciar as estratégias discursivas para a realização do ato de linguagem como encenação utilizadas pelos jornalistas na atividade de trabalho. Constatamos que os profissionais se utilizam de diversas modalidades

para construir suas estratégias discursivas, com isso focamos nas modalidades que não implicam um destinatário, ou seja, são elocutivas e representam o pensamento do locutor sobre o mundo (Charaudeau, 2016). Com o suporte do triângulo da atividade, proposto por Schwartz (2014), foi possível associar essas modalidades aos conceitos de agir, saberes e valores de formas independentes e complementares. Esse panorama nos acompanhou em todas as etapas da análise e nos auxiliou a revelar sentidos nos discursos dos jornalistas que foram fundamentais para atingirmos os objetivos seguintes.

Nosso **quinto objetivo específico**, identificar os aspectos convergentes e divergentes nos discursos e na atividade de trabalho de jornalistas brasileiros e franceses, cruza-se principalmente com o terceiro objetivo, pois os valores atribuídos aos diferentes saberes foram a principal fonte de divergência entre os entrevistados. Outra divergência significativa foi a respeito do financiamento público da mídia, tida como uma necessidade pelos franceses, enquanto os brasileiros sofrem pela manipulação de governantes em troca do subsídio.

Em termos de convergências de pensamento, verificamos que elas estão centradas nas dificuldades da profissão nos dois países. Criar e manter um jornal local e independente enfrenta empecilhos que vão além das dificuldades financeiras amplamente relatadas. Os jornalistas percebem a importância do papel formativo do jornalismo, da conexão com a sociedade em que estão inseridos, mas não há um consenso em nenhum dos países sobre como será o futuro da profissão. Ainda há um longo caminho a ser trilhado pelos jornalistas locais e independentes, para que seja possível desenvolverem suas ações em torno de valores, construindo e atualizando os saberes da profissão.

O conjunto das análises de cada objetivo específico nos permitiu alcançar o objetivo geral e reafirmar a **tese** defendida neste estudo: os discursos, manifestados nos diferentes contratos de comunicação nos quais os jornalistas se engajam, moldam a atividade de trabalho, influenciam nos saberes e atuam na maneira como os profissionais renormalizam sua atividade e estabelecem estratégias discursivas na realização do ato de linguagem como *mise-en-scène*.

A experiência – que foi a causa e a solução de cada um dos questionamentos aqui levantados – se expande e se enraíza ao verificarmos que este estudo foi capaz de contribuir, ainda que minimamente, para entender a atividade de trabalho dos jornalistas do Brasil e da França. Mesmo que só possamos acessar uma pequena parte dessa atividade, visto que ela é própria de cada indivíduo, ainda assim consideramos que essa compreensão nos permite contribuir para a construção de um jornalismo de mais qualidade e assertividade na

sociedade. Os profissionais dependem de várias condições socialmente impostas para desenvolver seu trabalho; apontar essas condições e como elas agem no corpo-si dos jornalistas nos ajuda a entender os reflexos e significados sociais que podemos esperar do trabalho desses profissionais em sua atividade laboral.

O jornalismo é uma atividade discursiva e intelectual, capaz de despertar grande interesse de governos e camadas mais poderosas da sociedade, como já vimos no contexto histórico da profissão. A compreensão do jornalista enquanto ser humano dotado de valores é capaz de fornecer um panorama de questões subjetivas que transpassam a barreira do pessoal para o profissional, como vimos no caso das ações dos jornalistas que são determinadas por obrigações externas. São profissionais extremamente ligados à comunidade na qual se inserem, eles precisam estar em constante equilíbrio com a sociedade que os rodeia, mesmo que isso possa lhes causar sofrimento e o trabalho tornar-se invivível.

Acreditamos que este estudo ainda forneceu contribuições importantes no entrelaçamento entre ergologia e semiolinguística, demonstrando que teorias de campos diferentes podem ser complementares. Enquanto a ergologia considera que há pouco que se possa extrair apenas dos discursos dos profissionais, a semiolinguística foi fecundo como alternativa robusta para extrair significados mais profundos daquilo que é dito e daquilo que é mostrado no implícito discursivo. Esse entrelaçamento teórico apontado permite identificar o triângulo da atividade, proposto por Schwartz (2011), por meio das modalidades elocutivas e das estratégias discursivas, conforme postuladas por Charaudeau (2016). Esse cruzamento de dados revelou-se vantajoso, especialmente para profissões que são fortemente baseadas no na linguagem como um ato discursivo, tal como é no jornalismo.

O corpus de pesquisa, em sua amostra, não abrangeu muitos jornalistas, pois não seria possível realizar um estudo qualitativo desse porte abordando uma expressiva quantidade de profissionais. Essa parece ser uma de nossas principais limitações, visto que estudamos apenas uma fração muito pequena do total de profissionais possíveis de serem entrevistados. Entretanto, essa limitação abre espaço para novos estudos que podem replicar a metodologia e os procedimentos, aqui adotados, e entender como funciona a atividade laboral do jornalismo em diferentes partes do mundo, em diferentes meios de comunicação e em diferentes contextos socioculturais.

A jornada pelo mundo dos jornalistas está longe de ter um fim. Ela está apenas começando. São muitas redações que ainda não foram visitadas, muitas histórias que estão escondidas em pequenas cidades – ou em grandes centros – apenas esperando o momento de serem publicadas. Ser jornalista é contar histórias de pessoas reais, com suas dramáticas

e valores, estratégias e discursos, se essa não é uma profissão sensacional, eu não sei qual outra poderia ser.

REFERÊNCIAS

- BELL, E.; OWEN, T. A imprensa nas plataformas. Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 49-83, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>. Acesso em: 22 julho 2022.
- BLANK, J. C. G.; BOAVENTURA, L. H.; FREITAS, E. C. de. O discurso em notícias falsas sobre universidades brasileiras: uma perspectiva Semiolinguística. **Investigações**, v. 34, n. 2, 22 dez. 2021.
- BONET, G. **L'Agence Inter-France de Pétain à Hitler: Une entreprise de manipulation de la presse de province (1936-1950)**. Éditions du Félin, 2021.
- BORIM, R. A. **Discursos sobre trabalho: os recursos (des) humanos e a (in) competência para medir a competência**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2011.
- BOUTET, J.; GARDIN, B. Une linguistique du travail. *In*: BORZEIX, A.; FRAENKEL, B. (coord.). **Langage et Travail: communication, cognition, action**. Paris: CNRS Editions, 1998. p. 89-111.
- CANGUILHEM, G. O vivente e seu meio. *In*: CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida**. Tradução V. L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 139-168.
- CAPELATO, M. H. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). **Revista Brasileira de História**, v. 12, n. 23/24, p. 55-75. 1992.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. *In*: Ida Lucia Machado e Renato de Mello. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html> Acesso em: 02 junho 2022.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In* : PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação da Equipe de Tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, P. **Le débat public: Entre controverse et polemique, enjeu de vérité, enjeu de pouvoir**. Lambert-Lucas: Limoges, França. 2017.
- CHARAUDEAU, P.. **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, P. **La manipulation de la vérité: Da triomphe de la négation aux brouillages de la post-vérité**. Lambert-Lucas: Limoges, França. 2020.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COLLET, L. L'importance du renouvellement des activités info-communicationnelles et des modèles économiques dans le design des dispositifs de presse écrite en ligne. **Hermès**, La Revue, vol. 76, no. 3, pp. 169-178, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2016-3-page-169.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

COMBIEN payer pour un site web ou un site e-commerce ? **France Num**, 6 maio 2021. Disponível em: <https://www.francenum.gouv.fr/guides-et-conseils/developpement-commercial/site-web/combien-payer-pour-un-site-web-ou-un-site-e#:~:text=Il%20est%20difficile%20d'indiquer,pour%20une%20plateforme%20en%20ligne>. Acesso em: 1 ago. 2023.

DANIELLOU, F.; SIMARD, M.; BOISSIÈRES, I. **Fatores humanos e organizacionais da segurança industrial**: um estado da arte. FONCSI, Toulouse, 2013.

DENNY, JL. **L'expérience des normes pour débattre en classe** : vers un développement professionnel des enseignants : approche ergologique d'un dispositif dialogique réinterrogeant la formation d'adultes. Education. Université de Strasbourg, 2019. Français. Disponível em: <https://theses.unistra.fr/search/notice/view/2019STRAG027?lightbox=true> Acesso em: 3 set. 2023

DICHTCHEKENIAN, P.; CALIXTO, D. 'Regulamentação da mídia é condição para liberdade de expressão'. **Observatório da Imprensa**, 2015. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/regulamentacao-da-midia-e-condicao-para-liberdade-de-expressao/> Acesso em: 17 ago. 2023

DORNELLES, B. O futuro dos jornais do interior. **Revista Intratextos**, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012.

DORNELLES, B. O localismo nos jornais do Interior. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, vol. 17, núm. 3, set.-dez., pp. 237-243, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495550200010.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

DURRIVE, L. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. **Trabalho, educação e saúde**, v. 9, p. 47-67, 2011.

DURRIVE, L. Uma abordagem dinâmica da questão da competência, conhecimento pessoal e conhecimento acadêmico. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. Pág. 217-233, 2 nov. 2019. Disponível em: <https://tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2680>. Acesso em: 24 jun. 2022

EMBAIXADA DA FRANÇA NO BRASIL. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 2017. Disponível em: <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao>. Acesso em: 20 maio 2023

FIGARO, R. A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 9, p. 285-297, 2011.

FIGARO, R. Comunicação e trabalho: Implicações teórico-metodológicas. **Galáxia**, n. 39, p. 177-189, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n39/1519-311X-gal-39-0177.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

FIGARO, R.; MARQUES, A. F. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Revista Contracampo**, v. 39, n. 1, 2020.

FREITAS, E. C. **O discurso na Comunicação Organizacional**: uma abordagem semiolinguística na inter-relação linguagem e trabalho. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 1, n. 32, p.189-207, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2Okadq5>. Acesso em: 17 jul. 2019.

FREITAS, E. C. *et al.* A construção do ethos discursivo corporativo: o uso de si e noção de competência. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras** ISSN: 0104-0944, v. 1, n. 51, p. 175-196, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/7343> Acesso em: 22 julho 2022.

FRANÇA, Ministério da Cultura. Pesquisa anual sobre a imprensa escrita no ano de 2020. Disponível em: <https://www.culture.gouv.fr/Thematiques/Presse/Documentation/Chiffres-Statistiques>. Acesso em: 22 jun. 2022.

FRANÇA, Légifrance. Loi du 29 juillet 1881 sur la liberté de la presse. Disponível em : <https://www.legifrance.gouv.fr/loda/id/LEGITEXT000006070722> Acesso em: 17 ago. 2023.

FRISQUE, C. Précarisation du journalisme et porosité croissante avec la communication. **Les Cahiers du journalisme**, v. 26, p. 94-115, 2014.

GANDOUR, R. **Jornalismo em retração, poder em expansão**: como o encolhimento das redações e o uso crescente de redes sociais por governantes podem degradar o ambiente informativo e prejudicar a democracia. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO. Lista de Preços, 2023. Disponível em: <https://globo.my.site.com/pricelist/s/> Acesso em: 21 ago. 2023.

GOLLAC, M.; VOLKOFF, S. La santé au travail et ses masques. **Actes de la recherche en sciences sociales**, vol. no 163, no. 3, 2006, pp. 4-17. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2006-3-page-4.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

GUÉRIN, F., LAVILLE, A., DANIELLOU, F., DURAFFOURG, J. & KERGUELEN, A. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da ergonomia. São Paulo: Edgard Blücher. 2001.

GUILHAUMOU, J. Dater le Père Duchesne d'Hébert (Juillet 1793-Mars 1794). **Annales Historiques de La Révolution Française**, no. 303, P. 67 - 75. 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41916067>. Acesso em: 20 maio 2023.

HALLIDAY, M. A. K. Dialogue with H. Parret. In : PARRET H. (ed.), **Discussing language**. La Haye : Mouton, 1974.

HATIN, E. **Histoire du Journal en France**. Gustave Havard Editeur: Paris. 1846.

HOLUBOWICZ, M. Be a journalist within the French regional press at the Web age. Example of the Dauphiné Libéré. **The Official Research Journal of the International Symposium on Online Journalism**. v.2, n.1. Primavera. p. 65-73. 2012. Disponível em: https://isoj.org/wp-content/uploads/2016/10/ISOJ_Journal_V2_N1_2012_Spring.pdf. Acesso em: 17 dez. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades** – resultados definitivos. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2ThnKox>. Acesso em: 17 maio 2021.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**. Paris: Minuit, 1963.

KOUKOUTSAKI-MONNIER, A. Narratives of the fake news debate in France. **The IAFOR journal of arts & humanities**, v. 5, n. 2, p. 3-22, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Angeliki-Monnier/publication/328700324_Narratives_of_the_Fake_News_Debate_in_France/links/5c1367cc299bf139c7572169/Narratives-of-the-Fake-News-Debate-in-France.pdf Acesso em: 30 maio 2023.

KUCINSKI, B. A nova era da comunicação: reflexões sobre a atual revolução tecnológica e seus impactos no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 1, p. 4-16, 2012.

LA CARTE de la presse pas pareille. **L'Âge de faire**. Provence, França. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3fvIkKR>. Acesso em: 17 maio 2021.

LAPERRIÈRE, A. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 410-435. (Coleção Sociologia).

LIMA, C. N. **Jornalistas, blogueiros migrantes da comunicação: em busca de novos arranjos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2015.

LIMA, S. P. (coord.). **Perfil do Jornalista Brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2021**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

MARAT, J.P. “Portrait de l’ami du peuple tracé par lui-même.” **Annales Révolutionnaires** 8, no. 5, P. 680 - 686. 1916. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41921875>. Acesso em: 20 maio 2023.

MÍDIA DADOS BRASIL 2021. **Grupo de mídia São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

NEWMAN, N. *et al.* **Reuters Institute digital news report 2022**. 2022. Disponível em: <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:994a6acc-de32-4f6d-8208-601c34797647> Acesso em: 21 julho 2022.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. *In*: SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÏTA, D. (Org.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. Tradução Inês Polegatto, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-30.

NOUROUDINE, A. COMPETÊNCIAS E PROFISSIONALIZAÇÃO NO “TRABALHO INFORMAL” | Competences et professionnalisation dans le “travail informel”. **Trabalho & Educação**, v. 25, n. 3, p. 11-54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9614>. Acesso em: 24 jun. 2022.

ORSATTO, F. L. O. O jornal impresso ainda resiste(?): uma análise sobre gêneros jornalísticos e suas transformações. **Trama**, [S.l.], v. 16, n. 37, p. 18-33, fev. 2020. ISSN 1981-4674. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23675>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PERUZZO, C. M. K. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona-Lusocom**, 2003. p. 141-162.

PAULIUKONIS, M. A. L.; GOUVÊA, L. H. M. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista Desenredo**, v. 8, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638/1800> Acesso em: 2 set. 2023.

PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale. 2013.

REUTERS; UNIVERSIDADE DE OXFORD. Reuters Institute Digital News Report 2022. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/interactive>. Acesso em: 22 jun. 2022.

ROCHA, D.; DAHER, M. D. C.; SANT'ANNA, V. L. A. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. **Polifonia**, v. 8, n. 08, 2004.

SANT'ANNA, L. O destino do jornal. **Revista UFG**, v. 9, n. 4, p. 9-15, 2008.

SCHWARTZ, Y. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação & Sociedade**, v. 19, p. 101-140, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RtKWfZVbWckMT8H3QLZWqqp/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2022

SCHARTZ, Y. Disciplina epistêmica disciplina ergológica paideia e politeia. **Proposições**, v. 13, n. 1, p. 126-149, 2002.

SCHWARTZ, Y. Circulações, dramáticas, eficácias da atividade industriosa. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 2, n. 1, p. 33–55, mar. 2004.

SCHWARTZ, Y.R. Produzir saberes entre aderência e desaderência. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 03, p. 264-273, 2009.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 19-45, 2011.

SCHWARTZ, Yves. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de hoje**, v. 49, n. 3, p. 259-274, 2014.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2. ed. Niterói, 2010.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e Ergologia II**: diálogos sobre a atividade humana. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro; Mauad, 1999.

SOLARI, N. L'Âge de faire: une scop de «presse pas pareille» à la croisée de mondes sociaux. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, v. 8, n. 1, 2019.

SOULA, M. Le secret par l'épée. Duel, vie privée et liberté de la presse (1819-1940). **Droit et cultures. Revue internationale interdisciplinaire**, n. 83, 2023.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. A interface estudos discursivos e estudos ergológicos. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 282-289. Jul.-set. 2014.

TEIGER, C. L'approche ergonomique: du travail humain à l'activité des hommes et des femmes au travail. **Education permanente**, n. 116, p. 71-96, 1993.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 93-113, ago. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/32V8DQK> . Acesso em: 22 julho 2022.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O discurso dos jornalistas na atividade de trabalho em veículos de comunicação do interior do Brasil e da França: uma análise ergológica e semiolinguística

Pesquisador: JULIA CAROLINE GOULART BLANK

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 46668021.0.0000.5342

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.737.070

Apresentação do Projeto:

Projeto de tese do Doutorado em Letras, de natureza exploratória, bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa serão jornalistas que atuem em veículos de comunicação em cidades do interior do Brasil e da França e o corpus será composto pela coleta de dados, feita por meio de entrevistas em profundidade que possuem um roteiro, um questionário semiestruturado, que permite maior liberdade para o entrevistado desenvolver seu ponto de vista em relação ao tema abordado, visando entender como se dão as relações de trabalho dentro desse meio. Haverá, ainda, a análise de reportagens produzidas por eles, e tornadas públicas pelos periódicos, tendo em vista verificar a influência das relações de trabalho na construção das notícias. Serão utilizados jornais impressos, dada a sua capacidade de adaptação aos novos meios digitais sem perder a relevância (ORSATTO, 2020), mantendo-se como uma fonte de informação confiável para os indivíduos e importante para a sociedade. As cidades serão classificadas de acordo com a presença de veículos de comunicação, deverão estar distantes ao menos 200km da capital de cada estado no caso do Brasil, e da capital do país no caso da França e possuírem entre 15 e 30 mil habitantes. Serão selecionados cinco profissionais, um em cada região do Brasil, sendo que o estado selecionado em cada região dependerá da concentração de veículos de comunicação e da acessibilidade para a realização da pesquisa. O mesmo critério será utilizado para a seleção de cinco das 18 regiões que compõem a França. Os veículos de comunicação serão selecionados

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar

Bairro: São José **CEP:** 99.052-900

UF: RS **Município:** PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 4.737.070

de acordo com a representatividade dentro da comunidade na qual estão inseridos, sendo dada a preferência para veículos com maior alcance. Os jornalistas serão selecionados conforme disponibilidade e, caso haja mais interessados em participar da pesquisa do que o corpus necessário, será dada a preferência para aqueles com mais tempo de trabalho na área. Será selecionada em igual proporção jornalistas do sexo masculino e feminino. Ao final, haverá a comparação dos resultados obtidos em cada estado para elaborar uma conclusão sobre o cenário do Brasil que, por sua vez, será contraposto com o cenário obtido na França, gerando um panorama da atuação dos jornalistas em veículos de comunicação de cidades do interior, bem como a projeção do mercado de trabalho nessa área nos dois países, enfatizando os pontos convergentes e divergentes encontrados ao longo da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a atividade de trabalho e os saberes dos jornalistas, que atuam na mídia em cidades do interior do Brasil e da França, que se refletem e significam na construção do discurso desses profissionais ao estabelecerem estratégias para a realização do ato de linguagem como encenação.

Objetivo Secundário:

- a) Evidenciar as estratégias discursivas para a realização do ato de linguagem como encenação utilizadas pelos jornalistas na atividade de trabalho;
- b) Verificar como as normas e renormalizações da atividade de trabalho do jornalista agem na seleção e elaboração de pautas, bem como isso afeta o contrato de comunicação estabelecido com a audiência;
- c) Especificar a relação entre os saberes adquiridos pelo jornalista e as circunstâncias de discurso vivenciadas por esses profissionais;
- d) Explicar como as dramáticas dos usos de si estão presentes na situação de comunicação que envolve os jornalistas e seu dia a dia de trabalho;
- e) Identificar os aspectos convergentes e divergentes nos discursos e na atividade de trabalho de jornalistas brasileiros e franceses.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Esta pesquisa não oferece qualquer risco para os participantes, uma vez que suas identidades serão totalmente resguardadas e não serão citadas, em nenhum momento, nos relatos da pesquisa. Durante a entrevista, não será solicitado o nome ou qualquer outro dado que possa identificar os participantes. No relato da investigação trataremos os entrevistados por entrevistado

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar
Bairro: São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 4.737.070

1, entrevistado 2, entrevistado 3 e assim por diante. Durante a pesquisa apenas os discursos sobre a atividade serão considerados, qualquer nome citado nessas verbalizações, será imediatamente excluído e não utilizado na investigação. A participação na pesquisa será de forma voluntária, sendo garantido aos participantes o direito de desistir dela a qualquer momento, bastando, para isso, apenas comunicar à pesquisadora o desejo de desistência. O material coletado se destinará somente à realização da pesquisa, sendo que ao final dela tais informações serão deletadas. Se for identificado algum sinal de desconforto psicológico ou constrangimento do sujeito durante a participação, a pesquisadora compromete-se em orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a) para os profissionais especializados na área do Núcleo de Apoio Pedagógico da Universidade de Passo Fundo.

Benefícios:

- a) refletir sobre a formação e a atuação profissional do jornalista;
- b) evidenciar opiniões dos jornalistas a respeito da mídia;
- c) contribuir para a compreensão acerca da atividade laboral e as dramáticas vivenciadas diariamente no trabalho;
- d) sugerir melhorias em relação aos locais de trabalho e à profissão de jornalista como um todo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de tese de doutorado em Letras que apresenta clareza quanto ao problema de investigação, os objetivos, o procedimento metodológico e os referenciais que serão utilizados. Os documentos e as autorizações constam do processo e todas as exigências encontram-se cumpridas. A proponente da pesquisa informa que as entrevistas serão realizadas em local público e em decorrência solicita dispensa da apresentação de autorização da instituição onde será realizada a entrevista. Consideramos que em razão de não haver a identificação de qualquer nome de jornalista e de qualquer veículo de imprensa, a dispensa da autorização é justificada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os direitos fundamentais do(s) participante(s) foi(ram) garantido(s) no projeto e no TCLE. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos do (a) pesquisador (a) e das instituições envolvidas estavam presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos científicos, metodológicos e éticos.

Recomendações:

Após o término da pesquisa, o CEP UPF solicita:

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar
Bairro: São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 4.737.070

- a) A devolução dos resultados do estudo aos sujeitos da pesquisa ou a instituição que forneceu os dados;
- b) Enviar o relatório final da pesquisa, pela plataforma, utilizando a opção, no final da página, "Enviar Notificação" + relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução n. 466/12, do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da Saúde, Brasil, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1735411.pdf	10/05/2021 10:04:40		Aceito
Outros	julia_declaracao_pesquisa_ainda_nao_iniciada.pdf	10/05/2021 10:04:14	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_julia.pdf	14/04/2021 14:15:25	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	solicitacao_Julia.pdf	14/04/2021 14:13:05	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
Orçamento	orcamento_Julia.pdf	14/04/2021 14:07:14	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
Cronograma	cronograma_Julia.pdf	14/04/2021 14:07:00	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista_Julia.pdf	14/04/2021 13:58:42	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Julia_Blank.pdf	14/04/2021 13:36:26	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Julia_projeto_de_tese.pdf	14/04/2021 13:36:08	JULIA CAROLINE GOULART BLANK	Aceito

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar
Bairro: São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 4.737.070

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PASSO FUNDO, 26 de Maio de 2021

Assinado por:
Felipe Cittolin Abal
(Coordenador(a))

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar

Bairro: São José **CEP:** 99.052-900

UF: RS **Município:** PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – RESUMO DA OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Classificação	Critério de Análise	Jornalista 1	Jornalista 2	Jornalista 3	Jornalista 4	Jornalista 5	Jornalista 6
Ambiente	Ambiente de trabalho	Sala organizada, bem ventilada, climatizada. Pequeno espaço para preparar/armazenar lanches e bebidas. Espaço para armazenamento de materiais em outra sala.	Sala média e bem ventilada, dividida entre os dois profissionais que atuam no jornalismo. Balcão muito alto para o suporte do monitor do computador. Pouco espaço de bancada para guardar jornais e outros materiais.	Sala pequena, mal climatizada, cadeira desconfortável, pouco espaço para receber entrevistados, barulho da gráfica, do comércio e de veículos.	Espaço amplo e bem iluminado, compartilhado por todos os profissionais que trabalham no jornal. Decorado com banners do próprio jornal impresso e ilustrações feitas pelos profissionais que trabalham lá. Passa uma sensação de comunidade e compartilhamento. Possui uma pequena sala de reuniões/entrevistas.	Espaço pequeno e bem iluminado, sem climatização para o verão. São duas salas ocupadas pelos profissionais do jornal, nas quais não há decoração, apenas o material de trabalho. Pouco espaço para armazenamento de materiais, são usadas caixas de papelão para guardar documentos.	Não houve visita à sede física do jornal. Jornalista relatou que realiza a maior parte das atividades no computador em sua casa (Home office).
	Material de trabalho	Cadeira confortável, computador com configuração adequada para o trabalho e tela de bom tamanho (24"), câmera fotográfica.	Cadeira confortável, computador com configuração adequada para o trabalho e tela de bom tamanho (21"), câmera fotográfica.	Computadores com configuração adequada para o trabalho, mas com monitores pequenos (14"), cadeiras desconfortáveis e ergonomicamente inadequadas.	Jornal bem estruturado, oferece computadores de última geração, softwares de desenho e edição e câmeras fotográficas. As mesas e cadeiras não são ergonomicamente adequadas. Há pouco espaço de armazenamento para	Jornal com pouca infraestrutura de apoio aos jornalistas, os computadores são satisfatórios para a demanda e possuem telas de bom tamanho (24"), possui cadeiras de escritório confortáveis, mas o mobiliário é antigo e as mesas de trabalho	Jornal com pouca infraestrutura de apoio aos jornalistas, o material de trabalho é composto por computador e câmera fotográfica. No deslocamento para a cobertura da Soirée do jornal 5, o jornalista utilizou seu próprio

					objetos pessoais (como casacos) e documentos. Estilo minimalista.	são pequenas para a demanda dos jornalistas.	veículo e celular para a cobertura.
	Infraestrutura de transporte	Faz as reportagens à pé.	Possui veículo à disposição para deslocamento até os locais das entrevistas.	Possui veículo à disposição para deslocamento até os locais das entrevistas.	Atividades prioritariamente realizadas de forma on-line, ou utiliza transporte público para o deslocamento.	Entrevistas prioritariamente realizadas de forma on-line.	Entrevistas prioritariamente realizadas de forma on-line, ou utiliza transporte público e carro próprio para o deslocamento.
Profissional	Postura com entrevistados/parceiros comerciais	Adota regras de polidez durante a entrevista, mas se permite agir com mais espontaneidade durante a preparação das gravações. Foco no propósito da reportagem.	Tem flexibilidade entre a postura séria de jornalista e a integração com a comunidade, pois conhece bem os entrevistados e suas funções. Foco no propósito da reportagem e no formato digital e radiofônico,	Está há mais tempo em interação com as mesmas fontes, o que permite adotar uma postura mais informal durante as entrevistas. Mais liberdade para expressar a própria opinião.	O jornalista não trabalha diretamente em contato com os entrevistados, a atividade dele está voltada para a edição do material.	Postura séria e concentrada, demonstra preocupação na organização da entrevista para que tudo saia de acordo com seu planejamento, garantindo o funcionamento do equipamento (gravador + celular) e evitando ruídos. Procura deixar o entrevistado a vontade para falar e	Postura descontraída com o entrevistado, linguagem mais coloquial para aproximar-se do público. Liberdade para expressar sua opinião e respeito a opinião do entrevistado.

			além do impresso.			atem-se ao tema da entrevista.	
Postura com colegas	Tratamento informal, contatos pessoais além do profissional (interação em redes sociais e fora do ambiente de trabalho)	Relação tranquila e integrada com os outros profissionais, transmite uma sensação de pertencimento à empresa (trabalho patrimônio).	O profissional trabalha sozinho no jornal, portanto não possui colegas de trabalho diretos. Indiretamente, possui uma boa relação com outros jornalistas.	Periódico mais hierarquizado, jornalista "chefe" senta-se na ponta da mesa durante a reunião e coordena as pautas a serem discutidas, responsável pela organização do trabalho e delegação de tarefas, bem como o acompanhamento do andamento dessas atividades. Há muito respeito nas trocas languageiras, embora não utilizem linguagem formal, as trocas são muito educadas.	É a jornalista que demonstra mais preocupação com a organização da atividade de trabalho e com o bom funcionamento do jornal. Procura circular e conversar com todos para verificar como estão as tarefas, sem deixar de executar as próprias tarefas. "Mãe" do grupo.	Relação de amizade e parceria entre os profissionais, as trocas languageiras são mais informais e tratam sobre temas pessoais e profissionais de maneira mista.	

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DOS TRECHOS ANALISADOS DAS ENTREVISTAS

Entrevistado	Prescrito versus real	Saberes constituídos e investidos	Digitalização e futuro do jornalismo
--------------	-----------------------	-----------------------------------	--------------------------------------

<p>J1 (RS)</p>	<p>[J1]: então eles estavam precisando de alguém aqui para ajudar a ((nome de uma colega)) né que ela/era trabalhava sozinha aqui no jornal e por fim ela acabou saindo e ficou só eu né aqui... mas enfim era para fazer reportagens e cobertura dos eventos né era para/precisava de uma repórter aqui para ir atrás de matérias ir nos eventos... né atender aqui no jornal também porque quando a ((nome de uma colega)) que é coordenadora daqui ela vai bastante pela rua assim vê se não fica sozinho aqui no escritório também</p> <p>[Pesquisadora] e qual que é a diferença do trabalho que você foi contratada para fazer o que você realmente faz aqui no teu dia a dia?</p> <p>[J1] assim diferença assim não... no caso falar uma função a gente acabou fazendo outras assim você diz? não teve assim eu digo muita diferença sabe só no começo eu fiquei com um pouco de dúvida porque eu sempre trabalhei em rádio né eu pensei ah tenho que me adaptar como que vai ser né... ahn o que foi acontecendo assim foi a adaptação né... só a tipo assim a diferença que eu te disse é a questão das vendas a gente/eu ajudo um pouco assim sabe... né mas no geral é as reportagens de eventos que eles é que eles falaram para mim alguma coisa de montagem de anúncios as vezes se/está corrido... né mas a montagem no geral é tudo em ((cidade do outro jornal)) que acontece né...</p>	<p>[J1] é quando eu comecei a cursar ((jornalismo)) eu trabalhava numa escolinha né... não tinha nada assim de conhecimento na área né... daí eu fui adquirindo na rádio quando eu trabalhava né claro a faculdade a gente sabe tu sabe como é também que é mais ali na prática na vida que a gente vai aprendendo né... é assim Na/Na rádio que eu comecei assim contato com as pessoas as entrevistas... né No/No ramo de jornalismo comecei ali na rádio e aqui a parte do jornal foi tudo praticamente ali com o tempo aprendendo sabe... aprendendo sozinha assim né e a faculdade também... é eu ainda estou cursando sabe né uma hora eu me formo também como eu te disse... ahn está me ajudando bastante agora porque justamente nessa época eu estou tendo aula de redação sabe que é o que eu estou ocupando/usando aqui né também... é que nem a parte de edição assim eu tive alguma coisa daí quando eu fui para fazer/aprender a montar porque querendo ou não a gente não pratica né fica tempo sem praticar né alguma noção eu já tinha também né a faculdade na verdade é de tudo um pouco né mas o resumido assim para o que é o jornalismo a gente aprendeu né como é o convívio com as pessoas... né como assim tu fazer uma matéria tu chegar na pessoa para fazer uma matéria... como ter o teu lado jornalista sabe também... o lado humano assim das pessoas... é como tu te tornar jornalista assim no dia a dia né a questão da prática e teoria é com o tempo assim que vai adquirindo né também claro tem várias matérias né na faculdade assim mas resumindo assim é isso</p> <p>[Pesquisadora] qual é a principal diferença que você percebe da faculdade para a prática do dia a dia?</p>	<p>[Pesquisadora] e você tem todos os materiais que você precisa para trabalhar com a parte tanto impressa quanto digital?</p> <p>[J1] sim a questão do material assim para o impresso é:: eu preciso mesmo do computador ali sabe e meu celular que é essencial né a Câmera digital a gente tem claro a Câmera aqui mas hoje em dia eu uso bastante o celular né sabe como é a gente está... comprei um celular melhor eu quase nunca uso a Câmera né mas se precisar claro a gente tem a Câmera profissional aqui concordância/discordância elocutivo e tenho um computador e internet assim para aqui no escritório está ótimo aí o celular aqui... a questão do online é... o essencial é o celular né também então hoje se tem/que nem antigamente não teria tudo isso sabe eu estou simplesmente com o celular ali colocar várias informações para as pessoas saberem sabe</p> <p>[Pesquisadora] o jornal te forneceu um smartphone?</p> <p>[J1] eu uso meu uhum eu tinha um até para mim foi melhor né eu tinha um assim que não era muito bom um LG K 9 eu tinha daí eu ia gravar alguma coisa ah memória cheia sabe ou a qualidade não era muito boa das fotos daí eu precisava mesmo trocar né e já para o meu trabalho e o note também eu investi em casa para as aulas também agora fugindo da tua... investi no note também que eu não tinha em casa que eu não precisava muito tinha um que estava estragado então tive que comprar outro né... muito daí até para o jornal ajuda às vezes também para ti:: as vezes tu está em casa acontece alguma coisa tu quer postar</p>
----------------	--	---	---

		<p>[J1] é teoria é... vários conteúdos assim né que a gente vai aprendendo em várias matérias né de tudo um pouco assim só não tem o:... claro a gente tem trabalhos práticos também né só não tem a:: a convivência né a tua maior responsabilidade assim tá no teu trabalho né que nem na faculdade a gente está aprendendo e aqui a gente está:: para vários assinantes ler o jornal sabe já é meu trabalho já tenho que cuidar ser mais responsável sabe também...</p>	<p>sabe tem o celular mas para postar no site é melhor o note sabe muitas vezes no fim de semana as vezes eu não estou na cidade daí eu só compartilho as vezes tu está na correria a gente está sempre conectado né se desliga um pouquinho já pensa bah tem que postar isso</p>
--	--	--	---

<p>J2 (PR)</p>	<p>[J2]: É... inicialmente seria redação é... cuidado das redes sociais site do jornal e também o vínculo no site do jornal e também o vínculo um pouco com a rádio eu acredito que não houve muita mudança é... houve para um aperfeiçoamento do trabalho né... é... um adquirir conhecimentos em algumas áreas distintas da que eu atuava e hoje eu trabalho um pouco mais na diagramação não/não me desliguei da redação não me desliguei do site nem da rádio mas hoje eu exercito também a função de diagramadora então no dia a dia né... [Pesquisadora] Como você gerencia o tempo para dar conta do da demanda de trabalho? [J2] eu acho bacana essa/essa pergunta porque vai além até mesmo da questão profissional porque eu/eu é... uma bagagem que vem até de casa de você ser organizado em casa eu conseguir conciliar as atividades domésticas por exemplo e atuar aqui então eu tenho uma/uma organização de horários tento por exemplo de manhã procurar um contato com Fontes procuro produzir matérias e a tarde eu gosto de me dedicar mesmo para a diagramação organização das páginas do jornal algo nesse sentido (...) você vai se adaptando a equipe vai vendo a rotina do todo mas claro é uma... é um/um pontapé meu se eu né... há eu vejo que tem que ser dessa forma vou conversando com o meu superior né com a galera aqui mas tento fazer da/da minha forma para/para melhorar o meu rendimento</p>	<p>[J2]: Eu vejo que o jornalista, a profissão do jornalista ela demanda de constante adaptação, é... buscar conhecimentos, você não pode ficar estagnado naquilo que você aprendeu na faculdade. O que eu aprendi, por exemplo, quando eu saí da faculdade é diferente de quem está saindo hoje, é então é necessário sim estar evoluindo é... buscando conhecimentos e da minha forma eu busco bastante com cursos. Eu tenho pós-graduação já e pretendo não parar. Então por exemplo até o jornalismo digital exige que você, né? Se adapte aos meios e vá ampliando o teu conhecimento, teu leque de atuação.</p> <p>[J2]: Eu vejo às vezes que o jornalismo é pouco, não sei se é a palavra correta de utilizar, injusto, porque eu lembro até quando eu fiz a pós-graduação, os professores falavam muito sobre a questão da internet permitir com que as pessoas leigas do jornalismo pudessem participar, um jornalismo participativo, então hoje é... eu vejo que nós temos uma certa concorrência até mesmo com portais que não são jornalísticos, que são portais informativos, é... então eu vejo um pouco, é... esse é o principal empecilho, você vem com a tua formação, produz a matéria e tem todo o conhecimento para fazer uma matéria mas você tem que concorrer com uma pessoa que simplesmente foi lá e ah coletou as informações escreveu de qualquer maneira e publicou nas redes. Ah, há necessidade do jornalista realmente ter um diploma? Eu acredito que sim, todo profissional precisa, para atuar na tal área você precisa ter esse conhecimento, precisa demandar de um aperfeiçoamento, por exemplo, então eu vejo</p>	<p>[J2]: É... o jornalista desde que, lá dos primórdios, quando se instituiu a profissão de jornalista, ele tem um papel de formação, ele ajuda, contribui muito na sociedade para uma formação de opinião, vai muito além do informar, ele vai para formar então eu vejo que o jornalista ele sempre vai ter uma caminhada muito junta à sociedade, é... então, eu espero que o futuro possa manter essa relação do jornalista com a sociedade da melhor maneira possível, da maneira mais positiva. Como eu falei além de informar, nós temos esse papel de transformar a sociedade.</p>
----------------	--	---	--

		<p>que essa valorização do profissional jornalista é necessária hoje, é... nós vemos tantos e tantos exemplos aí, né? Jornalista que não pode falar aquilo que pensa, né, ou até mesmo perseguição.</p>	
--	--	---	--

<p>J3 (MG)</p>	<p>[J3]: Quando eu fundei ((o jornal)) em 1997 ((cidade do jornal)) já possuía um jornal que era publicado praticamente somente artigos não tinha notícia tanto que eu escolhi o nome de ((nome do jornal)) porque/porque eu queria tornar um jornal popular para a cidade que naquele tempo também não tinha muita internet não tinha um meio digital era menor então eu queria divulgar as notícias da cidade aí as notícias da cidade notícias mesmo e procurar divulgar de todos os lados ser um jornal assim... é... mais imparcial possível é o que eu procurei no começo entendeu esse era o objetivo dar a informação para o povo numa linguagem bem popular porque o pessoal daqui é bastante simples então eles tinham que entender isso... [Pesquisadora] e quais as diferenças que o senhor vê desse trabalho que o senhor se propôs a fazer para o trabalho que executa hoje em dia? [J3] totalmente diferente primeiro que quando eu comecei com o jornal primeiro era um jornalista inexperiente eu não tinha muita experiência segundo hoje eu já ganhei bastante experiência 25 anos então em um jornal no interior para sobreviver ele/não existe outra maneira a não ser estar meio mais ou menos aliado com o poder público porque só de propaganda de comércio é... como se dissesse assim ó como o jornal é a distribuição grátis não tem assinatura né então é... e só de propaganda de comércio não paga nem a impressão então você tem que estar mais ou menos alinhado ao poder público e estando alinhado ao poder público você querendo ou não você fica refém desse pessoal muitas coisas você às vezes evita de... para colocar no jornal você... não modificar não partir para a mentira nada disso mas você às vezes faz até vista grossa mesmo no/no em algumas coisas outras coisas</p>	<p>[J3]: Não, eu fui me organizando ao longo do tempo, ninguém me orientou não, isso foi a experiência mesmo de vida, que fui aprendendo e a medida do possível eu fui me adaptando ((gagueja levemente)) às vezes em alguns lugares a sorte batia pro meu lado, por exemplo, em Bom Repouso mesmo, o jornal meu quando eu comecei não circulava lá, aí uma pessoa que ganhou de prefeito lá, era daqui de Borda da Mata, amigo meu, então ele chamou para trabalhar lá, fazer o serviço da prefeitura lá e eu continuo fazendo entrevista até hoje lá. Então são essas coisas que vão encaixando no decorrer da caminhada, você entendeu? E assim eu fui percebendo e fazendo amizades, fazendo contato e atendendo muito bem o pessoal e fazendo com que o jornal se tornasse bastante lido, bem aceito. O pessoal vai passando um para o outro e assim vai chegando até mim, mas fui organizado, não tive orientação de ninguém lá, a não ser a orientação que eu tive da faculdade, mas a faculdade ensina a gente ser jornalista, não ser dono de jornal. [Pesquisadora]: Conta um pouco mais sobre essa experiência na faculdade, o que o senhor aprendeu. [J3]: na faculdade eu aprendi a escrever, na realidade eu aprendi a escrever e fazer o que eu sempre faço e o que eu sempre fiz a vida inteira: muito esforço. É esforço, esforço, esforço, esforço, porque o que eu aprendi lá na faculdade, eu já aprendi tendo um projeto experimental meu, que eu fiz de assessoria de imprensa, no último dia um dos melhores professores que nós tivemos até me elogiou muito, me deu a nota 9,8, uma coisa assim, e como é que fala? Aí falou que num grupo que</p>	<p>[J3]: Eu mantenho os dois produtos, mas a parte digital não me dá lucro nenhum, ela só não me dá prejuízo, porque eu tenho alguns anunciantes, poucos, que fazem anúncio no site que paga praticamente a despesa só do site, porque o site tem uma certa despesa, o domínio, manutenção, essas coisas, sobra muito pouco. Praticamente é... não me dá lucro, o dá lucro é o jornal impresso, mas o jornal impresso ele serve para captar as notícias, por quê? Porque através do jornal impresso eu faço as notícias do jornal impresso, quem faz comigo no caso são as prefeituras e elas fazem comigo já na intenção de eu divulgar no jornal impresso e divulgar no ((gagueja)) digital também que é no site, que o site meu, acaba, eu publico mais matérias só dessas quatro cidades, não é um site assim aquele que, por exemplo, caiu um avião lá em São Paulo eu já coloco no meu site aqui, não é nada disso, meu jornal aqui, o meu, é como se o meu site, eu tento fazer como se fosse uma biblioteca virtual desses quatro municípios. Se há 10 anos atrás, você procurar alguma coisa que você queria que foi notícia em Borda da Mata, você procura lá, se tiver um nome, talvez você vai encontrar lá, você entendeu? Mas se você for procurar lá do Rio Grande do Sul, por exemplo, você não vai encontrar. No começo do site, também por falta de experiência, eu colocava notícia de todos os lados, entendeu? Artigo... Porque eu recebo em média duzentos emails por dia de notícia do Brasil inteiro para a gente por no jornal, só que a gente não coloca, então eu, no meu jornal é</p>
----------------	---	---	---

	<p> você tenta amenizar e além de tudo isso por ser uma cidade pequena de 20000 habitantes a gente acaba conhecendo todo mundo então a gente conhece todo mundo de/de política de um lado e de outro e acaba criando uma certa amizade que isso também vai meio que é cortando a gente a gente vai tirando aquela liberdade que eu tinha no começo que no começo eu... se aparecia uma matéria mais polêmica eu ia atrás ouvir os dois lados sempre ouvir os dois lados nunca deixei de ouvir os dois lados e colocava no jornal sem nada agora hoje eu já não faço mais isso porque essas matérias polêmicas se eu colocar no jornal né recebo ameaça é que vai cortar a verba que vai cortar isso vai cortar aquilo então você tem que optar ou manter com o jornal é... financeiramente ou fechar o jornal porque fazê-lo do jeito que você quer como eu fiz no começo faz durante três/seis/seis meses fecha o jornal. </p>	<p> tinha uma pessoa como ((J3)) dificilmente o trabalho deixaria de ser muito bom, por quê? Pelo esforço, porque eu sempre esforcei, sempre corri atrás, eu sempre, ele mesmo falou, eu sempre demonstrei querer aprender e continuo até hoje, querendo aprender. Então eu sempre estou buscando aprendizado, aprendi coisas novas, tanto é que o jornal está cada vez mais modernizando para adaptar essa, essa transição que tá tendo aí de impresso para digital, por isso que o meu jornal hoje tem o site, que já faz... o site já deve fazer uns quinze anos que eu tenho, não lembro bem exatamente eu data, foi em 2008 eu acho que eu lancei. Então é... tem o site, tem a página do Facebook, tem o Instagram, tem um grupo de WhatsApp que o publica a edição impressa em PDF e Instagram, sabe? Eu acho que é isso que tem... ele é completo o jornal na parte digital e tem a parte impressa. </p> <p> [J3]: Então eu acho que a Esperança que eu tinha para os jornalistas é que esse pessoal que está fundando, que está nascendo agora, fazendo aí jornalismo, primeiro não desistir de fazer a faculdade, porque a faculdade é muito importante, sem a faculdade o povo acha que sabe escrever, mas não sabe, mas não adianta que não tem a técnica do jornalismo, que a técnica do jornalismo é totalmente diferente da técnica de um leigo que vai escrever. Às vezes a pessoa é formada em letras é formada em outras coisas, tem várias formaturas, mas chega na hora de escrever, passar a informação para que a pessoa consiga entender, ela não consegue, então, para isso ele tem que ser jornalista, então é importante fazer faculdade. Depois de fazer a faculdade é tentar bater nesse meio aí, dá importância da informação correta, </p>	<p> colocado só notícias nessas quatro cidades ou alguma coisa fora daqui que tenha relação com aqui, você entendeu? </p>
--	---	--	---

		<p>fácil de interpretar e fácil para a pessoa entender. Eu acho que a partir... Esse é o conselho, que eu gostaria que todos jornalistas fizessem isso, que a partir do momento que fizer isso, eu acho que a profissão, quem sabe, volta a valorizar e a esperança é que o pessoal, também, essas autoridades parar de massacrar os jornalistas achando que qualquer um pode ser jornalista ou esse negócio de tirar exigência de diploma de jornalista, isso é um absurdo, porque a pessoa, como é que fala? É... não sabe escrever, como é que vai ser jornalista? Não tem como.</p>	
--	--	---	--

J4 (Paris)	<p>[J3]: J'ai toujours connu ce journal déclinant. Dès que je suis arrivé, ça a commencé à aller mal. Ça, ça allait tout le temps mal et il y a un truc a vraiment c'est chiant d'être dans un truc où tout va mal, où les ventes se casse la gueule tout le temps. On a envie que ça marche pas, on a envie d'un truc qui marche chez nous et c'est aussi ça qui nous a déterminé. Et puis se dire tiens, c'est quelque chose de lancer sa propre boîte. Des choses qu'on ne connaissait pas du tout. C'est, mais c'est notre propre boîte et on fait ce qu'on veut, ce qu'on pense bien. Moi, j'ai beaucoup aimé Libération, je l'ai beaucoup critiqué. Au bout d'un moment, il fallait se dire Alors si tu, au lieu d'ouvrir ta gueule, si, si, tu lui faisais vraiment, toi, ton truc à toi, si tu n'arrives pas à changer Libération de l'intérieur, eh bien va t'en et fais ton propre truc à toi. Et ça veut dire ça veut dire que c'est aussi l'envie d'entreprendre quelque chose, de monter un projet de A à Z, d'être. Moi, j'ai toujours été fasciné par Libération. J'ai adoré ce journal, j'ai adoré ça. Cette création venue de l'extrême gauche. Et moi, quand j'étais obligé, beaucoup plus jeune, je ne voulais pas devenir journaliste ou devenir journaliste à Libération. Donc c'était vraiment une histoire, une histoire d'amour. Et puis, au bout de l'histoire d'amour, c'est un peu étioilé. Mais pas sans ça. Déception. Je me voyais pas aller travailler dans un autre journal. La seule solution, c'était qu'on crée notre propre journal. Et avec Où, on maîtrise toute la chaîne de fabrication où on apprend des choses qu'on ne connaît pas, sur comment on fait pour monter un site web, pour faire un site qui soit différent des autres. Comment maîtriser des choses de développement que développement informatique, de marketing, d'apprendre de</p>	<p>[J3]:Je n'ai jamais trouvé de bons termes pour être pour, parce que je ne sais pas vraiment ce que c'est être journaliste. Mais pour moi, c'est être curieux, juste être curieux de tout. Et moi, j'ai l'impression que je pourrais faire une série journalistique sur ce qui se passe dans ce truc et faire 200 épisodes sur juste la vie de cette rue. Et je suis sûr qu'en prenant une rue, on raconte plein de choses. On raconte les cracké qui passent dans le quartier les plus vieux, l'immigration. Et il y a ici un quartier où il y a pas mal de juifs intégristes et en même temps des musulmans. Et moi je les ai jamais vus se taper dessus. C'est à partir du moment où un sujet devient brûlant. C'est le seul terme que j'ai trouvé quand on en parle beaucoup. Puissance, ça a l'air super ce sujet.</p>	<p>[Pesquisadora]: Et on parle. On parle de futur des professions. Comment vous pensez que c'est le futur de journalistes qui travaille à ((nome do jornal)) [J4] Mais il est compliqué. Il est compliqué parce qu'il y a beaucoup de médias indépendants et il y en a très peu qui vivent, qui survivent. Les gens font que survivre à la limite et vous avez dû voir qu'il y a beaucoup de médias indépendants. Ils sont donc là, ils sont. On est en permanence en train de faire des campagnes, sauvez nous. On a besoin de 1000 abonnés de plus sinon sinon on ferme, et cetera. Le cas de Médiacité actuellement. En gros, il n'y a que Mediapart qui vit bien. Donc ça va pouvoir durer longtemps. Peut être qu'il y a une tradition en France du petit média indépendant qui vivote dans son coin. Moi, je me dis moi j'ai pas envie qu'on vivote parce que survivre pour y arriver comme ça, j'ai pas envie de travailler autant que je travaille depuis ce temps là. C'est ce qui est normal et donc l'avenir passe par différentes choses. Il y a par exemple le gouvernement qui tarde aujourd'hui à mettre une aide en place au pluralisme parce que moi, je trouve que c'est aussi le rôle de l'État d'assurer un pluralisme, d'assurer le pluralisme de la presse et de faire que des médias puissent différents médias puissent exister comme il le fait avec la presse papier. Ils alimentent largement Le Monde, Le Figaro, Libération, l'Humanité. Il n'y a pas de raison qu'il n'aide pas aussi les médias indépendants. Mais après, il y a les marques. Il y a beaucoup de médias qui qui</p>
------------	--	---	--

	<p>nouvelles choses, de ne pas de s'exprimer en public parce qu'on en parle beaucoup en public.(...) On savait que ce serait dur. On pensait pas que ce serait aussi dur, mais après, c'est des choses. Par exemple, on pensait que, au bout de on pensait, on s'est lancé en 2016 en. On pensait qu'au bout de trois ans, on serait une équipe de 25 journalistes et en fait, on est douze aujourd'hui parce que c'est difficile, c'est parce qu'on a pas. On a pas assez de monde. En fait, on a décollé très très vite, très très vite. On est arrivé à 8000 abonnés très vite, en deux ou trois ans, on était à 8000 abonnés. Aujourd'hui, on est à 11 000. On est, on a dû monter jusqu'à 13 000. Aujourd'hui, on est à 11 000. Ça, on est à l'équilibre financier tout juste. Mais c'est déjà un exploit. Et si on savait que ce serait dur, on pensait pas que ce serait aussi dur. Et c'est beau. Moi, je travaille énormément déjà à Libération et on travaille dix fois plus ici et avec beaucoup de métier parce que moi, je suis directeur de la rédaction, donc l'animation de la rédaction, chercher des idées et trouver des gens.</p>		<p>s'arrêtent régulièrement parce que parce qu'une personne ne peut pas se dire ils sont sympa les jours, mais si je n'ai plus d'argent, si je devais choisir entre mon abonnement au Monde et mon abonnement au jour, j'ai gardé plutôt l'abonnement au Monde. Et ce qui est normal parce que c'est un média qui est un grand média, qui est un bon média, qui traite de toute l'actualité. Nous, notre truc à faire, c'est de réussir à devenir indispensable. Mais l'avenir est compliqué pour les pour les médias indépendant, parce que je sais, je ne sais pas à quel point je crois qu'en France on est un des à des pays où il y a beaucoup de médias, de petits médias qui se créent comme ça s'est fait. J'ai vu ça quand on s'est, quand on s'est lancé aux Jours, on a regardé ce sur les autres pays il y a assez peu, d'autres de il y a assez peu de pays avec autant de petits médias comme ça.</p>
--	---	--	---

<p>J5 (Jornal Provence) 1 -</p>	<p>[J5]: Alors, euh bah la première chose c'est que donc on a pas de on a pas de chef on a 2 cogérants qui sont élus pour 4 ans en assemblée générale, mais c'est vraiment... c'est c'est c'est un titre, mais en réalité les pouvoirs sont partagés, en tout cas toutes les grandes décisions sont prises dans nos réunions. Chaque mois on se réunit en fait et on discute de la vie de l'entreprise et c'est là qu'on prend les décisions après sur la gestion de l'entreprise au quotidien il y en a qui sont plus impliqués que d'autres, euh mais chacun malgré tout fait, enfin voilà on a tous des rôles différents et et on contribue tous à la vie de l'entreprise. Il y a une difficulté, c'est le fait qu'on vit pas tous sur place, donc ici en permanence... on est les 3 vraiment ... en gros une semaine par mois enfin on est vraiment ensemble une semaine par moi, donc ça fait des moments chouettes, parce qu'on se retrouve c'est assez intense, mais il y a c'est aussi créateur de tensions, parce que parce que la distance en fait ça crée des c'est lourd en fait bah il faut communiquer par internet des fois ça peut créer des incompréhensions, ceux qui sont ici parfois on a l'impression d'en faire plus que ça repose plus sur nous, que les autres ils sont plus déconnectés de la vie de l'entreprise, qu'ils oublient les choses enfin voilà ça a créé une implication qui est pas tout à fait la même quand même, même si son malgré tout engagé dans leur travail hein mais donc ça ça peut créer des tensions, voilà mais après on essaye de les résoudre et en tout cas malgré tout on ben... on est quand même c'est nous qui prenons les décisions et après on ouais y a aussi une des difficultés c'est en fait on a toujours, on essaye toujours d'être vachement souple par rapport à ce que souhaitent les uns et les autres quand bah là</p>	<p>[J5]: Alors, moi j'ai j'ai fait, j'ai pas fait beaucoup d'études, mais j'ai fait 2 ans d'histoire à la fac et après j'ai fait un IUT de journalisme, donc c'est une formation les IUT je sais pas si tu vois ce que c'est, c'est une formation technique en fait t'en as dans tous les métiers en France et c'est niveau bac plus 2. Tu peux les IUT de journalisme comme il y en avait pas beaucoup tu devais quand même faire un passé un concours et voilà, donc souvent y avait des gens qui avaient un peu de fac, mais donc j'ai fait ça donc c'est une formation de 2 ans où c'est très pratique et qu'il y a beaucoup de stages, alors donc tu passes c'était à Bordeaux et tu passes par la presse quotidienne régionale voilà, tu fais des petits contrats comme ça et après moi j'ai ben j'ai fait ça, j'ai pendant un an j'étais à Lyon je faisais des piges, je travaillais aussi dans la en restauration parce que j'avais pas assez de boulot de journaliste et après donc je suis partie aux Comores d'abord dans un hebdomadaire local à Mayotte et après donc on a créé ce journal à l'échelle de l'archipel et voilà j'ai aussi beaucoup beaucoup appris dans ce cadre-là d'avoir mon propre journal, enfin j'avais quand on l'a créé j'avais 25 ans donc voilà c'était un peu le rêve pour un jeune journaliste, on bosse, on fait que bosser mais c'était vraiment très très bien, donc j'ai appris bah oui ça s'apprend vraiment sur le terrain le journalisme de toute façon et voilà et après ben... c'est oui tu expérimentes au fur et à mesure, là moi mon enjeu de sur le savoir-faire c'est plus par rapport à l'éducation aux médias parce que j'en pratique depuis des années et des années, mais j'en fais ben dans un IUT justement à Digne (não peguei o nome da cidade) pas très loin mais c'est la gestion</p>	<p>[J5]: Ouais, on a un site internet depuis longtemps, par contre il est payant depuis pas longtemps et bah pour l'instant ça démarre doucement et on n'est pas, on n'est pas encore très au point, en fait c'est compliqué on est ben, c'est lourd en fait de mettre en place un site internet payant et c'est lourd pour une petite structure comme nous, pour l'instant on est encore un peu dépassé par les enjeux techniques et tout ça, donc voilà on avance doucement après le le rapport pour l'instant c'est le papier qui nous fait vivre hein très très largement, le, l'internet pour l'instant c'est voilà, c'est à la marge, mais bon on se dit que on pourra pas y échapper et que ça touche d'autres publics et et voilà et après on essaye de développer d'autres choses et notamment du son, on a commencé on a une journaliste en fait, qui travaille avec nous en piges depuis très longtemps qui nous fait des lectures d'articles et des podcasts voilà, elle a commencé à faire quelques-uns. [Pesquisadora]: Et tu comme journaliste comment tu travailles cette intersection entre numérique/papier ? [J5]: J'avoue que je la travaille pas énormément, là on a on s'est, parce qu'en fait notre collègue ((nome)) qui fait la maquette et le site internet, pour elle là c'était devenu très très lourd le site internet et justement on est en train d'essayer de se réorganiser pour pas qu'elle craque, parce que c'est bon... et puis c'est la seule qui fait tout son temps de travail sur ordinateur et physiquement, physiquement et mentalement en fait c'est dur, donc là elle nous a formé le mois dernier, bah tu vois,</p>
---------------------------------	---	---	---

	<p>il y en a 2 par exemple qui vivent il y en a un qui vit à Marseille l'autre à Lyon un moment donné ((nome)) donc l'autre ((nome)) il a décidé de déménager à Lyon bon ben on s'est arrangé quoi collectivement pour que ça puisse être possible. ((nome)) elle est la moitié de du temps en Espagne on s'est arrangé aussi donc c'est bien. Je moi aussi des fois enfin voilà par rapport à mes enfants à une époque j'ai travaillé pas le mercredi. Enfin le truc c'est que des fois le curseur entre le l'individuel et le collectif parfois c'est difficile, moi à un moment donné j'ai un peu j'ai un peu gueulé parce que justement ils venaient pour le bouclage, donc ils arrivaient soit lundi soit mardi on faisait des réunions mercredi jeudi et mercredi après-midi ils voulaient déjà partir, on avait fait les choses à toute allure, il n'y avait plus de moments de non plus de plaisir quoi être ensemble et puis on faisait les choses trop vite et c'était donc à un moment voilà moi j'ai dit qu'enfin je leur ai dit que que le curseur il était trop du côté individuel en fait et qu'on perdait le collectif, donc c'est tout le temps faut faut faut tout le temps ajuster et des fois bah ça fait aussi des tensions parce que on n'a pas tous la même notion de ce qui de jusqu'où doit aller le collectif, euh voilà donc c'est pas tout le temps hyper simple mais malgré tout ouais à chaque fois on arrive quand même à se retrouver et parce que c'est important même si on le vit pas on le pense pas tous de la même manière c'est quand même important pour tous donc on arrive à chaque fois à à se retrouver quoi. Lisa: Après, alors petit journal veut dire petit salaire et on pourrait pas avec nos salaires on n'arriverait pas à vivre à Paris, voilà donc ici on mange bien, on arrive à bien manger on arrive à vivre pas si mal que ça</p>	<p>administrative et commerciale, donc des jeunes qui n'ont rien à voir avec le journalisme et si leur prof elles voulaient que je les ben voilà que je les ouvre aux médias indépendants à qui sache comment comment se fait l'information quels sont les modèles économiques de la presse et tout, donc c'est intéressant mais c'est très... je me rends compte que en fait il y a une dimension vraiment politique c'est très compliqué... bah des fois c'est compliqué pour moi de me positionner surtout qui sont en gestion administrative et commerciale, donc ils ont un profil qui est pas du tout dans le même... enfin en tout cas dans la même tendance politique enfin voilà les sur les positionnements, par contre l'enjeu de l'information quand même ça les ça les titille, mais mais c'est voilà c'est compliqué de se positionner des fois parce que en fait l'information a une dimension politique, quand à partir du moment où où je vais essayé de leur faire comprendre que ben que les que le fait que les médias soient possédés par des milliardaires, ben ça a une implication sur l'information donc tout de suite t'as une t'as une vision critique sur l'information qui est publiée, donc sur la vision dominante de la société et cetera et ça heurté souvent leur leur conviction, leur comment ils se sont construits et tout ça, leur vision du monde et du coup des fois ben voilà je je je sais pas jusqu'où je dois aller tout ça. Donc voilà là je vais faire une formation, en fait il y a une formation qui est en train de qui qui est en train de se monter, ils en sont, ils ont fait une première session ils vont en faire une deuxième en mars de... parce qu'en fait l'éducation aux médias il y a pas mal de financements publics et il y a un enjeu pour</p>	<p>je te disais le vendredi on fait d'autres choses, ben là, là le mois dernier ça a été formation pour qu'on mette qu'on soit tous capables tous les journalistes de mettre des articles en ligne et donc là ben ça va être de mettre des articles en ligne et essayer de penser la régularité des publications, euh... on, on va, on a dit qu'on nommait chaque mois un coordinateur pour le site internet parmi nous et après moi c'est vrai que j'aime bien des fois utiliser internet quand même pour faire des liens entre les choses pour rebondir voilà plus vite que par le pas de journal papier mensuel, j'aime bien faire des oui des petits clins d'œil ou tu vois une bah pour revenir sur le sur le sexisme, j'avais fait il y a il y a plusieurs années déjà un truc une petite infographie sur la grammaire sexiste et et là j'ai une amie qui a sorti une super elle fait de la musique elle a sorti une super chanson là-dessus et j'ai envie de faire le lien, enfin voilà de de faire des trucs qui, qui, qui, qui font écho qui, qui emmènent un peu vers ailleurs, c'est ça qui que j'aime bien sur internet. [Pesquisadora]: Et comment tu penses que ce sera le futur du journalisme dans les petites villes, le journalisme indépendant comme vous et avec cette question de changement de de marché, changement par le numérique et cetera ? [J5]: Eh... je ne sais pas, j'en sais rien. Je pense que, je pense qu'en fait, alors si on parle dans tu reparles des petites villes du coup ça, ça, ça, ça envoie aussi sur l'information locale, enfin je pense qu'il y a vraiment un enjeu là, c'est pas, ça parle pas de nous, mais il y a un enjeu sur l'info local</p>
--	--	---	--

	<p>avec des petits salaires et finalement c'est important pour l'économie du journal euh...</p>	<p>nous c'est tous ces médias indépendants de d'être là aussi que ce soit pas que les gros en fait qui qui forment les jeunes enfin qui éduquent les jeunes à leurs médias et à leur façon de faire et et voilà et petit à petit l'état va imposer le fait qu'on soit formé et donc bah... c'est important ouais qu'on se qu'on se forme et qu'on arrive à à occuper ce terrain là je pense.</p>	<p>et les journaux régionaux, les quotidiens régionaux, enfin c'est quasiment que des vieux en fait qui les lisent maintenant et y aurait besoin d'autre chose mais, mais quoi ? Enfin, voilà est ce que c'est que sur internet ? Mais en fait ben, moi je trouve enfin que l'info sur internet ça ça suffit pas ça fonctionne pas et moi j'adore voilà j'adore imaginer d'autres médias, les médias, une époque je faisais des avec la MJC en fait, on faisait un journal on imprimait sur du A3 on le collait au mur et en fait ça marche les gens vont lire quand tu colles sur les murs, j'adore l'idée des de la crier, tu, tu vas voilà tu vas colporter l'information localement, enfin je, ça c'est et voilà, mais après c'est, c'est des, c'est un peu des rêves, qui enfin comment dire, moi j'aime bien là la rencontre entre le journalisme et l'éducation populaire, en fait je trouve que c'est super intéressant et qu'il y a plein de choses à faire de cette manière-là, après c'est sûr que c'est pas c'est pas la tendance dominante, mais, mais, mais je pense que ouais je pense qu'il y a un enjeu par rapport à ça et en tout cas je, j'ai envie d'imaginer que on s'informerait pas uniquement que par son téléphone et qu'en tout cas il y a un autre besoin quoi, même si, même si c'est la pratique dominante en fait. Je pense que tout le monde a un autre besoin, même si on s'en rend pas encore compte maintenant quoi.</p>
--	---	--	---

J6 (Jornal 2 Provence)	<p>[J6]: Euh, ah c'est, c'est, c'est compliqué parce que il n'y a pas vraiment de journée type on va dire que tous les jours je me connecte, on a une on a un serveur sur lequel on échange des informations, donc tous les jours on discute soit sur le rendu des articles sur les corrections, donc je relis des articles aussi, hein, c'est ça j'ai oublié ça dans les tâches, ah... donc il y a donc il y a ce serveur, il y a aussi du coup la boîte mail, donc beaucoup de mailing hein, on essaie de à la fois de relancer nos abonnés tous les mois pour qu'il sera bonne, parce qu'on a pas de de paiement automatique, une fois que l'abonnement est arrivé à l'échéance au bout d'un an il faut relancer les gens, donc du coup après il y a la partie rédaction bien sûr qui prend du temps, donc quand j'ai des rendez-vous je fixe des rendez-vous quand je peux pour aller rencontrer les personnes que que j'interviewe pour mes pour mes articles donc voilà on devrait dire ça j'en ai un ou deux par mois, parfois plus selon les... selon les, les, les articles que je fais, donc y a pas de journée type mais voilà y a toujours en tout cas ça passe beaucoup par par de l'internet puisque on a pas de local dans lequel on pourrait se réunir, donc après on se voit très souvent aussi parce qu'on est un un groupe d'amis, donc on a aussi beaucoup on va dire de réunions informelles c'est à dire de moments soit au bar, soit quand on est chez des amis, soit quand on se croise comme ça à des ((il tousse)) à des événements, on parle beaucoup du journal aussi, donc c'est à dire que même quand on est entre nous il y a une forme de travail un peu un peu informelle ((il tousse)), mais, mais y a pas ouais, y a pas vraiment de journée type avec des horaires et cetera, c'est pour s'agisser, c'est quand on a du temps libre et qu'on se voit on s'occupe</p>	<p>[J6]: Alors, ouais, c'est vrai j'ai dit formation classique alors, moi je l'ai fait à l'envers, parce que souvent on fait souvent les journalistes dans la presse on va dire mainstream font souvent une licence de sciences sociales ou ou de sciences humaines et après ils vont faire une école de journalisme pour avoir le côté professionnalisant, moi j'ai fait l'inverse mais, alors la fac quand même, alors mon diplôme professionnalisant du coup de l'école de journalisme, pour moi pas été très intéressant parce que c'est des écoles qui sont privées où semi privées qui coûtent cher et qui forment seulement à la technique donc c'est à dire savoir parler dans un micro faire du montage savoir filmer et cetera, mais donner aucun aucun cadre de pensée, aucune grille de lecture, aucun accès à un savoir universitaire et par contre c'est pour ça que je l'ai cherché ensuite à à la fac pour compléter mon bagage et donc la la fac ouais ça ça a été ça a été important, parce que ça m'a donné enfin voilà une logique de pensée, qui repose qui était scientifique en plus, puisque les sciences sociales sont aussi une science et après effectivement une fois qu'on a cette formation, bah après on pour on va dire pour toute la vie on a on a une manière de penser qui qui est qui est inscrite donc donc après quand tu disais le le savoir de tous les jours, ben finalement y a une continuité avec ma formation étudiante c'est à dire par mes lectures voilà je lis beaucoup beaucoup d'essais politiques et par la pratique alors ça par contre, ça c'est ce que nous ne nous apprend pas la fac mais moi j'ai appris énormément de choses avec ce journal, par la pratique c'est à dire des manières de discuter entre nous démocratiques, des</p>	<p>[J6]: Alors on a un site ouais, qui est surtout un support alors déjà pour s'abonner, ça passe par notre site, c'est on met sur notre site les les PDF de chaque numéro un mois après, donc on peut aussi nous lire en gratuit sur internet un mois après la parution, on publie quand même des articles parfois qu'on extrait d'un numéro pour le mettre en avant et parfois il arrive qu'on écrive des billets d'humeur enfin ou des choses qui se passent pas dans le papier et qui sont aussi sur internet, donc on est aussi sur les réseaux sociaux même si la plupart des gens de la rédaction sont soit n'y sont pas personnellement, soit n'y vont pas beaucoup, donc donc au début on n'avait pas trop envie d'investir ce ce terrain là, mais bon c'est un peu un passage obligé, donc on est aussi sur les réseaux, pas hyperactif, donc on n'a pas une énorme communauté, mais nous ça nous on y est parce qu'il faut y être mais c'est pas c'est pas quelque chose dans lequel on a on a vraiment envie d'investir du temps et et donc voilà, donc sinon voilà tout ce qu'on fait sur internet est gratuit et comme je disais c'est plus une vitrine un support au papier on va dire que vraiment une..., alors on essaie maintenant si quand même de chercher une forme de complémentarité en essayant de faire un peu de vidéo un peu de son et que et que et qu'internet permet quoi, que le site permet, donc on essaie de proposer des contenus un peu plus multimédias aussi quand on fait des reportages de manifs par exemple moi j'ai un petit peu de matos maintenant pour filmer donc donc maintenant c'est possible.</p>
------------------------	--	--	---

	<p>du du journal ((il tousse)), après évidemment on a quand même des deadlines puisqu'on est un mensuel, donc on va dire qu'on essaye le 15 du mois d'avoir les articles, en général ils sont toujours en retard, mais on a quelques dates comme ça qui jalonnent un peu de notre mois, on a des réunions à minima une par mois de réunions de rédaction pour préparer le numéro d'après et après quand on fait des événements style les assises, qui ça fait 2 ans qu'on organise ça donc avec le... on invite le reste de la presse pas pareil, ben voilà, ça fait des réunions supplémentaires où on prépare ces événements, là préparer une soirée de soutien, par exemple, la semaine prochaine, ben pareil, ça prend, ça prend un peu de temps, donc, donc voilà on est à la fois dans la rédaction et la conception du journal et aussi toujours un peu à essayer de de préparer, préparer l'événementiel et pour aussi ça c'est une question mais qui est commune à l'ensemble de, de la presse pas pareille c'est comment trouver l'argent quoi, donc la réflexion aussi sur essayer d'aller trouver des subventions pour l'instant on a toujours pas eu voilà, on n'a pas on n'a pas eu beaucoup de temps aussi à consacrer à ces questions-là mais voilà, ça fait partie aussi des choses qu'on fait d'essayer de chercher du soutien financier.</p>	<p>manières de d'organiser des événements qui soient le plus respectueux de nos valeurs, des manières de de ouais de même de se comporter en fait et parce que ouais au plus proche de ce qu'on défend ça effectivement ça ça s'apprend par par faire des choses quoi, tout simplement.</p>	<p>[Pesquisadora]: Et comment tu fais la division entre les numériques et les papiers, division de travail ? [J6]: Ah! Ça dépend du sujet en fait, si y a un sujet qui est vraiment propice à le mettre en images et que peut-être moins intéressant à mettre sur le papier, c'est pour ça que je donne l'exemple des manifs par exemple, bon un compte rendu de manif c'est pas hyper intéressant, par contre aller faire quelques captations en vidéo pour le mettre ensuite sur le site et en plus ça permet d'être plus réactif, parce que lire un compte rendu de manif un mois après parce que du coup notre périodicité elle est mensuelle, donc ça dépend ça dépend surtout du sujet comment on choisit de la manière de le traiter.</p>
--	---	---	---



UPF

UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO

UPF Campus I - BR 285, São José
Passo Fundo - RS - CEP: 99052-900
(54) 3316 7000 - www.upf.br